BOA CAMA BOA MESA
JÁ NAS BANCAS TAMBÉM *ONLINE* EM EXPRESSO.PT/BCBM

EXPRESSINHO HOJE GRÁTIS
NA REVISTA DO EXPRESSO

idealista
A app imobiliária líder em Portugal

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

# Expresso

26 de julho de 2024
2700 • €5 • Semanário

Diretor: João Vieira Pereira
Diretores-Adjuntos: David Dinis, Martim Silva, Miguel Cadete e Paula Santos
Diretor de Arte: Marco Grieco

www.expresso.pt

## 24h

### Morais Sarmento vai liderar a FLAD

O social-democrata Nuno Morais Sarmento, antigo ministro de Estado e da Presidência, foi nomeado por Luís Montenegro para presidir ao Conselho de Administração da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), uma organização criada pelo Estado português para promover o intercâmbio entre Portugal e os Estados Unidos da América. ÚLTIMA

### Bruxelas pede nomes a Portugal

A presidente da Comissão Europeia solicitou aos Governos dos Estados-membros para apresentarem dois nomes para o cargo de comissário até 30 de agosto. Ou seja, Luís Montenegro terá mais de um mês para indicar um homem e uma mulher para o lugar — e depois será Ursula von der Leyen a fazer a escolha final.

### Jerónimo Martins afunda-se em Bolsa

A empresa proprietária do Pingo Doce desvalorizou-se mais de 15% em Bolsa na sessão de ontem, depois de ter apresentado uma queda homóloga nos lucros do primeiro semestre deste ano. Os analistas consultados pelo Expresso dizem que a queda das ações se deve aos números da operação na Polónia, onde a empresa detém a cadeia de distribuição Biedronka, que ficaram muito aquém do esperado pelos investidores.

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: **ECONOMIA, REVISTA E** e ainda EXPRESSO BPI GOLF CUP e GUIA DO ESTUDANTE

# Novas regras atrasam contratação de médicos

Especialistas formados em março não serão colocados antes do fim do verão ➔ Só 13 das 39 ULS abriram concursos ➔ No ano passado, médicos foram distribuídos em julho P5

## Número de crianças sobe. Não acontecia há 20 anos

**Há mais 3 mil crianças até aos 14 anos a viver em Portugal. É o maior aumento desde a vaga de retornados de 1977**

A imigração — que está a contribuir para aumentar a natalidade e o número de habitantes — é a principal explicação para esta subida, numa altura em que Portugal regista o maior saldo migratório desde o pós-25 de Abril. P16

## PS e PSD ilibam Presidente no caso das gémeas

**Linhas de investigação devem afastar-se de Belém e virar-se para filho de Marcelo e seguradora brasileira**

Por agora, as explicações dos membros da Casa Civil do Presidente foram esclarecedoras. PS diz que há "ângulos mortos", mas menores, e PSD arrasa atitude do Chega por estar a usar o Parlamento para um "segundo round" contra Marcelo. P12

Simone Biles é figura central dos JO. Ao lado, os portugueses Fernando Pimenta e Gustavo Ribeiro, duas das esperanças portuguesas para a conquista de medalhas

FOTO DAVID RAMOS/GETTY IMAGES

## OS JOGOS VOLTAM A PARIS 100 ANOS DEPOIS

Suplemento especial de oito páginas com tudo o que precisa de saber para acompanhar as provas olímpicas P1

**GUSTAVO RIBEIRO, A ESTRELA DO SKATE PORTUGUÊS** R18

**OS NEGÓCIOS PORTUGUESES QUE GANHAM COM OS JO** E4

**O QUE PASSA PELA CABEÇA DE UM ATLETA OLÍMPICO?** PVIII

mantovani
Cozinha e Banho
www.mantovani.pt

## Fundos imobiliários alcançam valor recorde em Portugal E18

## Mais de 100 presidentes de Câmara obrigados a deixar o lugar

Limite de mandatos baralha contas e **força substituições** em PSD e PS P14

## Há 24 hectares da ilha de Tavira à venda P24

## Verão: 37 livros para ocupar os dias de férias R47

## Quais as reais hipóteses de Kamala Harris conseguir a vitória nos EUA? P8

LINHA DE APOIO À QUALIFICAÇÃO DA OFERTA 2024
No turismo, todo o apoio é bem-vindo.
Caixa. Com o Banco certo ao seu lado, a sua empresa cresce.
Saiba mais em cgd.pt
Caixa Geral de Depósitos, S.A., registada junto do Banco de Portugal sob o n.º 35.

João Vieira Pereira

# DEIXEM-NAS

Em muitas áreas é fácil confundir PSD com PS. Há pouco a separar este enorme centro quando se fala de apoios sociais, educação, saúde, segurança e até economia. Não há entre os dois o clássico confronto entre capitalismo e socialismo ou entre economia de mercado e planificação. Os dois não discutem a propriedade dos meios de produção como condição imprescindível para a criação de uma sociedade mais justa. Nenhum deles defende uma onda de nacionalizações ou a saída definitiva do Estado de todos os sectores empresariais.

No que respeita à economia, ambos sempre foram uma espécie de *tutti frutti* onde a maior ou menor presença pública varia de acordo com o enquadramento económico da altura. Se é verdade que a onda de privatizações começou com Miguel Cadilhe em 1989, num Governo social-democrata, não podemos esquecer que foi o Partido Socialista que procedeu à alienação do capital público de grandes empresas como a Galp, a EDP ou a PT (a primeira fase dá-se ainda no final do Governo de Cavaco Silva, mas é com António Guterres que o processo avança e é concluído).

A crise da dívida pública e o programa de ajustamento colocaram em cima da mesa mais uma série de privatizações (TAP, CTT, ANA), e só a partir desta altura, com o afastamento claro do PSD do centro, aumentaram as diferenças para o PS. A criação da 'geringonça' e o inevitável movimento contrário dos socialistas criaram a ideia errada de que eram favoráveis à nacionalização de uma série de empresas. A posição foi meramente política, facto confirmado pela decisão de avançar com a reprivatização da TAP após a ter nacionalizado com palavras de ordem que a colocavam para sempre na esfera do Estado.

Há, contudo, uma diferença assinalável entre PSD e PS. Ao longo das últimas décadas tem sido evidente que os socialistas, independentemente da titularidade do capital, têm maior tendência para intervir na vida das empresas. José Sócrates gostava de telefonar a CEO e presidentes de empresas para lhes dar ordens e até alinhava as estratégias internacionais que deviam seguir. O investimento desastroso da PT na Oi é o maior exemplo. É claro que neste caso se descobriu que Sócrates tinha muitos mais interesses do que apenas exibir o seu poder. António Costa chegou a ameaçar rever contratos públicos depois de Nuno Ribeiro da Silva, líder da Endesa, ter projetado que a fatura da luz ia subir 40%. Curiosamente, o gestor acabou por sair da empresa espanhola supostamente por questões de idade. Acredita quem quiser. Apenas dois exemplos que confirmam que a predisposição para olhar para as empresas como uma extensão da vontade do Governo é algo que sempre afetou políticos.

A anunciada falência da Inapa reúne tudo o que está mal nesta promiscuidade. O Estado tornou-se acionista de uma multinacional que comercializa papel apenas porque sim. Porque Mário Centeno, na altura ministro das Finanças e presidente do Eurogrupo, achou boa ideia tirar a Inapa da esfera da Caixa Geral de Depósitos e torná-la um problema dos contribuintes. O atual governador do Banco de Portugal, cuja carreira política parece destinada ainda a maiores voos, dispôs do dinheiro público sem dar as devidas explicações que lhe foram exigidas. Talvez fosse altura de explicar qual a racionalidade deste investimento. Os contribuintes agradeciam.

**O recente caso da anunciada falência da Inapa reúne tudo o que está mal nesta promiscuidade. O Estado tornou-se acionista de uma multinacional que comercializa papel apenas porque sim**

A derradeira prova das ligações entre Governo e empresas está na forma como os empresários prestam uma espécie de vassalagem a detentores de cargos políticos, proferindo críticas em surdina e elogios em público apenas porque sabem o poder que o Estado tem sobre a economia portuguesa. A diminuição deste poder, de forma direta e indireta, devia ser um objetivo nacional. A junção destes dois mundos tantas vezes incompatíveis devia ser resumida ao mínimo possível. Com o Estado a ser legislador, regulador e supervisor.

A decisão do atual Governo de fechar a torneira à Inapa, que só tem algum paralelo na decisão de Passos Coelho de dizer não a Ricardo Salgado quando este lhe pediu que a Caixa salvasse o BES, devia ser o novo normal. E, já agora, Miranda Sarmento devia pedir uma avaliação a todas as participações empresariais, diretas e indiretas, que o Estado tem.

jvpereira@expresso.impresa.pt

**SETE DIAS, SETE RAZÕES PARA GUARDAR O EXPRESSO**
**Se comprou o Expresso, aproveite o código que está na capa da Revista E. Coloque-o em *código.expresso.pt* e, durante a próxima semana, poderá: ❶ Ler todas as notícias e conteúdos digitais do jornal; ❷ Receber *newsletters* exclusivas com o resumo diário das principais histórias; ❸ Fazer comentários em *expresso.pt*, dando a sua opinião; ❹ Visitar a redação do Expresso e conversar com os jornalistas; ❺ Ter acesso a eventos exclusivos do Expresso; ❻ Jogar *online* palavras cruzadas, sudokus e sopas de letras; ❼ Procurar edições anteriores em formato digital.** GRÁTIS, DURANTE SETE DIAS, COM ESTE JORNAL

## Duelo

**A polémica surgiu nos Açores depois de aprovada uma proposta sobre atribuição de vagas em creches, mas já alastrou ao Continente**

João Bruto da Costa

Presidente do Grupo Parlamentar do PSD/Açores

Francisco Vale César

Presidente do PS Açores

# FAZ SENTIDO QUE O EMPREGO DOS PAIS SEJA CRITÉRIO DE ACESSO A CRECHES GRATUITAS?

## SIM

Os partidos da coligação PSD/CDS/PPM aprovaram uma recomendação ao governo regional para ser dada prioridade na atribuição de vagas em creche às crianças em lista de espera cujos progenitores ou encarregados de educação trabalham, e que, por isso, estejam impossibilitados de prestar os cuidados necessários aos seus filhos durante o horário laboral.

Esta recomendação não exclui outras prioridades que já são consideradas, sendo exemplo a sinalização pelas CPCJ, e não retira de nenhuma creche qualquer criança que já tenha vaga como, lamentavelmente, se tem tentado difundir. Aliás, ainda vigora nos Açores, há 23 anos, o Decreto Regulamentar Regional nº 17/2001/A, de 29 de novembro, que estipula no artigo 12º que: "A valência de creche destina-se a acolher as crianças pertencentes a famílias em que ambos os progenitores, o progenitor que tem a criança à sua guarda ou aquele ou aqueles a quem a criança foi confiada, trabalham, ou famílias que, por razões sociais devidamente fundamentadas, não possam assegurar em permanência a sua assistência, entre a idade correspondente ao termo da licença por maternidade, paternidade ou adoção e o ingresso no jardim de infância." Ou seja, a legislação regional feita em 2001 pelo PS, se interpretada de forma literal e sem o trabalho entretanto realizado pelo atual governo, mais do que uma prioridade para as crianças cujos pais trabalham, definia uma quase exclusividade para esses agregados.

**Já são cerca de 4 mil as crianças açorianas que se encontram em creches sem qualquer encargo**

**Para não variar, o governo regional esconde informação e, não satisfeito, opta pelo caminho mais fácil**

Motivado pela importância da frequência em creche para todas as crianças, o atual governo regional tem vindo a trabalhar para que o objetivo de ter vagas para todos seja uma realidade. Por outro lado, desenvolvemos políticas de apoio à natalidade, a par de outras medidas de promoção do acesso ao elevador social, nas áreas do emprego, qualificação e formação, essenciais para o futuro da região, estabelecendo um novo paradigma de combate à exclusão e às desigualdades.

Conscientes desta nova realidade, em que são cada vez mais os açorianos que trabalham (os Açores têm hoje a maior população ativa de sempre), em que se promove a natalidade e se dão mais condições para um desenvolvimento integral das crianças, foi entendimento de que esta sinalização no acesso às vagas em creche contribui para consolidar este novo paradigma que se está a estabelecer. Na verdade, o acerto das políticas sociais executadas nos Açores desde 2020 é comprovado pelos números: em 2019, após mais de duas décadas de governos socialistas nos Açores, apenas cerca de 700 crianças estavam em creches gratuitas; em 2024, já são cerca de 4 mil as crianças açorianas que se encontram em creches sem qualquer encargo para as suas famílias, que assim poupam cerca de €4 milhões por ano, o que se traduz em cerca de 471% de aumento do número de crianças em creches gratuitas.

Por conhecermos bem o ciclo intergeracional de pobreza e exclusão social a que os Açores foram levados, estamos a consolidar políticas que acreditamos terão resultados positivos.

## NÃO

Um projeto de resolução do Chega na assembleia legislativa dos Açores, que recomendou que se "alterem as regras de admissão nas creches, dando prioridade às crianças com pais trabalhadores" recebeu o apoio dos partidos que suportam o atual governo regional (PSD, CDS/PP e PPM).

Que o Chega aproveite os seus assentos no parlamento dos Açores para fazer coisas dessas, não me surpreende de todo, tanto mais que em Lisboa o mesmo partido já tinha tentado semelhante proeza. É conhecido o seu discurso contra as pessoas com mais necessidades, ou mais vulneráveis, como se essas pessoas tivessem de ser expurgadas da vida quotidiana, afastadas, porque pesam na nossa responsabilidade política de fazer qualquer coisa mais... Na República, porém, a proposta não passou, porque não teve apoio de ninguém. Por cá, não só passou, como a dado momento fez rir o presidente do governo. Há quem ria por nervosismo, talvez tenha sido o caso.

É claro que não ignoro a falta de lugares em creche para todas as crianças. Todavia, não aceito que se diga que há um aumento de crianças em creche, entre 2019 e 2024, de 700 para 4 mil, sem que se explique a que se deve esse aumento. Deve-se não ao trabalho do governo regional, mas sim, ao facto de o Governo da República ter tornado gratuitas em todo o país as vagas existentes nas creches e, claro, ter apoiado a região para que concretizasse essa medida!

Para não variar, o governo regional esconde informação e, não satisfeito, opta pelo caminho mais fácil, discriminando crianças, em razão da família onde nasceram. De nada serve, por isso, falar de equidade, de igualdade e de transparência se depois — num determinado momento, como foi o dia 12 de julho, as prioridades passarem a ser a própria sobrevivência política, em detrimento de um direito maior do que todos: o de que todas as crianças tenham acesso à educação, desde a primeira infância, isto é, desde os 6 meses. Só assim vencem desigualdades e se quebram ciclos de pobreza! Se assim não for feito, de nada servem, a não ser para autocomiseração, os discursos vagos sobre as elevadas taxas de abandono escolar precoce de educação e formação, o número de pessoas a viver de subsídios como o RSI, o aumento da pobreza, da marginalidade, da toxicodependência e os atrasos em relação às médias da União Europeia!

Pela minha parte, como presidente do PS/Açores, usarei tudo o que estiver ao meu alcance para que esta alteração não se cumpra. Defendo que o que é preciso é criar mais vagas em creche, construir mais creches, promover acordos com a rede privada e alargar, e melhorar, a rede de amas! A prioridade é cada uma das crianças. Todas elas, independentemente da ilha onde nasceram, da origem social das suas famílias, são o futuro dos Açores!

Para que esse novo futuro se concretize, para que seja mais forte, mais participado, mais coeso social, territorial e economicamente, é fundamental que todos, sem exceção, sejam apoiados, amparados e incentivados nos seus percursos, a começar — desde logo e, justamente, pela escola!

# A Semana

Por **MARTIM SILVA**
mgsilva@expresso.impresa.pt

**JOGOS OLÍMPICOS**
Cem anos depois, Paris volta a receber os Jogos Olímpicos. Entre esta sexta-feira e o dia 11 de agosto, mais de 10 mil atletas, 73 dos quais portugueses, vão competir pela glória olímpica. Será que Portugal conquista as almejadas quatro medalhas?

**MARCELO**
O Presidente da República decidiu promulgar um conjunto decisivo de diplomas aprovados no Parlamento, contra a vontade do Governo, nomeadamente relacionados com o IRS e o IVA da eletricidade. A moeda de troca desta vitória da oposição, pede Marcelo, é que agora se negoceie a sério o Orçamento do Estado para 2025. O PS vai dar a mão?

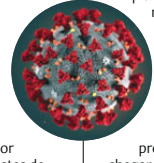
**KAMALA HARRIS**
Joe Biden, cada vez mais pressionado, cedeu e no domingo disse que não seria recandidato à Casa Branca. O caminho para Donald Trump voltar à Presidência pareceu ficar mais desimpedido. Resta saber se Kamala Harris consegue mostrar-se uma candidata à altura.

**AIMA**
Dança de cadeiras. O Governo transferiu o presidente da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) para a nova estrutura de missão para as migrações, de que Pedro Góis será o diretor científico, e nomeou Pedro Portugal Gaspar como novo líder da organização.

**SERVIÇOS SECRETOS**
A falha dos serviços secretos norte-americanos no atentado contra Donald Trump levou a sua responsável máxima a ser ouvida no Congresso. A audição correu de tal forma que conseguiu unir democratas e republicanos no pedido de demissão que fizeram. A queda foi confirmada no dia seguinte.

**INAPA**
Aos 60 anos de vida, a empresa de distribuição de papel atravessa uma fase delicada. A Inapa anunciou o pedido de insolvência e a administração pediu a demissão, pelo que o Estado, o maior acionista, tem um problema em mãos.

**COVID-19**
A Autoridade da Concorrência condenou um conjunto de laboratórios nacionais a uma pesada multa de 48,6 milhões de euros por cartel para análises e testes de covid-19. Ganhar dinheiro desta forma durante um período de tragédia é mesmo chocante!



**MONTENEGRO**
O primeiro-ministro, já de boa saúde, esteve durante vários dias da semana em visita a Angola, onde se encontrou com João Lourenço.

**CALOR**
Lembra-se o que fez no último domingo? Pois saiba que foi o dia mais quente de sempre no planeta desde que há registos. A temperatura média na Terra nesse dia foi de 17,09 graus.

**PRÉ-ÉPOCA**
Ainda a meio gás, regressa o futebol a Portugal, com a pré-época já quase a chegar ao fim, ainda com muitas notícias de contratações e vendas pelo meio. No próximo fim de semana, dia 3, começam as competições oficiais, com o jogo da Supertaça entre o Sporting e o FC Porto.

**GREVES**
Semana de greves dos médicos. Semana de greves nos comboios. Semana de greves nos autocarros. Semana de ameaça de greves dos professores. Estamos mesmo na *silly season*?

EM DESTAQUE

Miguel Sousa Tavares não escreve a coluna habitual esta semana

**SNS** Concursos para novos especialistas foram entregues às ULS. Menos de metade iniciou o processo. Em 2023 contratos fecharam em julho

# Governo muda regras e atrasa contratação de médicos

SNS tem 904 vagas nos centros de saúde e 1256 nos hospitais para especialistas FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

VERA LÚCIA ARREIGOSO

Os novos médicos especialistas esperam há cinco meses pelos concursos para poderem ficar a trabalhar nos centros de saúde ou hospitais do Serviço Nacional de Saúde (SNS). O Ministério da Saúde mudou as regras num despacho de 25 de junho e a contratação só agora está a começar, sob críticas severas dos clínicos. No ano passado, em julho, estavam concluídas todas as contratações e os profissionais em exercício como especialistas.

Ao invés de manter o procedimento nacional com seriação dos médicos pela nota obtida no final do internato da especialidade, em março, o Governo optou por transferir os concursos para as 39 Unidades Locais de Saúde (ULS), deixando ao seu arbítrio os critérios de classificação e a própria calendarização do processo. Isto é, sem impor datas para a abertura e para o término. Até agora, menos de metade das ULS avançou com os concursos.

No total, o SNS irá abrir 904 lugares nos cuidados primários e 1256 nos hospitais, ligeiramente menos do que no ano passado, quando foram ocupadas 314 das 978 vagas de medicina geral e familiar. Este ano, na primeira época formaram-se 433 médicos de família, sendo que nem todos poderão querer ficar no SNS.

Os dados publicados pela Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS) — também este ano com a intervenção reduzida à mera publicitação dos concursos — mostram que só 15 das 39 ULS colocaram vagas à escolha, cinco delas sem oferta de lugares para médicos de família. São os casos das ULS Alto do Ave, Barcelos/Esposende, Matosinhos, Santo António (Porto) e Santa Maria (Lisboa). No lado oposto, com uma aposta na medicina familiar, estão Almada-Seixal (35 lugares), Arco Ribeirinho, Barreiro (44), Loures-Odivelas (40), Tâmega e Sousa, Penafiel (21) e Trás-os-Montes e Alto Douro (37).

"Vamos ter 39 concursos com prazos e métodos de seleção discrepantes. Serão 39 júris a decidir pela nota ou entrevista, currículo, formações feitas ou carta de motivação, etc. No caso da medicina geral e familiar piorou, nivelou-se por baixo", garante o presidente da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar, Nuno Jacinto. O modelo escolhido pelo Governo é sobretudo penalizante para os novos médicos de família, pois o concurso pode ser aberto para toda a ULS, sem indicar o centro de saúde concreto onde os especialistas vão ficar colocados.

Nos hospitais o problema é o tempo, pois terá de ser constituído um júri para cada especialidade médica, o que pode tornar os concursos ainda mais morosos. E essa tarefa pode interferir até na prestação de cuidados. Quando o Ministério da Saúde delegou a seleção dos médicos nas ULS, estabeleceu que "a função de júri é prioritária em relação às demais atividades". Ou seja, os jurados podem faltar a consultas ou cirurgias programadas, por exemplo, para avaliarem candidatos.

Ao Expresso, o gabinete da ministra da Saúde, Ana Paula Martins, reconhece as dificuldades: "Os avisos que têm chegado nos últimos dias têm sido registados para que se obviem dificuldades e se garanta que os próximos concursos serão aperfeiçoados." E acrescenta: "Estamos a preparar um despacho que minimize a heterogeneidade adversa a um processo que visa a autonomia e a celeridade."

O ministério justifica a mudança das regras com a necessidade de "reforçar a autonomia das ULS" e devido à "generalização do modelo desde janeiro, que implicou a necessidade de as entidades se ajustarem a uma nova realidade que antes não se observava, por exemplo ao recrutamento de especialistas em medicina geral e familiar", então centralizado pela ACSS.

Nuno Jacinto garante, porém, que o diagnóstico feito pelo Governo está errado. "Não há um benefício óbvio na mudança. Não manter o concurso nacional com seriação pela nota foi uma opção política e as ULS foram empurradas para este processo", explicando: "Se querem que as ULS tenham autonomia, então que lha deem, e não foi o caso. Podiam manter o concurso nacional ou permitir a contratação direta, pura e dura."

### Ministério garantiu que "estava tudo preparado"

A análise é partilhada pelo presidente da Associação das Unidades de Saúde Familiar, André Biscaia. "Quiseram fazer concursos para a medicina familiar como para as especialidades hospitalares, e não faz sentido. No ano passado funcionou bem, agora sobrepuseram o perfil hospitalar e quem o aconselhou não percebe nada de cuidados primários."

O médico aponta ainda outra mudança, igualmente para pior: "Acabaram com os concursos para mobilidade. É exigida autorização das ULS de saída e de entrada, o que não vai acontecer, porque todas têm falta de médicos." O prognóstico é fácil de fazer: "Os médicos vão continuar a sair do SNS às dezenas."

Os representantes dos médicos de família e cuidados primários garantem que Ana Paula Martins foi advertida a tempo para os riscos de alterar os concursos, mas não mudou de ideias. "Alertámos que, pelo menos para esta época, não seria a melhor opção porque iria, desde logo, atrasar", afirma Nuno Jacinto. Qual foi a resposta? "O Governo respondeu que estava tudo preparado e que aguardássemos."

varreigoso@expresso.impresa.pt

## Centro para aliviar urgências afinal fecha à noite

O Centro de Atendimento Clínico (CAC) do Porto, que servirá para atender doentes não urgentes transferidos das urgências hospitalares, funcionará, afinal, apenas até à uma da manhã. Quando foram anunciados, os centros previstos para o Porto e para Lisboa estariam abertos 24 horas, para receber doentes triados nas urgências com pulseiras verdes e azuis. A informação de que pelo menos no Centro da Prelada tal não acontecerá é dada ao Expresso pelo provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto, António Tavares, que refere que a decisão terá sido tomada pelo Ministério da Saúde depois de analisar as horas de "maior pressão" nos serviços de urgência. O responsável pelo CAC do Porto também dá conta de que este centro não deverá abrir antes de 18 de agosto. Depois de uma visita da ministra da Saúde, Ana Paula Martins, às instalações do Hospital da Prelada, em junho, António Tavares já assumia que dificilmente esse CAC entraria em funcionamento no início de julho. Nessa altura apontou a abertura para finais deste mês. Na calha estará a contratação de pelo menos 12 médicos de família a tempo inteiro, complementados com outros profissionais em prestação de serviço, numa lista de 65 a 70 médicos, antecipa. Já em Lisboa, depois de o Governo não ter chegado a acordo com o Hospital das Forças Armadas, a ministra anunciou que este atendimento irá fazer-se no Centro de Saúde de Sete Rios, mas também só a partir de meados de agosto. JOANA ASCENSÃO

escola das artes

Candidaturas abertas!

CATÓLICA ESCOLA DAS ARTES PORTO

• Licenciaturas • Mestrados
• Pós-graduações • Doutoramentos

• Cinema
• Conservação e Restauro
• Fotografia
• Indústrias Criativas
• Som e Imagem:
Animação
Design de Som
Efeitos Visuais
New Media Art
Video

artes.ucp.pt

# ALTOS

**Pedro Nuno Santos**
Secretário-geral do PS

A promulgação do Presidente, contra a vontade do Governo, de diplomas do PS aprovados pela oposição no Parlamento representa uma vitória esta semana para Pedro Nuno Santos. A estratégia de Marcelo Rebelo de Sousa, que Pedro Nuno não quer valorizar, é clara ao procurar abrir caminho para entendimentos no Orçamento e permite ao líder socialista reivindicar ganhos em matérias importantes como o IRS.

**João Almeida**
Ciclista

João Almeida ficou em 4º lugar na classificação geral na primeira vez em que participou na Volta à França, o que faz do ciclista português já o segundo melhor de sempre no Tour, depois de Joaquim Agostinho. Aos 25 anos, tornou-se ainda o primeiro ciclista português a conquistar o top 5 nas três maiores voltas da modalidade.

**Nuno Borges**
Tenista

Depois de João Sousa, Nuno Borges tornou-se o segundo tenista português a vencer uma prova de topo do circuito internacional. Na final do torneio de Bastad, na Suécia, bateu um dos maiores nomes do ténis mundial, Rafael Nadal, num terreno em que o espanhol é especialista. Nuno Borges atingiu a sua melhor classificação de sempre no *ranking* mundial (o 42º lugar). Seguem-se os jogos Olímpicos de Paris.

# E BAIXOS

**Sofia Marinho Pires**
Juíza de Instrução Criminal

A juíza encarregada de refazer a decisão instrutória da Operação Marquês, depois de o Tribunal da Relação de Lisboa ter arrasado o despacho de Ivo Rosa, voltou atrás. Sofia Pires, que começou por não aceitar a tarefa, assumiu a função e avançou com diligências. Ao saber que Ivo Rosa já tinha regressado de baixa médica, decidiu recuar, sem que tenha havido qualquer reatribuição do processo ao antigo juiz de instrução. A Justiça fica com um novo problema em mãos numa altura em que a Operação Marquês completa 10 anos e já há crimes a prescrever.

**Nuno Marques**
Diretor-geral da Associação Nacional de Laboratórios

A Autoridade da Concorrência acusa alguns dos mais importantes laboratórios nacionais de se terem aliado em cartel, durante vários anos, com o objetivo de fixar preços e proceder a uma partilha do mercado na prestação de serviços de análises e testes de covid-19. A ilegalidade, que os visados contestam, implica a aplicação de uma multa superior a 48 milhões de euros.

PAULA SANTOS
paulasantos@expresso.impresa.pt

# EM DESTAQUE

## Covid Laboratórios trocavam mensagens para concertar preços

**Concorrência condenou oito grupos em €57 milhões. Três empresas colaboraram na investigação**

Alguns dos maiores laboratórios privados em Portugal fixaram preços, manipularam o mercado e concertaram posição nas negociações com o Estado para testes à covid-19 e análises clínicas, segundo concluiu a Autoridade da Concorrência (AdC). Trocas de *e-mails* e também de WhatsApp, transmitidas por empresas que denunciaram a participação no alegado cartel, estiveram na base do processo que culminou em coimas aplicadas a oito grupos e à Associação Nacional dos Laboratórios Clínicos (ANL), por um valor global que excedeu os €57 milhões. Os visados contestam e o caso segue agora para tribunal.

Na decisão consultada pelo Expresso são várias as passagens citadas que levam a AdC a concluir por uma concertação destes laboratórios, quer para o preço a ser aplicado, quer para balizar a capacidade de fazer testes à covid ou outras análises clínicas. "Acabo de desligar de uma *call* com [Joaquim] Chaves e Germano. Cada um deles está hoje com capacidade de produção de mil testes por dia. Devemos mesmo ver em que medida podemos conseguir reforçar a nossa capacidade", de acordo com um *e-mail* captado pela AdC. A entidade presidida por Nuno da Cunha Rodrigues agarra-se a outros exemplos, como perguntas deste género entre concorrentes: "Podem dizer-me o peso da ADSE nas vossas vendas?", sem citar a origem e o destinatário das conversas.

Em março de 2020, assim que a covid chega à Europa e para facilitar esta alegada concertação, quatro dos laboratórios visados, entre os quais a Germano de Sousa e a Joaquim Chaves, criaram dois grupos de WhatsApp: um chamado Covid Seguradoras, com a Medis, a Multicare e a AdvanceCare, para "discutir o fornecimento de testes covid", e outro apenas entre eles, para "acordar a posição nas negociações em curso com as seguradoras". Também aqui a AdC considera ter havido conversas sobre preços, que, na sua ótica, embatem na Lei da Concorrência. O Ministério da Saúde não quis comentar.

### Affidea denunciou, Unilabs juntou-se depois

A maior coima foi aplicada às empresas do grupo Affidea, com presença em Portugal desde 2007, no valor de €26,1 milhões. Apesar disso, foi ela que, em 2020, quando estava a ser comprada pelo Groupe Bruxelles Lambert, chegou à AdC com um pedido de clemência, denunciando a participação num alegado cartel. O inquérito foi então aberto pela AdC, e, mais tarde, outro grupo laboratorial (a Unilabs, por via do seu laboratório Carlos da Silva Torres) juntou-se e apresentou processo idêntico.

A investigação prosseguiu, mas a AdC chegou entretanto a um acordo com dois grupos (Unilabs e Synlabs) no âmbito de procedimentos de transação: as entidades assumem a culpa, abdicam de discutir em tribunal, mas beneficiam de uma redução da coima que seria aplicável. Foi a documentação que estas empresas entregaram, bem como a da Affidea, que sustentou a acusação. Mas as empresas do grupo Affidea não chegaram a acordo com a AdC.

Houve buscas no processo logo após a primeira denúncia, mas o que delas resultou não foi utilizado; apenas e só a documentação entregue pelos três grupos serviu de sustentação à decisão da AdC. Esta foi uma forma de se proteger de uma dúvida que tem pairado sobre a concorrência: as buscas foram validadas por um procurador do Ministério Público e não por um juiz de instrução, e esse é um assunto que não gerou ainda jurisprudência — e que ameaça colocar em risco centenas de milhões de euros em coimas em grandes processos da AdC, nomeadamente visando as grandes empresas de supermercados.

O caso foi agora decidido pela AdC e vai seguir para o Tribunal da Concorrência, para onde contestam as visadas (e já houve confirmação de algumas de que o iriam fazer). A ANL fala em "interpretação distorcida", "errada" e "injusta".

DIOGO CAVALEIRO
e GONÇALO ALMEIDA
dcavaleiro@expresso.impresa.pt

**COIMAS DA AUTORIDADE DA CONCORRÊNCIA**

**HORMOFUNCIONAL E ALVES & DUARTE (GRUPO AFFIDEA)**
€26,1 milhões

**JOAQUIM CHAVES**
€11,5 milhões

**GERMANO DE SOUSA**
€9,3 milhões

**ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS LABORATÓRIOS CLÍNICOS**
€10 mil

**MARIA CELESTE FORMOSINHO FERNANDES (GRUPO REDELAB)**
€200 mil

**LAC JORGE LEITÃO SANTOS**
€100 mil

**LABETO**
€1,4 milhões

**SYNLAB — acordo com AdC**
€5 milhões

**ML DR. CARLOS DA SILVA TORRES (UNILABS) — acordo com AdC**
€3,9 milhões

## O Cartoon de António Haverá milagre?

## Crime Jovem morto por ajudar rapariga

**Empregado de bar de 22 anos foi assassinado por um cliente que estava a importunar uma rapariga**

Bastou um único golpe de faca no peito para matar Keldeny Silva, um jovem de 22 anos que interveio para defender uma rapariga que estaria a ser importunada por um homem num bar em Carcavelos, concelho de Oeiras.

De acordo com uma fonte policial, a vítima mortal era um funcionário do bar que enfrentou o outro homem, de 23 anos, pondo fim a uma situação tensa com a rapariga sem que tenha havido nessa altura qualquer cena de violência.

O agressor saiu do local com os amigos, mas voltou horas depois, armado e escoltado por um grupo de jovens que confrontaram Keldeny quando este saiu do trabalho e esperava no parque de estacionamento por um transporte que tinha chamado. "Foi atingido no peito uma única vez, com uma faca de pequenas dimensões", precisa a fonte.

Keldeny Silva foi ferido com gravidade e acabou por morrer no local, apesar de ainda ter sido assistido pelos socorristas do Hospital de Cascais, que foram chamados de urgência. "Há casos em que as vítimas são atingidas mais vezes por armas de maior dimensão e sobrevivem. Foi muito azar", explica a fonte.

O agressor foi imediatamente identificado pelas testemunhas que estavam no local do crime e terá sido filmado pelas câmaras de vigilância. Fugiu, mas entregou-se às autoridades duas horas depois do homicídio, já na madrugada de 24 de julho, no posto da GNR de Vialonga, Vila Franca de Xira, assumindo ter sido ele a esfaquear Keldeny Silva, que era conhecido pelo diminutivo de Kadu e vivia em Portugal há poucos meses.

O suspeito foi presente a um juiz de instrução criminal e, à hora do fecho desta edição, ainda não eram conhecidas as medidas de coação decretadas pelo juiz.

### Agressor arrisca pena máxima

O homicida, que não tem quaisquer antecedentes criminais, terá contado à polícia que conhecia a rapariga e que os dois tinham tido uma relação afetiva. Está indiciado pelo crime de homicídio qualificado, punível com 25 anos de prisão, a pena máxima.

Ainda de acordo com a mesma fonte, o homem que se entregou à GNR foi o único a agredir a vítima mortal e é considerado o único responsável pelo crime.

Segundo os últimos dados divulgados pela Direção-Geral de Política de Justiça, o número de crimes registado em 2023 é o maior de sempre nos últimos 10 anos.

RUI GUSTAVO
rgustavo@expresso.impresa.pt

## Inapa
# Gestão acusa Governo de decidir sem dados

**Governo não viu viabilidade na ajuda à Inapa. Audiência solicitada pela gestão a governante não aconteceu**

A gestão demissionária da Inapa, liderada por Frederico Lupi, acredita que o Governo recusou o empréstimo de curto prazo de até €12 milhões, que permitir evitar a sua insolvência, sem que tivesse todos os dados em cima da mesa.

"Tudo nos leva a acreditar, até através do comunicado emitido pelo Ministério das Finanças, que o Governo não deverá ter tomado a decisão em posse de toda e a mais recente informação", segundo disse ao Expresso fonte oficial e autorizada da distribuidora de papel que anunciou, no domingo, que iria para insolvência (ver Economia, pág. 8)

A Inapa precisava de um apoio de €12 milhões, que solicitara aos três principais acionistas (a Parpública, com 45%, a Nova Expressão, com 11%, e o Novo Banco, com 7%). O objetivo era cobrir uma falha de tesouraria na Alemanha, que acreditava estar resolvida em breve, com condições para reembolsar em outubro. Todavia, enquanto os últimos mostraram abertura, a empresa estatal recusou, apoiada por pareceres do Estado, nomeadamente da Direção-Geral do Tesouro e Finanças (DGTF).

A Inapa não sabe quais os alertas deixados pela Parpública ao Governo, mas acredita que não percebeu que a *holding* estatal precisava de conceder apenas €8,4 milhões, porque o restante partia dos restantes acionistas. Outro ponto é que este empréstimo não se somava a um plano de reestruturação de €15 milhões já solicitado pela Inapa — ou seja, havia um plano maior já pedido, mas os contactos em julho visavam apenas obter um empréstimo para colmatar falta de liquidez, para devolver em três meses. Ademais, no parecer da DGTF, não havia resposta a uma dúvida levantada sobre a capacidade da Parpública fazer o empréstimo sem autorização governamental.

O Ministério das Finanças considerou que a Inapa não tinha "uma atividade considerada como estratégica para a economia portuguesa", e que "a proposta não reunia condições sólidas, nem demonstrava a viabilidade económica e financeira que garantisse o ressarcimento do Estado". E nisso não está só: antes da recusa do Estado, já os contactos da Inapa para auxílios vindos de bancos tinham sido infrutíferos.

A Inapa diz ter tentado uma audiência com o secretário de Estado do Tesouro e Finanças, João Silva Lopes, que "não aconteceu". "Todas as comunicações foram intermediadas pela Parpública", ressalva a empresa de distribuição de papel, que desde 2020 foi tentando reestruturar a sua frágil situação financeira. Desde 2000, quando deixou a produção de papel, a Inapa procura uma nova via, tendo diversificar e encetado aquisições, incluindo fora do país, designadamente França e Alemanha. Este último mercado, onde concluiu uma compra em 2019, ficou sob pressão com a covid-19, e não recuperou. D.C. e G.A.

**Justiça** As duas primeiras figuras da hierarquia do Estado parecem unidas a defender uma reforma do sistema. Pura ilusão, no entanto. Nem no tempo nem no modo estão concertados

# Novo PGR divide PR e Aguiar-Branco

**Marcelo Rebelo de Sousa discorda de Aguiar-Branco quando este defende que deve haver uma audição prévia do futuro PGR no Parlamento** FOTO JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

JOÃO PEDRO HENRIQUES

A ideia de uma audição prévia no Parlamento à personalidade indigitada para suceder a Lucília Gago na Procuradoria-Geral da República coloca em rota de colisão as duas primeiras figuras da hierarquia do Estado. Enquanto o presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar-Branco, a defende, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, opõe-se. E ninguém sabe como se desata o nó.

"Acho que era saudável. Sou favorável a que haja esse espaço de poder haver essas audiências, porque muitas vezes até são injustos os juízos que se fazem em relação a uma pessoa ou a uma determinada função, porque eles resultam ou do desconhecimento ou de menor compreensão da forma como as coisas têm de acontecer", explicou Aguiar-Branco há dias, numa entrevista ao "JN"/TSF.

Do ponto de vista público, Marcelo Rebelo de Sousa tem preferido não se mostrar demasiado vocal sobre esta inovação que o presidente do Parlamento pretende introduzir no processo de escolha do futuro procurador-geral da República. Contudo, o Expresso sabe que a ideia não é bem-vista em Belém.

Para já, porque, de um ponto de vista legal, o Parlamento não mete nem prego nem estopa na escolha da liderança do Ministério Público. O que a Constituição determina (artigo 133) é que compete ao Presidente da República nomear o procurador-geral da República — e fazê-lo "sob proposta do Governo". Dito de outra forma, é uma escolha feita a quatro mãos, exclusivamente entre o chefe de Estado e o primeiro-ministro.

Isto significa que os deputados não têm nada a ver com o processo. E se há casos em que há audições prévias no Parlamento a personalidades indigitadas para cargos, essas audições funcionam sobretudo para cargos que dependem diretamente de eleição pelos deputados: os juízes do Tribunal Constitucional ou o provedor de Justiça, por exemplo. No limite, uma auscultação prévia à personalidade escolhida para dirigir o Ministério Público pode acabar por desautorizar completamente a escolha conjunta do primeiro-ministro e do Presidente da República.

Marcelo — sabe o Expresso — está expectante quanto à forma como decorrerá a interação que terá necessariamente de ter com o primeiro-ministro para escolher o sucessor de Lucília Gago. Os tempos mudaram e o Presidente sabe que os métodos de Montenegro são radicalmente diferentes dos de António Costa. Com este, sobre a escolha de Lucília Gago para suceder a Joana Marques Vidal, as conversas demoraram mais de um ano, com sucessivos nomes em cima da mesa e num processo de depuração que levou à escolha final. Agora, com Montenegro, o Presidente espera escolhas apresentadas de forma abrupta.

A diferença de ideias entre Marcelo e Aguiar-Branco sobre a inovação da audiência prévia à personalidade escolhida para chefiar a Procuradoria-Geral da República demonstra também como, podendo os dois serem vigorosos defensores de uma reforma geral na Justiça, na verdade, nos detalhes é muito mais aquilo que os divide do que o que os une.

**NA ESCOLHA DO NOVO PGR, MARCELO SABE QUE A INTERAÇÃO COM MONTENEGRO SERÁ ABRUPTA. COM COSTA DEMOROU MESES**

### Diferentes velocidades

Marcelo entende que situações expostas em casos judiciais recentes, nomeadamente escutas telefónicas que se prolongam durante anos (Operação Influencer) ou detenções demasiado prolongadas para interrogatório (suspeitos de corrupção na Madeira), podem ser resolvidas de forma "cirúrgica" e muito rápida num entendimento entre o Governo e o PS. Idealmente, na visão de Belém, isso até deveria acontecer a tempo da escolha do novo procurador-geral da República (o mandato de Lucília Gago termina em 12 de outubro), de forma que o novo titular do cargo dispusesse, nas questões da investigação criminal, de um novo quadro legal já estabilizado. Em suma, o Presidente admite uma reforma geral, mas feita a várias velocidades.

Já Aguiar-Branco tem defendido que essa reforma global do sistema de justiça deve ser feita toda de uma vez, prolongando-se pelo tempo que for necessário — recusa, portanto, a ideia de se partir a reforma 'às postas', com umas partes concretizadas antes de outras.

"Todos sabemos que não é possível fazer isso num ano ou dois. Há coisas que podem ser feitas num ano, há outras que poderão levar dois, mas é bom ter uma visão estratégica e uma visão enquadradora do que se vai fazendo." E sugeriu até a criação de uma "espécie de estrutura de missão que pudesse depois ser a redatora de muito do que se diga", disse o presidente da Assembleia da República na tal entrevista ao "JN"/TSF.

jphenriques@expresso.impresa.pt

# NO FIM ERA O VERBO

**PRÉMIO CADERNO DE ENCARGOS**

**"Todos os diplomas terão de encontrar cobertura no OE, a fim de poderem ser executados, não sendo, por isso, irrelevantes para contribuir para o debate e aprovação do Orçamento"**

**Marcelo Rebelo de Sousa**
Nota do Presidente da República ao promulgar sete diplomas, tanto do Governo como da oposição

**PRÉMIO A FATURA SEGUE DENTRO DE MOMENTOS**

**"Estas escolhas não são inconsequentes. [...] Quem promoveu estas alterações deve dizer ao país o que é que oferece em troca"**

**Luís Montenegro**
Primeiro-ministro, sobre os decretos da oposição promulgados pelo PR

**PRÉMIO LEITURA SELETIVA**

**"Aquilo que aconteceu foi a promulgação de diplomas aprovados pela AR. Não estamos a falar de OE e nós não fazemos leituras nas entrelinhas daquilo que é escrito pelo senhor Presidente"**

**Pedro Nuno Santos**
Secretário-geral do PS

**PRÉMIO DEFESA DA HONRA**

**"O PR não tem rigorosamente nada a ver com isso [tratamento das gémeas]. Não houve qualquer tratamento de favor"**

**Fernando Frutuoso de Melo**
Chefe da Casa Civil da Presidência da República

**PRÉMIO DEFESA DA HONRA II**

**"Não me acuse de mentir, isso atinge a minha honra"**

**Maria João Ruela**
Assessora da Presidência da República para os Assuntos Sociais, dirigindo-se a André Ventura na comissão parlamentar sobre o caso das gémeas

**PRÉMIO SEM ALTERNATIVA**

**"A defesa da democracia é mais importante do que qualquer cargo"**

**Joe Biden**
Presidente dos EUA, no discurso de desistência da sua recandidatura à presidência dos EUA

**PRÉMIO AO ATAQUE**

**"Encontrei criminosos de todos os tipos. Escutem-me quando digo que conheço o tipo de Donald Trump"**

**Kamala Harris**
Vice-presidente dos EUA, no discurso em que assumiu a sua candidatura à presidência dos EUA

**PRÉMIO RIPOSTAR**

**"Agora temos uma nova vítima para derrotar: a mentirosa Kamala Harris. A mais incompetente e mais à esquerda vice-presidente da história americana"**

**Donald Trump**
Candidato à presidência dos EUA

PAULA SANTOS
paulasantos@expresso.impresa.pt

ESTADOS UNIDOS

**De vice a Presidente?** Considerada fraca, com baixas taxas de aprovação e currículo sem grande rasgo, Harris tem trunfos contra Trump

# Mas, afinal, Kamala pode ganhar?

A vice-presidente granjeou apoios para se tornar a candidata democrata, sem grande contestação
FOTO BRENDAN SMIALOWSKI/REUTERS

HÉLDER GOMES

Após o anúncio da retirada da candidatura de Joe Biden a um segundo mandato presidencial domingo passado, intensificou-se o turbilhão da política americana. Num discurso feito na Sala Oval, três dias depois, o Presidente explicou a decisão: "O melhor caminho a seguir é passar o testemunho a uma nova geração." Ou seja, à sua vice-presidente.

A cerca de 100 dias das eleições, Kamala Harris já estava em pleno modo de campanha, agora com o seu nome em primeiro lugar no *ticket* democrata. Terça-feira visou diretamente o seu rival republicano. "Enfrentei criminosos de todos os tipos: predadores que abusavam de mulheres, burlões que roubavam consumidores, batoteiros que infringiam as regras para seu próprio benefício. Por isso oiçam-me quando digo que conheço o tipo de Donald Trump", atirou, aludindo ao seu passado como procuradora-geral da Califórnia.

E não recuou ao passado mais recente como senadora ou vice-presidente (cargo que ainda ocupa) decerto por ser impactante desferir um primeiro grande ataque contra Trump, assente no contraste entre uma antiga procuradora e um atual condenado por crimes, mas também porque a sua carreira no Senado e na vice-presidência esteve longe de ser brilhante. Em rigor, a sua passagem pela Justiça também já lhe valeu fortes críticas, sobretudo pela mão pesada sobre afro-americanos.

### Entusiasmo visível

Mas pode uma candidata considerada fraca por muitos, com baixas taxas de aprovação e currículo sem grande rasgo tornar-se a primeira mulher Presidente dos Estados Unidos? Harris é vista assim porque "muitas vezes se apresenta um pouco rígida, como se estivesse a ler a partir de um teleponto ou a seguir um guião rigoroso e não se sentisse muito confortável em público", explica John Aldrich, professor no Departamento de Ciência Política da Universidade Duke, na Carolina do Norte. "Em princípio, isso pode ser corrigido, mas é difícil mudar o modo de apresentação perante o público de toda uma vida", acrescenta ao Expresso. Para já, Harris apresenta-se "tão entusiasmada por estar onde está que parece mais espontânea, livre e autêntica". Precisa de aproveitar o momento de "atenção positiva" que a sua candidatura gerou e cavalgar essa onda, mesmo tendo o calendário contra si.

Robert Donaldson, professor emérito de Ciência Política na Universidade de Tulsa, no Oklahoma, sublinha que ela "não teve as mesmas oportunidades" que o próprio Biden para desempenhar uma vice-presidência "de maior relevo". Enquanto Obama "se apoiou" na "longa experiência" de Biden no Senado, quando este chegou à presidência "recorreu aos seus próprios conhecimentos e contactos no Congresso, em vez de delegar algumas dessas funções em Harris". A tarefa de grande visibilidade que Biden atribuiu a Harris foi lidar com as "causas profundas" da imigração em massa proveniente da América Latina. E assim, prossegue o professor de Tulsa, a agora candidata presidencial ficou na "posição desconfortável de absorver a maioria das críticas dos republicanos à Administração" cessante.

**HARRIS SERÁ MUITO ATACADA PELA GESTÃO DA IMIGRAÇÃO, MAS PODE ATRAIR O VOTO FEMININO E JOVEM PELAS SUAS POSIÇÕES SOBRE ABORTO E GAZA**

### Pelos direitos reprodutivos

Essa é uma das 'batatas quentes' que Harris tem em mãos, e integrará o arsenal político de Donald Trump e do seu candidato a vice, J.D. Vance. Em contrapartida, tem sido "elogiada pelo seu desempenho no papel de porta-voz da Administração em nome dos direitos reprodutivos" — leia-se aborto, outro dos temas quentes destas eleições.

O gestor de relações públicas e analista político Russell Schaffer junta uma camada de relativismo. "Historicamente, os vice-presidentes estão sempre na sombra dos seus Presidentes. A piada é que o principal trabalho de um vice é perguntar todas as manhãs se o Presidente ainda está vivo. Se estiver, pode voltar a dormir", graceja em conversa com o Expresso, de Nova Iorque. Demonstrando que "a vice-presidência é muitas vezes um bilhete para nenhures", Schaffer refere que "a última vez que o vice de um Presidente em exercício foi eleito Presidente foi em 1988, com George H.W. Bush". Muitos outros falharam, incluindo Al Gore em 2000 e Richard Nixon em 1960, exemplifica. Nixon só viria a ser eleito oito anos mais tarde, enquanto Gore nunca chegou à presidência.

Com a entrada fulgurante de Harris na corrida ao lugar cimeiro, ambas as candidaturas terão de mudar ou, pelo menos, ajustar as agulhas. Para o professor da Duke, "as táticas de campanha vão mudar, estão a mudar, e os republicanos terão de se adaptar a uma candidata que é mais jovem, obviamente mais enérgica, mulher e de uma minoria". Harris é filha de pai jamaicano e mãe indiana. Quanto ao campo democrata, faz parte da Administração, pelo que estará "sujeita a ataques sobre a forma como Biden tem gerido a economia e tudo o resto".

Na avaliação de Aldrich, "a situação na fronteira será a mais difícil" para Harris, que, por outro lado, terá mais facilidade em falar para os eleitores mais jovens "por vários motivos", como a própria idade (fará 60 anos dias antes das eleições; Trump tem 78) ou as posições sobre o aborto e a guerra em Gaza.

### *Swing states* e vice

Há uma singularidade da política americana que pode baralhar ainda mais o jogo: os *swing states*, Estados oscilantes entre democratas e republicanos que decidem eleições. Arizona, Geórgia, Michigan, Nevada, Pensilvânia e Wisconsin serão cruciais este ano. Esta geografia do pêndulo é importante para a escolha do candidato a vice-presidente de Harris. Em teoria, deve servir de contrapeso demográfico ao presidenciável, atendendo a questões de género e etnia, e ser capaz de alargar a base eleitoral num ou mais Estados. Não é por acaso que os nomes mais ventilados são os de homens brancos de *swing states*: Josh Shapiro, governador da Pensilvânia, e Mark Kelly, senador eleito pelo Arizona. Também se fala de Gretchen Whitmer, mas a governadora do Michigan, outro Estado oscilante, já sinalizou que não quer ser vice-presidente.

Por fim, há o outro 'elefante na sala', aponta o professor de Tulsa. "Harris seria a primeira Presidente e apenas a segunda pessoa não branca no cargo. O historial de discriminação racial e de género da América só pode ser ultrapassado por uma campanha forte, algo que Harris não demonstrou no passado", remata Donaldson.

hgomes@expresso.impresa.pt

### O QUE DEFENDE A VICE-PRESIDENTE

■ **Aborto:** é defensora de uma lei que proteja, a nível nacional, o direito das mulheres a interromper a gravidez, à semelhança do que estipulava o acórdão do Supremo Tribunal conhecido como "Roe vs. Wade", revogado em 2022.

■ **Pena de morte:** sempre se manifestou contra a pena de morte, que ainda vigora em vários estados do país.

■ **Armas:** enquanto vice-presidente, fez campanha por leis mais rigorosas de controlo de armas, incluindo a verificação de antecedentes para proprietários mais jovens.

■ **Imigração:** diz que o sistema "está estragado e precisa de ser consertado", estando em causa "o sofrimento de milhares de crianças e famílias"; o assunto, altamente sensível, não pode ser reduzido a "uma questão política".

■ **Clima:** orgulha-se de pertencer à Administração que diz ter levado a cabo o "maior investimento climático da história da América".

■ **Guerra em Gaza:** tem ido mais longe do que Joe Biden na condenação da "catástrofe humanitária" provocada pela ofensiva israelita; é a favor da solução dos dois Estados e quer um "cessar-fogo imediato".

■ **Guerra na Ucrânia:** apoia os esforços de autodefesa da Ucrânia contra a agressão russa e a ajuda militar a Kiev.

JOANA PEREIRA BASTOS e MARA TRIBUNA

**GAZA** Que pode Biden fazer nos meses que lhe restam para pôr fim à guerra no Médio Oriente? Leia em expresso.pt

# Legado de Biden manchado por saída "caótica" do Afeganistão

**Foi "um dos Presidentes mais consequentes", com a pegada legislativa "mais forte" desde Roosevelt. Mas a "saída caótica" do Afeganistão é uma mancha**

"Não vou a lado nenhum." Joe Biden disse-o três vezes nos quatro minutos que durou a chamada que fez, segunda-feira, para o quartel-general da candidatura democrata à Casa Branca. Nas primeiras declarações públicas desde que, na véspera, anunciara a desistência da corrida a um segundo mandato, o Presidente mostrou-se "totalmente empenhado" na eleição da sua vice-presidente, Kamala Harris, em novembro. Mas até janeiro, altura da tomada de posse do senhor (ou senhora) que se segue, levará o seu primeiro — e único — mandato até ao fim.

Robert Donaldson, professor emérito de Ciência Política na Universidade de Tulsa, prognostica que "Biden será considerado pelos historiadores um dos Presidentes mais consequentes dos Estados Unidos". Nos dois primeiros anos após a sua tomada de posse, a 20 de janeiro de 2021, quando os democratas tinham "magras maiorias" no Congresso, "a sua Administração introduziu e aprovou legislação transformadora que fez avançar a luta para travar as alterações climáticas", sublinha ao Expresso.

Na imigração "apertou os procedimentos de asilo na fronteira sul", com o México, "o que reduziu um pouco o fluxo de imigrantes ilegais, mas sem as medidas cruéis de separação de famílias adotadas por Trump", sinaliza.

Importa lembrar que Biden assumiu a presidência em plena crise global da pandemia de covid-19, tendo adotado medidas de "investimento direcionadas para ajudar as famílias com rendimentos mais baixos" e os idosos, com "legislação destinada a reduzir os preços dos medicamentos sujeitos a receita médica".

O gestor de relações públicas e analista político Russell Schaffer junta medidas relativas ao controlo de armas, infraestruturas e tecnologia, além da "reconstrução da economia, que salvou do abismo", diz a partir de Nova Iorque.

John Aldrich, professor no Departamento de Ciência Política da Universidade Duke, concretiza mais no plano histórico. "Parece muito provável que Biden terá a lista mais forte de legislação marcante desde Franklin D. Roosevelt, com exceção dos dois anos em que Lyndon B. Johnson tinha uma maioria à prova de veto e obstrução e dos quase dois anos em que Barack Obama também dispunha de uma maioria à prova de *filibuster*", contextualiza.

**Biden "reverteu as políticas de Trump" contra a NATO, "alargando-a e unificando-a" após a invasão da Ucrânia**

Fora de portas há a destacar "a capacidade de unir os aliados ocidentais — e por vezes mais do que isso — em assuntos internacionais", o que "contrasta definitivamente com o Presidente Trump, que irritou aliados e teve políticas externas inconsistentes".

### Remendar laços

Biden "reverteu as políticas de Trump" contra a NATO, "alargando-a e unificando-a, especialmente na forte resposta à invasão da Ucrânia pela Rússia", sintetiza Donaldson. Noutra reversão de políticas do seu antecessor, fez os Estados Unidos regressarem ao Acordo de Paris sobre as alterações climáticas. O professor de Tulsa indica igualmente que "Biden consolidou a aliança Ásia-Pacífico, encorajando relações mais próximas entre a Coreia do Sul e o Japão e reforçando as defesas de Taiwan".

A marca que deixa na política externa é "muito positiva, com os Estados Unidos mais solidamente posicionados para conter a expansão russa e chinesa" — isto apesar do Afeganistão e de Gaza. "Embora Trump tenha negociado o pacto com os talibãs para a retirada das tropas americanas, a sua execução muito desorganizada é uma mancha negra na Administração Biden, tal como o seu apoio inicial, excessivamente entusiasmado, às ações brutais de Israel contra o Hamas, que levaram à morte de muitas dezenas de milhares de civis palestinianos", resume Donaldson. Schaffer carrega nas críticas: "A saída do Afeganistão foi precipitada, caótica e, pior do que tudo, mortal." **H.G.**

# Ucrânia e Rússia no impasse até às eleições

**A ajuda anunciada pelos EUA promete chegar até janeiro, mas, se Donald Trump ganhar, o revés pode ser grande**

Com a Rússia a perder até 1200 soldados por dia, a estratégia de Vladimir Putin para derrotar a Ucrânia pode ser resumida no momento revelador de uma entrevista com Tucker Carlson. Sobre a possibilidade de maior envolvimento americano, o Presidente russo perguntou: "Não têm nada melhor para fazer?"

Poucas são as mudanças produzidas nos últimos meses ao longo da extensa linha da frente de mil quilómetros na Ucrânia. O avanço recente das forças do Kremlin no leste e nordeste do país resultou em nada mais do que ganhos territoriais modestos. A Ucrânia e a Rússia mostram sinais de fadiga e até de desintegração, admite ao Expresso Joseph Fitsanakis, professor de Estudos de Informação e Segurança na Universidade da Carolina Costal. "A Rússia está a ter milhares de baixas por dia. Esta situação não poderá prolongar-se muito mais tempo."

### Novembro será crucial

Se, contudo, Donald Trump vencer as presidenciais de 5 de novembro, não é fácil prever o que acontecerá depois de janeiro de 2025, quando tomar posse. "É por isso que os ucranianos já estão a contactar a equipa de Trump, e estão a fazer um esforço para obter ganhos territoriais tão significativos quanto possível, melhorando a posição de eventuais negociações caso Trump tente impor algum acordo", contextualiza Christoph Bluth, professor de Relações Internacionais da Universidade de Bradford, no Reino Unido.

**"Se Trump vencer, o golpe moral para os ucranianos pode ser muito severo", afirma um perito ao Expresso**

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia, Dmytro Kuleba, estima que a Rússia controle 17,68% do território ucraniano, em comparação com 17,61% a 1 de janeiro de 2024. O general Christopher Cavoli, alto responsável da NATO, já afirmou que, embora as forças ucranianas estejam a ser lentamente empurradas para trás nalguns pontos da linha da frente, o país tem uma "grande" estratégia militar.

É provável, além disso, que o financiamento para a ajuda dos Estados Unidos à Ucrânia aprovado pelo Congresso em abril venha a durar até janeiro. Se ambas as Forças Armadas em confronto já estão exaustas, mas num impasse ativo, novembro pode mudar tudo, assegura Fitsanakis. "Se Trump entrar de novo na Casa Branca, o golpe moral para os ucranianos pode ser tão severo que percam a vontade de lutar, o que terá consequências dramáticas."

**CATARINA MALDONADO VASCONCELOS**
cmvasconcelos@expresso.impresa.pt

## Guerra e Paz

**Miguel Monjardino**
guerraepaz.expresso@gmail.com

# O GAMBITO DA DAMA

Que consequências políticas, a nível interno e externo, terá a decisão de Joe Biden de desistir da sua recandidatura à presidência dos Estados Unidos e apoiar Kamala Harris? Confesso que me tenho sentido um pouco ambivalente, como F. Scott Fitzgerald, ao tentar responder a esta pergunta.

Por um lado, é possível argumentar que Biden e o seu círculo mais próximo agiram de forma complacente desde o final do ano passado. A ambição, a vaidade e a firme certeza que é uma figura histórica nos Estados Unidos levaram-no a esconder o seu declínio cognitivo e adiar até ao limite a transição para uma nova geração no Partido Democrata.

Por outro lado, a decisão de Biden — embora tardia — pode ser vista como a abdicação voluntária em nome do interesse nacional da República liberal e democrática americana. No passado domingo, Yasheng Huang, professor no MIT e autor do livro "The Rise and Fall of the East: How Exams, Autocracy, Stability, and Technology Brought China Success, and Why They Might Lead to Its Decline" (Yale: 2023) escreveu na rede social X: "Não choro há muitos anos, mas agora estou a chorar de forma incontrolável. Tenho imenso orgulho por o meu país adotivo ter um líder tão abnegado e dedicado ao bem comum do país." Muitos poderão pensar o mesmo após o discurso de Biden, quarta-feira. O mais natural é que estas duas avaliações de Biden possam coexistir.

A decisão de Biden e a tentativa de assassínio de Trump transformaram por completo a campanha eleitoral nos Estados Unidos. Republicanos e democratas têm muito pouco tempo para reconstruir as suas táticas políticas. Entre os primeiros, assistimos à consolidação de uma nova coligação populista e multiétnica com uma agenda de políticas públicas orientada para a classe trabalhadora, favorável aos sindicatos e hostil às grandes empresas. Mesmo que seja derrotado em novembro, este movimento político poderá vir a ser tão influente como os que foram liderados por Andrew Jackson e William Jennings Bryan no século XIX.

Quanto aos democratas, estão a fazer um rápido ajustamento ao nível das suas coligações internas e expectativas, para poderem também ganhar as eleições para a presidência e a Câmara dos Representantes. Mesmo assim, é duvidoso que a possível escolha de Harris como candidata à Casa Branca consiga impedir a polarização do país em termos de geografia, níveis de educação e identificação ideológica. É por isso que tentativas de análise das eleições à volta da misoginia, racismo e condenação de Trump por um tribunal não são úteis. Os seus eleitores sabem tudo isto e não deixarão de votar nele por causa destes factos. Esta polarização é a maior ameaça ao futuro dos Estados Unidos e das suas alianças.

A Europa vai para férias sabendo que uma vitória de Trump em novembro levará Washington para um realismo prudente que tenha em conta os limites do poder dos Estados Unidos e os seus interesses permanentes ao nível financeiro, comercial e militar. Se Harris ganhar, a mudança será mais lenta, mas acabará por acontecer. No norte e no centro da Europa, uma série de governos começa a preparar-se para vários cenários euro-atlânticos. E nós?

POLÍTICA ORÇAMENTO

**Negociações** Governo acredita que promulgações de Marcelo obrigam o PS a entrar no jogo negocial e empurram a viabilização. Os socialistas insistem que Montenegro tem de mexer nas suas propostas, que mais pesam

# Montenegro e Pedro Nuno só falam em setembro

JOÃO DIOGO CORREIA, JOÃO PEDRO HENRIQUES e LILIANA VALENTE

Com Montenegro doente, Pedro Nuno Santos não foi ao encontro com o Governo para negociar o Orçamento FOTO PEDRO PINA/RTP

O Presidente da República sugeriu ao Governo e ao PS que aproveitassem o verão para negociar o Orçamento do Estado (OE) do próximo ano mas Luís Montenegro só deverá estar disponível para reunir com Pedro Nuno Santos em setembro, quando retomarem as conversas com todos os partidos. Adiada a primeira oportunidade, por razões de saúde do primeiro-ministro, o intervalo de tempo até ao encontro serve agora para PSD e PS respirarem sobre as promulgações de Marcelo Rebelo de Sousa, em particular as de matéria fiscal, e tentarem usá-las a favor de cada um. E se os dois puderem reivindicar vitórias, o grande vencedor no final será Marcelo.

De um lado está o Governo, que já começou a avisar a oposição que os custos das medidas promulgadas tornaram a margem para negociar mais curta, abrindo assim as hostilidades. Aliás, em São Bento, fala-se num argumento negocial: com a promulgação das medidas da oposição, sobretudo do PS, o Governo já está obrigado a ceder em matérias das quais discorda. O passo dois é evidente: é a vez de a oposição fazer o mesmo em relação às do Governo. E aí as traves-mestras de Luís Montenegro, a descida do IRC e o IRS Jovem, ganham um novo fôlego.

Contudo, crentes de que o Presidente deu mais um empurrão para que o OE seja mesmo viabilizado, os sociais-democratas não largam o modo de desafio. A começar pelo primeiro-ministro, que numa visita de Estado a Angola esta semana quis explicar ao secretário-geral do PS que "as decisões têm consequências" e que se acrescentaram medidas com impacto orçamental têm agora de as compensar.

O argumentário do PS antecipa o jogo de pressão e assenta em duas variáveis. A primeira é a de que o Presidente deu razão à oposição e que a promulgação de medidas como o fim das portagens nas ex-SCUT, a descida do IVA da eletricidade ou da descida do IRS, contra a vontade do executivo, trata-se, não de uma oposição a governar a partir da Assembleia, mas da mais elementar prática parlamentar e constitucional. A segunda é sobre as contas.

### Contas públicas dividem

Pedro Nuno Santos recusa que a margem orçamental tenha reduzido com as medidas promulgadas uma vez que "o impacto é muito, mas muito inferior às que o Governo tem apresentado": €2 mil milhões do lado do Governo, com IRS Jovem e IRC; 300 milhões do PS, defendeu o líder do PS. Para a descida das taxas de IRS, apesar de o desenho final ser do PS, o valor orçamental era o do executivo. Ou seja, se o Governo quer negociar, não pode acenar com o valor orçamental destas medidas, mas sim aceitar mexer nas suas, mais pesadas.

Ainda as conversas não começaram ao mais alto nível (embora os socialistas tenham saído da primeira reunião com o Governo, sem os líderes, a falar em "confiança" e "esperança") e já há choques sobre as contas.

Os socialistas queixam-se de o Governo não dizer qual a margem que tem para as negociações e para isso contribui não ter sido enviado ao Parlamento, com as grandes opções 2024-2028, o quadro com as previsões de despesa orçamental para os próximos anos, que fixa o valor da despesa que tem de constar do OE 2025.

NA quinta-feira, os socialistas pediram ao presidente da Assembleia da República para que inste o Governo a disponibilizar esse documento, dizendo que isso é fundamental para assegurar a transparência do processo orçamental. "Tal omissão é grave no atual contexto político, em que se debate a sustentabilidade orçamental e a gestão das finanças públicas", escreveu a direção da bancada do PS, num ofício dirigido Aguiar-Branco.

A discórdia entre os dois lados começa já este ano. O Governo tem alimentado a dúvida sobre se baixa ou não o IRS este ano, mudando as taxas de retenção na fonte para irem ao encontro da descida que Marcelo promulgou. Tinha sido uma promessa do Executivo, caso a medida final fosse a sua, mas sendo a do PS o Ministério das Finanças tem recusado dizer o que fará. E Montenegro também não o fez. "Quando é o Governo a legislar, eu sei qual é a intenção do legislador", disse o primeiro-ministro. Mas como quem legislou foi a Assembleia da República, Montenegro diz que não sabe qual é a intenção.

**GOVERNO CONTINUA A ESCONDER DO PARLAMENTO PREVISÕES DA DESPESA PÚBLICA FUTURA**

Sem surpresa, o PS discorda. Pedro Nuno Santos lembrou que Montenegro pediu sempre descidas de impostos para 2024 quando era líder da oposição e que, por isso, agora que é primeiro-ministro, deve fazê-lo. Se não avançar, o secretário-geral do PS "só pode concluir" que se trata de "uma birra".

jdcorreia@expresso.impresa.pt

## OE 2025: o que une e separa PS e Governo

**As principais diferenças são nos impostos como o IRC ou o IRS Jovem, medidas que o Governo adiou para setembro**

As negociações para a viabilização do Orçamento do Estado (OE) 2025 começaram na semana passada, apenas sobre as linhas gerais e já é certo que haverá temas em que PS e Governo encalharão, sobretudo nas descidas do IRC e do IRS Jovem, que o Governo considera imprescindíveis tal como estão. O Executivo tirou-as da letra de lei do OE, para serem debatidas à parte, mas o impacto orçamental (cerca de €2 mil milhões) faz-se sentir nas contas do OE que o Governo tenta aprovar com o PS. O que os separa?

### IRC: AINDA LONGE

É um dos calcanhares de Aquiles entre PS e PSD. O Governo entregou uma autorização legislativa no Parlamento, para que os deputados o autorizem a baixar a taxa geral de IRC em dois pontos percentuais ao ano, até atingir os 15% em 2027. O PS contesta uma descida transversal, porque insiste que esta medida apenas beneficia as empresas da grande distribuição e banca e não as pequenas empresas.

No programa eleitoral, os socialistas propunham a redução da tributação autónoma para os automóveis que, defendiam, tinha um impacto maior em todo o tecido empresarial. Uma medida que a equipa de Montenegro pescou e incluiu no programa de Governo (pelo que admitiria incluí-la na reforma). Porém, além disso, o PS defende que a descida do IRC deve ser seletiva e condicionada a dois objetivos: ao reinvestimento dos lucros em inovação e tecnologia e ao aumento dos salários. O PSD admite negociar, mas sem abdicar do seu objetivo: o líder parlamentar Hugo Soares admitiu, em entrevista à SIC Notícias, que é possível discutir uma "aceleração" para estas empresas como acrescento, não abdicando o Governo da descida geral.

### IRS JOVEM: POR UMA MINORIA?

Os socialistas têm criticado, ainda que com cautelas, a descida do IRS Jovem. No argumentário do PS, a medida do Governo beneficia "uma minoria" dos jovens até aos 35 anos que têm salários mais altos e não a maioria, que ganha pouco. Ainda por cima, acrescentam, a medida tem um impacto orçamental elevado (€1500 milhões), que poderia ser distribuído de outra forma.

O Executivo considera que a taxa máxima de 15% é parte da "espinha-dorsal" do seu programa e essencial para convencer os jovens a não emigrarem. Acontece que nem a IL concorda com a proposta como está, considerando-a injusta. Montenegro admitiu trabalhá-la com a oposição, em especial com os liberais. No Governo considera-se que esta não deverá ser uma linha vermelha para o PS por ser difícil de explicar como é o partido contra uma medida que beneficia um eleitorado que pretende captar — e ao qual o Governo de António Costa atribuiu benefícios fiscais.

### PENSÕES OU CSI?

O Governo lançou o aumento do Complemento Solidário para Idosos (CSI) para €600 para tentar alcançar os €820 no final da legislatura. Ainda que o PS continue a defender o apoio via CSI, mas alerta para que não se crie uma injustiça em relação a quem contribuiu. Por isso, defende antes o aumento de pensões, a começar pelas mais baixas e contributivas. Apesar das diferenças, pode haver caminho negocial neste aspeto. L.V.

# O MUNDO NUMA CAIXA

**Esta é a nossa caixa Oyster, a primeira caixa estanque de relógio de pulso do mundo, criada pela Rolex em 1926 e patenteada.** Uma funcionalidade única, que contém um complexo mundo de engrenagens e peças minuciosamente trabalhadas. Fabricada com algumas das ligas mais refinadas, a caixa Oyster é inigualável na sua resistência a todos os tipos de agressão externa. Nenhum outro objeto tão hermético e estático abriu portas a tantas possibilidades. Com o seu design original patenteado, formado por uma luneta, um fundo de caixa e uma coroa de rosca na caixa intermédia, mudou profundamente o curso da história da relojoaria e estabeleceu novos padrões de estanquidade para todos os relógios de pulso. Até hoje, a caixa Oyster continua a proteger os nossos relógios e os mecanismos neles contidos. É a prova inquestionável da nossa busca contínua pela fiabilidade.

*#Perpetual*

OURIVESARIA PORTUGAL

LISBOA - AMOREIRAS SHOPPING CENTER, LOJA 2110 - TEL. 213831986
WWW.OURIVESARIA-PORTUGAL.PT

ROLEX

COMISSÃO DE INQUÉRITO

CPI virou-se esta semana para Belém, com a audição do chefe da Casa Civil e da assessora para os Assuntos Sociais
FOTO TIAGO MIRANDA

# Marcelo respira de alívio. CPI das gémeas perde força na pista de Belém

Apesar de "ângulos mortos", **PS e PSD estão esclarecidos** quanto ao papel do Presidente

Textos **CLÁUDIA MONARCA ALMEIDA**

Prestes a interromper os trabalhos para as férias parlamentares e na semana antes de Marcelo Rebelo de Sousa decidir se vai responder (presencialmente ou por escrito) aos deputados, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) ao caso das gémeas virou as atenções para a Presidência. Mas se o Chega parece continuar convicto de que há uma "verdade" a descobrir, PSD e PS estão por agora esclarecidos quanto ao papel da primeira figura do Estado e da sua equipa e a linha de investigação de ambos afasta-se de Belém. Depois de durante meses o caso pender sob a cabeça do Presidente da República (PR) e de fazer sérias mossas na sua popularidade, os dois maiores partidos parecem ilibar o Presidente de qualquer responsabilidade no caso.

"Não tenho evidência, em momento algum, de rigorosamente nada que diga que a Presidência da República fez alguma coisa errada", afirma António Rodrigues ao Expresso. Para o coordenador do grupo parlamentar do PSD, Fernando Frutuoso de Melo e Maria João Ruela deixaram "tudo esclarecido" e mostraram que este "processo foi tratado como as outras centenas que são tratadas na Presidência". Mais ainda quando há um *e-mail* de Nuno Rebelo de Sousa para Frutuoso de Melo a queixar-se da "percecionada inação" da assessora, que é "prova de que não estava a receber situação de favor".

Quanto ao próprio PR, António Rodrigues aponta que este "nunca mais aparece na troca de *e-mails* sem ser em CC nos *e-mails* que vão correndo" e que "não há evidência de que tenha pedido à Casa Civil para enviar o caso para o Governo". E neste ponto o PS parece concordar: "Neste momento, da atuação do PR não surgiu nada mais à CPI do que aquilo que está nos *e-mails* da Casa Civil e que já era público", afirma o coordenador do grupo parlamentar do PS, João Paulo Correia.

Quando faltam cerca de 40 audições, há ainda tempo para esclarecer e consensualizar. Mas se o Chega nega usar a CPI para atacar a imagem do Presidente, PS e PSD mantêm-se críticos da atuação do partido de Ventura e essa tensão será ainda maior quando for debatido e votado o relatório da CPI. Como foi um pedido potestativo, caberá ao Chega escrevê-lo, e a linha de investigação do partido tem sido diferente da seguida pelo PS e PSD.

Os socialistas criticam a "partidarização" feita pelo Chega, que "mancha e desprestigia" as CPI, desde logo ao chamar Lacerda Sales e António Costa em momentos políticos estratégicos (durante a campanha e quando se discutia a presidência do Conselho Europeu). Já para António Rodrigues parece evidente o que alguns partidos apontaram desde o início: "Esta CPI nunca se justificou." O deputado do PSD acusou André Ventura e o Chega de quererem transformar a CPI no "segundo *round* de um combate político", que iniciaram com a tentativa falhada de levar o Presidente a tribunal pelo que disse sobre as ex-colónias.

Mais, diz que o Chega "já chegou a uma conclusão" sobre a culpa do Presidente, dando como exemplo a intervenção de Cristina Rodrigues no debate do estado da nação, em que esta afirma que vivemos num país onde se acha "normal" que o PR "alegadamente ajude os amigos do filho". A deputada, que esta semana publicou duas vezes no Facebook a questionar porque é que o Presidente cortou relações com o filho "se correu tudo dentro da normalidade", é a relatora desta CPI. Se a linha for esta, dificilmente será aceite por PS e PSD.

Se as atenções parecem desviar-se de Marcelo e da Presidência antes da pausa para o verão, os holofotes não deixarão de estar sobre o filho do PR e sobre o então secretário de Estado da Saúde Lacerda Sales. Para os sociais-democratas, embora censurem, não está claro que Nuno Rebelo de Sousa tenha procurado "favor". "Que a mãe tenha pedido eu percebo, que ele tenha acedido sendo quem é não o devia ter feito", diz António Rodrigues. Já para o PS "está a ganhar evidência" que este procurou um "tratamento de favor" junto da Presidência, argumenta João Paulo Correia.

E se "os pais fizeram aquilo que qualquer mãe e pai faria para proteger e salvar a vida dos filhos", falta apurar porque é que Nuno Rebelo de Sousa e a companheira, Juliana Vilela Drumond, moveram "mundos e fundos" para os ajudar.

Até porque há "contradições" entre a versão que o economista contou no depoimento ao Ministério Público (MP) e o que está nas trocas de *e-mails* com a Presidência, desde logo sobre a relação com a família das gémeas. No *e-mail* que enviou ao Presidente, os pais são um casal "muito amigo de amigos". Ao MP, segundo cita a revista "Sábado", é dito que nunca os conheceu pessoalmente e que tomou conhecimento do caso "por WhatsApp, através de uma conhecida em comum".

### Ângulos mortos e certezas

Os socialistas apontam ainda dois "ângulos mortos". Porque se nas duas audições desta semana a Casa Civil "tentou provar que este caso foi tratado de igual forma a muitos outros", falta mostrar com documentação que de facto existem pedidos semelhantes que seguiram o mesmo procedimento e com a mesma rapidez.

Por outro lado, há a "incongruência" apontada pelo relatório da Inspeção-Geral das Atividades em Saúde (IGAS) sobre os contactos feitos com os hospitais por parte da Casa Civil, tendo a assessora, Maria João Ruela, assumido que houve um "lapso na comunicação passada ao PR" e com isso Marcelo ter dado uma informação errada em conferência de imprensa.

Para já, há dois factos comprovados nas primeiras 10 audições, defendem PS e PSD. "A nacionalidade foi atribuída dentro da plena legalidade e da normalidade de prazos, o que significa que as crianças tinham direito ao tratamento como cidadãs portuguesas", acredita João Paulo Correia. "Não há qualquer tipo de dúvida", corrobora António Rodrigues. As audições mostraram que a totalidade do processo demorou cerca de cinco meses e não foi detetada "qualquer interferência".

Mas há uma linha que PS e PSD tentarão seguir a partir de setembro por terem dúvidas quanto ao envolvimento da seguradora das crianças no Brasil (AMIL Assistência Médica Internacional). Segundo a TVI, em 2019 esta era detida pelo mesmo proprietário que o Hospital Lusíadas (onde as crianças chegaram a ter uma consulta marcada e desmarcada) e poupou milhões com o tratamento no SNS. Se na retoma da CPI em setembro Marcelo estará livre, o filho e a seguradora deverão ser o foco.

calmeida@expresso.impresa.pt

**"Neste momento, da atuação do PR não surgiu nada mais à CPI do que aquilo que já era público"**

**PS aponta "ângulos mortos" nas explicações da Casa Civil que ficam por esclarecer**

**"Não tenho evidência de rigorosamente nada que diga que a Presidência da República fez alguma coisa errada"**

**PS e PSD acreditam que nacionalidade foi atribuída legalmente e gémeas tinham direito ao tratamento**

# PSD com provas que mãe recusou entregar

**Apólice do seguro e processo em tribunal foram obtidos pelo PSD, que critica advogado de Daniela Martins**

A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) ao caso das gémeas aceitou esta quinta-feira os documentos relativos à apólice do seguro brasileiro das crianças e ao processo judicial que correu no Brasil entre a mãe, Daniela Martins, e a seguradora. Documentos que os deputados consideram essenciais para seguirem uma linha de investigação que põe foco na poupança que a seguradora terá tido com a administração do medicamento pelo Serviço Nacional de Saúde.

Esta documentação foi solicitada no final do mês passado, depois da TVI ter noticiado que a AMIL (Assistência Médica Internacional) tinha poupado milhões com o tratamento das gémeas nos hospitais portugueses. O pedido foi feito tanto à seguradora como à mãe das crianças, mas nunca obteve resposta. Segundo noticiou o Expresso na sexta-feira passada, o advogado de Daniela Martins entregou um requerimento no qual informava a CPI que a sua cliente considerava o pedido ilegal e recusava-se assim cumpri-lo.

**Comissão de inquérito decidiu não apresentar queixa contra Daniela Martins**

Já esta quarta-feira, o coordenador do grupo parlamentar do PSD anunciou na reunião da CPI que tinha obtido os documentos mediante "diligências pessoais" que decorriam há várias semanas. Mais especificamente, António Rodrigues disse estar na posse da petição inicial, contestação, impugnação a contestação, parecer técnico e sentença, assim como do contrato do seguro.

Os documentos ficaram, entretanto, disponíveis, mas o social-democrata pediu à comissão de inquérito a analisar a situação para ver se há "algum procedimento que terá de tomar nesta matéria" nomeadamente de queixa na justiça. Isto porque se esta envolve entidades que não são portuguesas, também pode implicar quem tenha "algum tipo de responsabilidade para com o direito português".

A CPI chegou a equacionar avançar com uma queixa por desobediência e o tema foi abordado na reunião de Mesa e Coordenadores de quarta-feira, mas foi afastado pelo presidente da CPI. "O mais certo é não ser feita queixa nenhuma, ainda mais que já temos a documentação. Portanto, não se justifica isso, e não queremos estar a penalizar a cliente devido ao comportamento do advogado. Também não seria justo para ela, não queremos dar uma ideia que estamos a persegui-la de alguma forma", explicou Rui Paulo Sousa à Lusa.

# Kia EV9

## Carro Mundial 2024
## Veículo Elétrico Mundial 2024

Movement that inspires

WINNER
2024 WORLD CAR AWARDS™
WORLD CAR OF THE YEAR

WINNER
2024 WORLD CAR AWARDS™
WORLD ELECTRIC VEHICLE

Kia EV9 1st Edition: 563 km de autonomia elétrica máxima em ciclo combinado - WLTP. Consumo Combinado WLTP (kWh/100km): 20,2 | Emissões CO2 WLTP (g/km): 0. Visual não contratual.

AUTÁRQUICAS 2025

# PS e PSD têm um terço dos autarcas em risco

Porto, Sintra, Cascais, Aveiro, Braga ou Faro **obrigados a mudar de presidente**. 112 autarcas vão ter de sair

Texto JOÃO DIOGO CORREIA e MARGARIDA COUTINHO
Infografia SOFIA MIGUEL ROSA

Vem aí uma revolução nas autarquias, com mais de 100 presidentes de Câmara, da esquerda à direita, a terem de sair dos cargos por completarem em 2025 três mandatos consecutivos, o máximo permitido por lei. Prestes a atingir esse limite estão, segundo as contas do Expresso, 112 autarcas (de um total de 308), mais de um terço. A alta rotatividade das próximas autárquicas levanta problemas, sobretudo ao PS e ao PSD, cada um com cerca de um terço dos seus presidentes a ter de sair e a precisar de uma vitória eleitoral que sirva de impulso a nível nacional.

Os socialistas têm mais de 50 autarcas em fim de ciclo (37% das 149 Câmaras ganhas em 2021), seguidos pelo PSD, com mais de três dezenas a precisar de troca (cerca de 30% dos 114 que têm, alguns em coligação). E o PCP, na coligação CDU, tem mais de metade dos presidentes de Câmara a atingir o limite: 12 das 19 autarquias. Já o CDS tem de renovar três dos seis concelhos que lidera, enquanto o Juntos Pelo Povo (JPP), em Santa Cruz, na Madeira, é obrigado a substituir Filipe Sousa, irmão do líder do partido, Élvio Sousa.

Em 2021, o PSD de Rui Rio conseguiu crescer e recuperar Câmaras de peso, com Lisboa de Carlos Moedas à cabeça, mas também Coimbra ou Funchal. E o partido não se cansa de lembrar essas vitórias. A fasquia ficou assim mais alta e mais dependente da avaliação que o país fizer do Governo de Luís Montenegro. A pressão

**Há autarcas de PS e PSD a sair antes do fim dos mandatos para preparar terreno para sucessor**

será no entanto maior para o PS que parte muito na frente e por isso não pode perder.

As autárquicas serão uma prova de fogo para a liderança de Pedro Nuno Santos. Há muito que domina boa parte das estruturas e serão as suas escolhas na linha da frente. O partido já elegeu as concelhias e prepara as federações distritais, os primeiros passos para fixar nomes para 2025. O primeiro objetivo é o de ser o partido com mais presidências e assim segurar a Associação Nacional de Municípios. As últimas eleições deram uma margem confortável (o PS ganhou mais 35 Câmaras do que o PSD), mas tanta rotatividade pode pôr a maioria em risco.

### À procura de um delfim

A troca de cadeiras abre incógnitas, já que um novo rosto luta sempre pela notoriedade, ao contrário de um autarca recandidato, que, embora tenha o risco do desgaste, leva anos de obra feita. Por isso, é comum os partidos prepararem a sucessão antes do fim, para 2025 — pelo menos duas dezenas já o fizeram.

No PSD, há dois autarcas que 'voaram' para Bruxelas antes de atingirem o limite dos mandatos. Sérgio Humberto saiu da Trofa para ir para o Parlamento Europeu, tal como Hélder Silva, até então presidente em Mafra. O mesmo tinha acontecido nas legislativas com Salvador Malheiro, de Ovar para Lisboa. A entrada em funções dos sucessores é uma forma de ganhar terreno para eventuais candidaturas.

Em Cascais há muito se dizia que era esse o plano do PSD e de Carlos Carreiras: sair antes e deixar um delfim. Se Miguel Pinto Luz, apontado há anos como sucessor, deixou de ser hipótese com a ida para o Governo, surge como natural a candidatura de Nuno Piteira Lopes, número dois de Carreiras.

"Tem um conhecimento profundíssimo do concelho, o que faz toda a diferença", confirma Carreiras ao Expresso. A decisão depende das estruturas do partido, lembra, o que também não deverá ser entrave para Piteira Lopes, que é presidente do PSD/Cascais e vice da distrital de Lisboa. Já Carreiras garante ao Expresso que vai cumprir o mandato até ao fim.

Há, ainda assim, casos 'bicudos' para os sociais-democratas, que têm quatro capitais de distrito em fim de ciclo: Aveiro, Braga, Santarém e Faro. Destas, pela notoriedade dos autarcas, os maiores desafios são encontrar substitutos para Ribau Esteves (Aveiro), que já foi secretário-geral do partido, e Ricardo Rio (Braga).

Os socialistas também tiveram trocas para o Parlamento Europeu (Isilda Gomes, de Portimão, e Carla Tavares, da Amadora) e alguns autarcas entraram no Parlamento (Vendas Novas, Nazaré e Arruda dos Vinhos). Mas, para os socialistas, as maiores angústias estão nas Câmaras de Vila Nova de Gaia e Vila Real, cujos presidentes têm de substituir. Tal como o de Basílio Horta, presidente da Câmara de Sintra, que em 2013 apeou o PSD do poder, depois de uma longa governação de Fernando Seara. Basílio Horta, que não é militante do PS, conseguiu um dos concelhos mais populosos do país,

**"Falta de quadros" dificulta substituições no CDS, e comunistas recusam ver troca de rostos como ameaça**

pintado de cor de rosa durante 12 anos. Agora, o PS está obrigado a apresentar um nome forte o suficiente para segurar a Câmara. O da ex-ministra Ana Mendes Godinho circula pelos corredores socialistas.

### PCP rejeita aumento do "nível de risco"

A CDU é a terceira força autárquica, ainda que a cair desde 2013. O que faz das próximas eleições uma questão de sobrevivência. Um dos desafios está em Setúbal, onde o PCP tem de lançar novos nomes em quatro câmaras — Alcácer do Sal, Grândola, Palmela e Santiago do Cacém —, além de lutar para manter Setúbal, onde vai defrontar Maria das Dores Meira, ali presidente pela CDU entre 2006 e 2021. Desfiliou-se do partido e já anunciou a candidatura como independente.

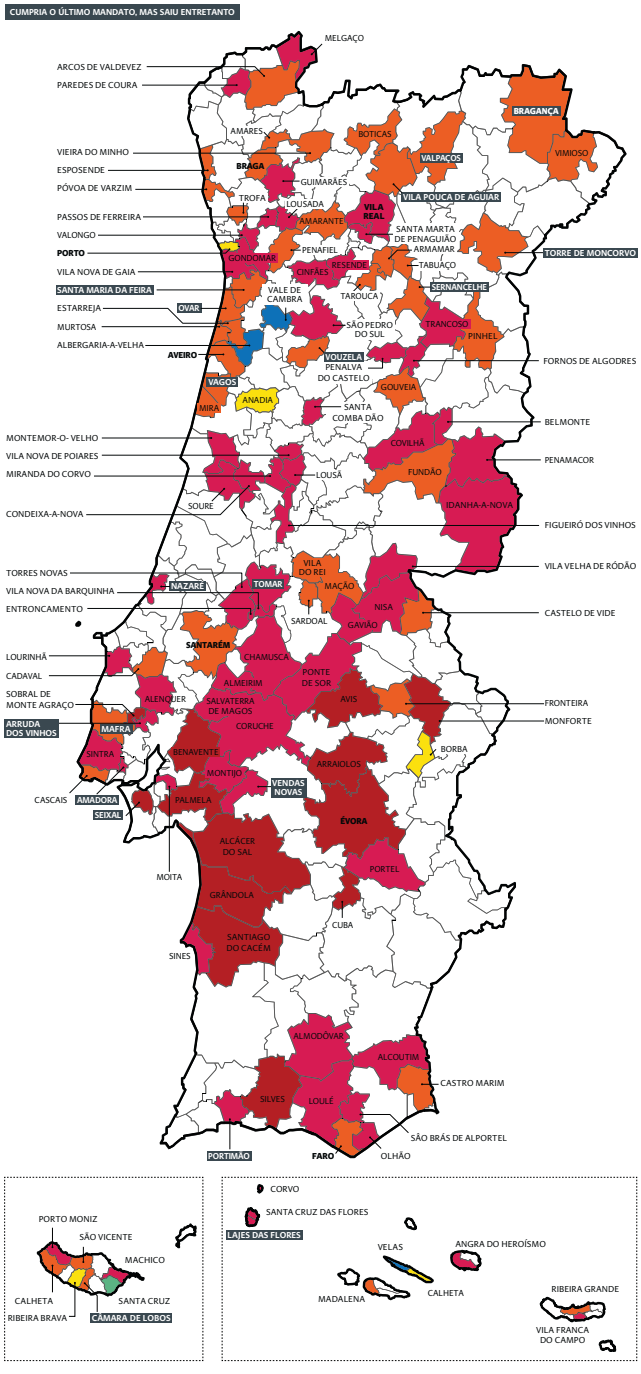
Apesar das mudanças, o partido rejeita que haja dificuldades acrescidas. "A alteração dos atuais presidentes de Câmara não tem relação direta com o nível de risco a ela associada, como o comprova o balanço global que pode ser feito desde 2009", diz fonte oficial do PCP.

Fora o JPP, o CDS é quem tem menos autarquias (seis, além das que governa em coligação), e está ameaçado nas três em que vai ter de mudar a liderança. Mais do que isso, como lembra fonte do CDS, o partido enfrenta um "problema de falta de quadros". Livre, IL, Chega e BE não têm presidências. A esquerda tenta, aliás, juntar-se ao PS em algumas autarquias, como Lisboa, o que pode tornar estas eleições mais imprevisíveis.

jdcorreia@expresso.impresa.pt

**CÂMARAS EM FIM DE MANDATO**
Câmaras municipais onde o autarca eleito em 2021 cumpre o terceiro mandato

| PS | PSD | PCP-PEV | CDS | JPP | GRUPOS DE CIDADÃOS |
|---|---|---|---|---|---|
| 56 | 35 | 12 | 3 | 1 | 5 |




# Rui Moreira não vai apoiar ninguém

**Vice-presidente da Câmara do Porto na calha para sucessão, mas PSD tem palavra a dizer. Moreira prefere ficar fora**

Está tudo em aberto para a sucessão de Rui Moreira à frente da Câmara do Porto, mas é já dado como certo que o autarca "não vai apoiar quem quer que seja" na corrida às autárquicas de 2025. A garantia é dada por fonte próxima de Moreira, que, no entanto, recusa fazer qualquer comentário.

No movimento que ganhou a Invicta pela primeira vez em 2013, é Filipe Araújo, atual vice-presidente, o nome mais apontado à sucessão. Mas há várias dúvidas no caminho: os independentes devem concorrer sozinhos ou coligados com o PSD? Nesse caso, com Araújo a cabeça de lista ou com um social-democrata? Que riscos corre o movimento independente, que em 2025 ficará órfão do líder carismático, de ser 'engolido' pelo PSD?

Para um dirigente do Porto, o Nosso Movimento, se o PSD apresentar um superministro (Pedro Duarte, dos Assuntos Parlamentares, tem sido dado como hipótese, inclusive por Marques Mendes), é difícil os independentes fazerem finca-pé. No entanto, se o PSD quiser lançar uma segunda linha: "A que propósito é que o Filipe Araújo, que é um excelente executivo, ficaria atrás?"

Da centena de câmaras a trocar de presidente, a do Porto é não só a maior, como a mais incerta, por ver sair alguém que conquistou três eleições pairando sempre acima dos partidos, e que chegou a recusar o apoio destes.

Rui Moreira esteve na campanha de Luís Montenegro para primeiro-ministro, indiciando uma aproximação ao PSD, que recuou depois do convite para ser candidato da AD às europeias, mas não como cabeça de lista. O autarca não gostou e não usará o capital político que tem no Porto a favor do PSD.

### Movimento chave na mão?

Os independentes sabem que, sem liderar uma coligação de centro-direita, voltam dificilmente a conquistar a autarquia. Mas também garantem que têm força suficiente para que não haja uma solução de maioria à direita sem eles, que há quatro anos conquistaram o concelho e a maior parte das juntas de freguesia do Porto. E vão vender caro esse capital.

Como o Expresso escreveu na semana passada, as estruturas locais do PSD apontam as conversas sobre potenciais coligações para o fim deste ano, quando estaremos a mais de seis meses das eleições. Daqui até lá, como explica agora o mesmo dirigente do movimento independente do Porto, "o normal e o saudável é que cada um", independentes, com Filipe Araújo à cabeça, e PSD, com os putativos candidatos, "faça o seu caminho sozinho", até que "em determinado ponto se encontrem e decidam". J.D.C.

**Rui Rocha vai passar os próximos meses debaixo de fogo** FOTO MANUEL FERNANDO ARAÚJO/LUSA

# IL em clima de guerra interna durante seis meses

## Críticos pressionam Rocha com OE 2025 e **exigem medidas liberais relevantes**

LILIANA COELHO

Quando foi eleito em janeiro de 2023, Rui Rocha comprometeu-se a "virar uma nova página" e a reparar as fraturas internas, que ficaram ainda mais expostas na Convenção Nacional. Um ano e meio depois, o presidente da IL não só não conseguiu unir o partido, como, a cerca de seis meses da reunião magna eletiva, conta já com um adversário na corrida à liderança, Tiago Mayan Gonçalves. Antecipa-se, assim, um clima de disputa acirrada até janeiro.

Apesar de ter elegido na Madeira e no Parlamento Europeu, a IL falhou a maioria das metas eleitorais, ao não crescer nas legislativas nacionais e nos Açores. Depois, o discurso oscilante entre o apoio e as críticas à falta de ambição das medidas do Governo e o desaparecimento mediático do partido nos últimos tempos, com dificuldade em tornar-se mais visível num panorama com oito partidos no Parlamento, são problemas apontados a Rocha pelo membro fundador da IL e candidato à liderança, que pede "mais ambição" ao partido. Serão seis meses com um adversário no terreno. Rocha não terá descanso.

### Mayan pressiona direção

"Não podemos aceitar migalhas no Orçamento do Estado (OE), nem tão pouco nos resignar com os resultados das legislativas e eleições na Madeira e nos Açores", diz ao Expresso Tiago Mayan Gonçalves. Para o ex-candidato a Belém e presidente da União de Freguesias de Aldoar, Nevogilde e Foz do Douro, ao contrário do que defende a direção da IL, não se pode falar em "consolidação", mas sim em "estagnação" dos resultados em todos os sufrágios, com exceção das europeias, uma vez que a IL tem perdido tração nalguns concelhos onde tinha a sua base eleitoral. "Falar em crescimento dos votos em termos absolutos é enganador do ponto de vista político. Há sinais muito claros de que as perdas eleitorais da IL se têm acentuado em zonas como Lisboa, Oeiras, Cascais e Porto, o que é preocupante", adverte Mayan, exigindo uma reflexão interna.

Na análise do desafiador de Rocha, o resultado das europeias foi apenas um balão de oxigénio, continuando a base eleitoral da IL a ser a das legislativas. E isso exige que a direção pense numa "estratégia" para conquistar mais votos.

Embora tenha saído derrotado da Convenção Estatutária do passado dia 7, o líder do movimento Unidos pelo Liberalismo prefere frisar que nem a sua proposta, nem a da direção foram aprovadas. E garante que, caso seja eleito líder da IL, abrirá um novo processo de revisão estatutária, para discutir o direito de voto da direção no Conselho Nacional e a segunda volta em eleições internas. Mas deixa também um aviso com as autárquicas à vista e a possibilidade de coligações entre PSD, IL e CDS: "Os núcleos territoriais têm de ter um papel preponderante nesta matéria", sustenta.

A seis meses da Convenção eletiva, o objetivo do candidato é marcar terreno e exercer pressão junto da atual comissão executiva com vista ao diálogo "construtivo".

### Rocha quer empurrar debate

Já do lado da direção a estratégia mantém-se. Rui Rocha considera que é "muito cedo" para se dedicar às questões internas, remetendo para mais tarde uma decisão sobre a sua recandidatura, que todos dão como certa. "A concorrência é sempre bem-vinda", afirma ao Expresso fonte oficial da comissão executiva, em linha com a lacónica reação do presidente da IL, quando, em abril, Mayan já admitia avançar para a corrida à liderança.

Para já, Rocha diz-se apenas focado em apresentar soluções para o país no Parlamento, o que não é visto com bons olhos pelos críticos internos. "Se quer arrastar a decisão para o final do ano é porque não lhe interessa muito o debate interno", atira Rui Malheiro, conselheiro nacional da IL e um dos subscritores do manifesto Unidos pelo Liberalismo, apelando a uma clarificação por parte do atual presidente o mais breve possível.

Entretanto, há quem acredite que o líder liberal pretende também "capitalizar" com o OE para o próximo ano, estando convicto de que será mais fácil com o Executivo da AD aprovar mais propostas do partido. "Só podemos viabilizar o OE com bandeiras liberais, de relevância e magnitude, e não nos contentarmos com meras medidas como o fim do selo no vidro do carro", desabafa outro conselheiro, que alerta que a IL não poderá aceitar a "subjugação" do documento a ideias socialistas.

Além do bom resultado nas europeias, com a eleição de dois eurodeputados liberais graças à 'marca' Cotrim, Rui Rocha quererá reclamar louros no OE para ter mais argumentos para se recandidatar à liderança. "Sublinhar que é uma vitória a IL estar presente nos quatro parlamentos (europeu nacional e dois regionais) é muito pouco", nota Luís Madera, conselheiro nacional, que defende que o partido alcançou os "mínimos olímpicos".

**Mayan Gonçalves não é um candidato unânime, mas críticas mais duras fazem mossa à liderança**

**Até janeiro, o líder da IL terá que invocar mais conquistas com vista à sua reeleição**

Até janeiro, o presidente dos liberais terá que unir esforços com vista à sua reeleição, num partido que continua dividido. Se para alguns, o líder acabou por sair legitimado da Convenção estatutária, uma vez que a proposta apoiada pela direção alcançou 58,86% dos votos, contra a proposta alternativa de Mayan, para outros ambos saíram derrotados. Resultado? Teoricamente haveria espaço para uma terceira alternativa, o que será difícil, visto que os principais rostos da oposição interna já saíram do partido.

Com dificuldades de afirmação e longe de ter o nível de popularidade do seu antecessor, Rui Rocha poderá beneficiar do facto de Mayan não ser um candidato popular. Entre os liberais, há quem considere que é o adversário ideal para enfrentar o atual líder e dar voz a diferentes sensibilidades — como demonstra o facto de o seu manifesto contar já com 400 subscritores —, mas também quem reconheça que o ex-candidato a Belém tem criado anticorpos ao ser mais contundente nas suas posições.

"Não é tão politicamente correto como era Carla Castro, que tinha um perfil mais agregador. Certo é que não há candidatos perfeitos e como se diz: quem corre atrás, tem de correr mais", admite um subscritor do manifesto Unidos pelo Liberalismo. Uma coisa é certa: até lá, o candidato fará questão de participar na vida ativa do partido, promovendo sessões de esclarecimento com os membros e acompanhando momentos-chave como a *rentrée* da IL, a festa A'gosto da Liberdade, no dia 24 de agosto na Quarteira. Momento em que Rui Rocha deverá anunciar as prioridades do partido na reabertura do ano político e deixar recados para fora e dentro. O adversário promete estar atento.

lpcoelho@expresso.impresa.pt

# Gente

**Bolinha *prime*** Pedro Nuno Santos tem aproveitado os tempos livres — talvez a gripe de Montenegro lhe tenha dado uma folga — para ir até à praia ver como o alívio do IRS, que viu o Presidente da República promulgar, dá para um português comum comprar uma bola-de-berlim por mês. Pegou na cesta, pôs o chapéu mexicano (um pouco menos, aconselha-se), e agarrou na caixa de um vendedor de praia para posar para uma fotografia, que tem corrido a internet. Mas não se pense que eram umas bolas quaisquer, eram bolas *prime*. Será que viu escrito no bolo típico do verão que pode vir a ser *prime minister* se houver eleições antecipadas?

**Dancinha na AR** Não é de hoje a rivalidade entre o BE e o Livre, que não perdem uma oportunidade para se picarem. Desta vez foi Iara Sobral, dos jovens bloquistas, que recorreu à rede social X para sublinhar que o BE foi o partido que apresentou mais projetos de lei no Parlamento (52) até julho, enquanto o partido de Rui Tavares foi dos que menos entregou propostas durante o mesmo período. "8 projetos de lei + 1 dancinha do TikTok", ironizou, e publicou no mesmo *post* um vídeo que mostra o deputado Paulo Muacho numa coreografia em frente às escadas da AR.

**Bruxaria bloquista** Depois de ter sido eleita eurodeputada, Catarina Martins continuou a marcar presença no seu espaço de comentário na SIC Notícias, ao lado de Cecília Meireles. Nas redes sociais, más línguas questionaram como é que o novo cargo em Bruxelas era compatível com presenças semanais em Paço de Arcos. A bloquista fez questão de desfazer o mistério e respondeu que vem de "vassoura" já que é uma "bruxa". Logo vieram comentários a lembrar que sempre seriam viagens mais ecológicas. Gente aprecia uma boa ironia, mas também espera que a vassoura seja de madeira sustentável.

**Olhos fechados** Miranda Sarmento anda numa lufa-lufa com as negociações de Orçamento e ainda teve de dar um saltinho a Angola para acompanhar o primeiro-ministro. Foi no voo da noite, parte do tempo a trabalhar, visitou a escola portuguesa de Luanda e quase adormeceu enquanto o primeiro-ministro falava longamente sobre o que fez para resolver o problema dos professores. Gente tem uma má notícia para dar ao ministro: com as negociações com Bruxelas e com o OE por fazer, dormir e tirar férias vão ser uma miragem. Talvez o cafezinho angolano o safe.

## De pernas para o ar

**Luís Montenegro esteve esta semana em Luanda para uma visita de três dias a Angola. Na agenda dos encontros com o Presidente angolano estava o habitual reforço das relações entre os dois Estados. Mas a julgar pela forma como foi hasteada a bandeira portuguesa pelas autoridades locais na chegada do primeiro-ministro (ao contrário), as relações andam meio de pernas para o ar. Gente lembra ainda com um sorriso a cerimónia do 5 de outubro, há uns anos, nos Paços do Concelho, em Lisboa, em que o mesmo aconteceu então a Cavaco Silva.**

SOCIEDADE **DEMOGRAFIA**

**População** Há mais 3 mil crianças até aos 14 anos a viver em Portugal. Saldo migratório só foi mais alto no pós-25 de Abril

# Número de crianças aumenta pela primeira vez em 20 anos

Texto **RAQUEL ALBUQUERQUE**
Infografia **SOFIA MIGUEL ROSA**

Mais gente a entrar do que a sair do país e a natalidade das mães estrangeiras são os responsáveis por estes números FOTO GETTY IMAGES

Pela primeira vez em duas décadas, o número de crianças com menos de 15 anos voltou a aumentar em Portugal. Contam-se mais 3 mil em 2023 do que no ano anterior, segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE). A última vez que o país ganhou jovens destas idades foi em 2003, mas é preciso recuar quase 50 anos, até 1977, para encontrar um ano em que o salto tenha sido maior do que agora. A imigração — que está a contribuir para aumentar a natalidade e o número de habitantes — é a principal explicação para este ganho, numa altura em que Portugal regista o maior saldo migratório desde a vaga de retornados no pós-25 de Abril.

"Ao olhar para a estrutura etária da população portuguesa e para a forma como evoluiu no último ano, vemos algo de inédito na nossa história recente. Há um aumento de pessoas quer nas idades mais jovens, quer na população em idade ativa [entre os 15 e os 64 anos], que se deve ao fluxo muito significativo de entradas em Portugal", resume a demógrafa Maria João Valente Rosa, professora na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O país tem agora 1,36 milhões de jovens com menos de 15 anos. Apesar de serem mais em número absoluto, o seu peso no total da população continua a ser baixo (13%), voltou a diminuir e é largamente ultrapassado pelos 2,5 milhões de pessoas acima dos 65 anos (24%). "O aumento de jovens é digno de nota, mas continuamos a envelhecer", resume a demógrafa.

A população em idade ativa também aumentou em 2022 e 2023, invertendo a tendência registada ao longo de mais de uma década. A última vez que o número de pessoas entre os 15 e os 64 anos cresceu foi em 2009 e é preciso recuar 40 anos — até 1984 — para encontrar um ano onde o aumento da mão deobra tenha superado o de 2023 (mais 55 mil pessoas para um total de 6,68 milhões nestas idades).

A imigração é a explicação para estas alterações recentes na estrutura demográfica portuguesa — assim como para o aumento de jovens verificado há 20 anos. Em 2022, metade das pessoas que vieram residir para Portugal tinham entre os 20 e os 44 anos. E além de estarem em idade ativa — entrando para a força de trabalho — também estão em idade fértil, contribuindo para aumentar a natalidade e o número de crianças no país.

## Outros recordes em 2023

Os bebés filhos de mãe estrangeira representaram mais de um quinto (22%) dos nascimentos em Portugal em 2023. Contam-se quase 19 mil, o maior número de sempre, e foram estes nascimentos que levaram a um aumento da natalidade, já que o número de bebés de mãe portuguesa nunca tinha sido tão baixo (menos de 67 mil).

"A natalidade teria diminuído se não fosse o contributo da imigração. E esse contributo muito significativo das mulheres de nacionalidade estrangeira tem aumentado gradualmente", considera a demógrafa Maria Filomena Mendes, professora da Universidade de Évora. Noutros países europeus, como a Alemanha, tem vindo a acontecer o mesmo: crescem os nascimentos de mãe estrangeira, com um peso importante nos terceiros filhos e seguintes, enquanto os nascimentos de mães com nacionalidade alemã também desceram em 2023 para o valor mais baixo da última década.

Em Portugal, o número médio de filhos por mulher — o 'índice sintético de fecundidade' — subiu em 2023 para o valor mais alto em dez anos (1,44) e esse crescimento contraria a tendência europeia. Foi o único na União Europeia onde o indicador subiu e, entre 33 países da OCDE, só há mais um (Nova Zelândia) com essa mesma evolução. Ainda assim, a fecundidade continua a ser baixa, a estar abaixo da média europeia e aquém do necessário para a substituição de gerações (2,1 filhos por mulher).

Além do impacto da imigração na natalidade e na fecundidade, o fluxo de entradas no país está também a fazer crescer a população residente, que atingiu o recorde de 10,6 milhões de habitantes em 2023. O mesmo aconteceu em Espanha: a imigração levou o país a atingir um máximo de 48,6 milhões de pessoas no ano passado.

Há outros recordes registados em Portugal no ano passado, como o facto de o saldo migratório não ter paralelo na história recente, tendo praticamente duplicado nos dois últimos anos. Em 2023, entraram mais 156 mil pessoas do que as que saíram e o número só foi mais alto em 1974 e 1975, na vaga de retorno dos portugueses vindos das ex-colónias, depois do 25 de Abril.

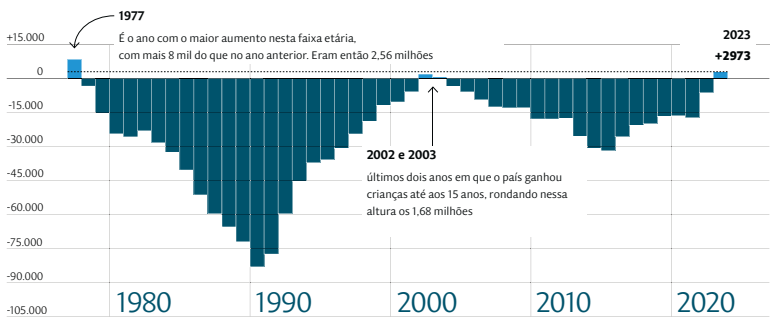
O saldo migratório tão elevado também se deve ao facto de a emigração — apesar de ter aumentado — manter-se em níveis estáveis e longe dos registados durante a *troika*. Ainda assim, o impacto dessa forte vaga de emigração continua a sentir-se, incluindo na natalidade, lembra Maria Filomena Mendes. "A emigração tira-nos muitas mulheres em idade jovem e fértil, o que faz com nasçam fora do país bebés que poderiam estar a nascer em Portugal. E, muitas vezes, o número de filhos que os emigrantes têm lá fora é superior ao dos que ficam cá."

A demógrafa critica a falta de "atenção transversal e continuada" às razões que levam as mulheres portuguesas a não terem os filhos que querem ter. "Insegurança, incerteza e adiamento têm condicionado a natalidade nas últimas décadas. Muitas vezes os filhos que são adiados já não são recuperados, porque depois a intenção muda e a fertilidade também", resume. "O tempo da mãe afeta muito a decisão de ter o primeiro filho. Para ter um segundo, conta muito o tempo do pai."

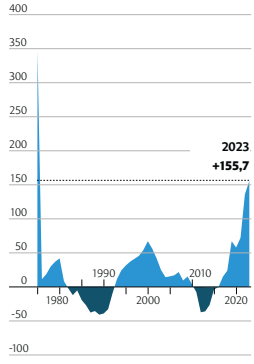
Apostar em mais igualdade de género e numa repartição equilibrada e mais justa do trabalho e da educação dos filhos entre homens e mulheres é, precisamente, a medida que a OCDE sugere para os países de baixa fecundidade que queiram dar às famílias as condições necessárias para terem os filhos desejados.

ralbuquerque@expresso.impresa.pt

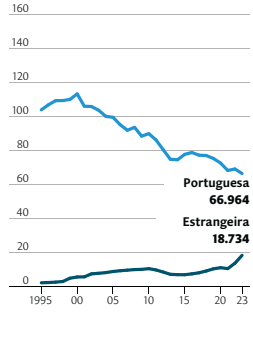
**DIFERENÇA NO NÚMERO DE CRIANÇAS COM MENOS DE 15 ANOS**




**SALDO MIGRATÓRIO**
Diferença entre imigrantes e emigrantes




**NASCIMENTOS POR NACIONALIDADE DA MÃE**




FONTE: INE

PUBLICIDADE

SOCIEDADE PONTO VERDE

# RECICLAGEM DE EMBALAGENS: É PRECISO UM CHOQUE TECNOLÓGICO PARA ATINGIR AS METAS

**A PERFORMANCE ATUAL NÃO CHEGA PARA AS METAS DE 65% EM 2025 E É FUNDAMENTAL EVITAR QUE SE CONTINUE A ENVIAR PARA ATERRO 31 MILHÕES DE EUROS DE EMBALAGENS. ECOPONTOS MAIS MODERNOS E INOVADORES, COM RECURSO A IA, DEVEM SER PRIORIDADE PARA FACILITAR E INCENTIVAR A CORRETA SEPARAÇÃO DOS RESÍDUOS E TORNAR TODA A CADEIA DE VALOR MAIS EFICIENTE**

No primeiro semestre de 2024 foram recolhidas 226.985 toneladas de embalagens dos ecopontos nacionais, o que significa um aumento de 3% comparativamente ao mesmo período do ano passado. Os dados mais recentes do Sistema Integrado de Gestão de Resíduos de Embalagem (SIGRE) revelam que o país está com um ritmo insuficiente para conseguir cumprir a nova meta da reciclagem de embalagens estabelecida pela Europa. Em 2025, Portugal tem de estar a reciclar, pelo menos, 65% das embalagens colocadas no mercado. Em 2030, essa meta aumenta para 70%.

**"EM 2025, PORTUGAL TEM DE ESTAR A RECICLAR, PELO MENOS, 65% DAS EMBALAGENS COLOCADAS NO MERCADO. EM 2030, ESSA META AUMENTA PARA 70%"**

Segundo a Sociedade Ponto Verde (SPV), uma das entidades a quem cabe organizar e gerir a retoma e valorização dos resíduos de embalagens, através do SIGRE, é crítico e é preciso, urgentemente, fazer crescer as taxas de reciclagem de embalagens, através da prestação de um serviço mais conveniente e eficaz aos cidadãos. Para tal, é fundamental investir no sentido de promover um choque tecnológico no sector, de modo a assegurar infraestruturas de ecopontos mais modernas e inovadoras, possibilitando soluções de incentivos, em complemento aos outros sistemas existentes como a recolha porta a porta.

## RECICLAR MAIS EMBALAGENS COM A AJUDA DA IA

A inovação tecnológica pode ser um aliado decisivo para ajudar a reciclar mais e melhor. Apostar mais nas novas tecnologias e no recurso à inteligência artificial (IA) permite, por um lado, identificar embalagens e recompensar o comportamento dos cidadãos, e por outro, melhorar a triagem e otimizar toda a logística, incluindo as rotas da recolha destes resíduos, durante toda a operação.

Recorde-se que há ainda um volume significativo de embalagens que vão parar aos aterros, por serem descartadas inadequadamente. Ou seja, estão a ser "enterrados", ao ano, 31 milhões de euros de embalagens, sendo estes recursos valiosos que deveriam estar a reentrar nos processos produtivos, promovendo a economia circular.

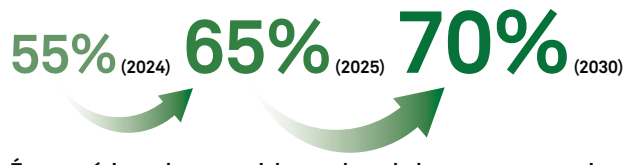
**RESULTADO GLOBAL DA RECICLAGEM DE EMBALAGENS**

**55,3%***

**O único fluxo a cumprir com as metas de reciclagem**

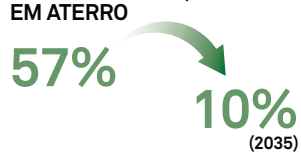
**Taxa de retoma de 2023*

**METAS PARA RECICLAGEM DE EMBALAGENS**




**É necessário acelerar a reciclagem de embalagens para cumprir as metas de reciclagem de embalagens**

**META DE DEPOSIÇÃO EM ATERRO**




**É necessário reduzir a deposição de resíduos urbanos em aterro**

*Atualmente, 57% dos 5,323 milhões de toneladas de resíduos urbanos produzidos em Portugal são depositados em aterro*

**"HÁ AINDA UM VOLUME SIGNIFICATIVO DE EMBALAGENS QUE VÃO PARAR AOS ATERROS, POR SEREM DESCARTADAS INADEQUADAMENTE. OU SEJA, ESTÃO A SER 'ENTERRADOS', AO ANO, 31 MILHÕES DE EUROS DE EMBALAGENS, SENDO ESTES RECURSOS VALIOSOS QUE DEVERIAM ESTAR A REENTRAR NOS PROCESSOS PRODUTIVOS, PROMOVENDO A ECONOMIA CIRCULAR"**

## INVESTIR NA MODERNIZAÇÃO DO SECTOR

"Tem de existir, neste momento, um esforço adicional para que o país não entre em incumprimento. Neste contexto, o Governo desempenha um papel fundamental. Houve rapidez na tomada de decisão sobre as novas licenças às entidades gestoras, o que se aplaude, e a nossa expectativa é que se siga este ciclo no sentido de se implementar, com agilidade, o que é preciso no sector e se apoie os cidadãos a serem mais participativos neste processo da reciclagem de embalagens. A SPV mantém a sua disponibilidade para continuar com o trabalho colaborativo e investir na modernização do sector para que este continue a ser um bom exemplo na gestão dos resíduos urbanos," sublinha Ana Trigo Morais, CEO da Sociedade Ponto Verde.

## FALTA CUMPRIR A TAXA DE RECICLAGEM NACIONAL DE VIDRO

Na análise ao desempenho dos vários materiais de embalagens no SIGRE, no primeiro semestre de 2024, verifica-se que o vidro continua a merecer particular preocupação, já que foram recolhidas 100.621 toneladas, o que significa uma estagnação em comparação com igual período de 2023. O vidro mantém-se, deste modo, como o único material de embalagem a não cumprir a taxa de reciclagem nacional, sendo fundamental implementar soluções específicas para o vidro, como o baldeamento assistido (solução que permite despejar um contentor de 120 litros de uma só vez), para colocar nas proximidades de cafés, restaurantes e bares, onde são geradas as quantidades mais significativas destes resíduos urbanos, facilitando a deposição deste material. É de assinalar, pela positiva, que foram encaminhadas para reciclagem 75.552 toneladas de papel/cartão, o que se traduz num aumento de 6% face a igual período do ano passado. Por outro lado, foram encaminhadas para a reciclagem 4449 toneladas de embalagens de cartão para alimentos líquidos, 41.601 toneladas de plástico e 1017 toneladas de alumínio, resultando em aumentos, respetivamente, de 7%, 6% e 22%, comparativamente ao período homólogo de 2023.

LISBOA

**Capital** Munícipes e comerciantes queixam-se de lixo nas ruas, sujidade e mau cheiro. Autarquia diz que reforçou todos os meios

# Menos resíduos, mais lixo no meio da rua

Textos **CARLA TOMÁS** e **HELENA BENTO**
Fotos **TIAGO MIRANDA**

Podia ser um belo postal de Lisboa: a Muralha Fernandina de um lado, o Castelo de São Jorge na colina ao fundo. Mas há algo a destoar neste canto da Rua do Arco da Graça. Cinco pequenos contentores de lixo e resíduos de garrafas de vidro e papéis acumulados no chão mancham a paisagem. Não cheira mal, mas é feio. Uns metros ao lado, o restaurante do guineense Abdul Aziz poderia ter melhor vista para o castelo não fosse o lixo acumulado do outro lado da estreita rua. "Eu só ponho o lixo cá fora depois das 21h, quando fecho, mas há quem ponha a toda a hora, até móveis, o que não é bom para o negócio", lamenta o comerciante. Em Alfama, a proprietária de um restaurante português, Alexandra (identifica-se apenas assim), de 45 anos, queixa-se da falta de ecopontos. "As embalagens de cartão e plástico acumulam-se no chão. O pior dia é a segunda-feira, pois não há recolha ao domingo." Já perguntou a funcionários da junta sobre os contentores em falta. "Dizem que vão resolver, mas não fazem nada."

A meio da tarde desta terça-feira as ruas do centro de Lisboa não estão particularmente sujas, mas aqui e ali encontram-se montes de lixo acumulado, contentores rachados e com resíduos misturados. Junto ao Largo da Misericórdia/Largo Trindade Coelho, duas jovens cantoneiras despejam o conteúdo dos contentores e o que jaz em seu redor, de garrafas de vidro e de plástico a embalagens de esferovite, para dentro do camião da higiene urbana. O que cai no chão ali fica, à espera dos varredores da junta de freguesia, cuja tarefa é limpar, varrer o que sobra e lavar as ruas.

### Capital sob pressão

Numa cidade com 567 mil habitantes (estimativas do INE), a população mais do que duplica diariamente com a vinda de quem vive noutros concelhos e trabalha ou estuda na capital. A estes juntam-se as vagas de turistas. Apesar disso, entre 2019 e 2023 houve uma redução de 5% na produção de resíduos urbanos — de 331 mil para 315 mil toneladas por ano, segundo a Câmara Municipal de Lisboa (CML). A redução pode dever-se ao decréscimo de trabalhadores que entram na cidade, por causa do teletrabalho, e à diminuição do desperdício devido à inflação e às taxas de juro, que retiraram poder de compra às famílias.

No entanto, multiplicam-se as queixas sobre a acumulação de lixo ou a falta de limpeza nas redes sociais e na *app* municipal Na Minha Rua. Os presidentes de junta de freguesia também estão descontentes. Mas se há menos lixo e a recolha aumentou, tendo a autarquia reforçado os meios técnicos e humanos, onde reside o problema? A CML aponta para "fatores imprevistos, como férias, eventos ou greves dos trabalhadores, que alteram a produção e recolha de resíduos nas zonas turísticas e comerciais, trazendo uma pressão adicional aos serviços". O gabinete do vereador da Higiene Urbana, Ângelo Pereira, também refere "posturas incorretas de alguns munícipes ou comerciantes", que deixam resíduos fora dos contentores ou sobrecarregam as ecoilhas porque não fazem a separação. A autarquia frisa que tem feito "mais sensibilização e fiscalização" para alterar estes comportamentos. A "enorme pressão urbanística e turística" e a falta de espaço para ecoilhas, sobretudo nas zonas históricas — onde prédios, lojas e restaurantes não têm lugar para manter os pequenos contentores no interior até à hora da recolha noturna e os depositam no exterior —, também é apontada como possível explicação.

### Um problema complexo

Numa rua discreta de Alfama, junto a um muro alto, estão três caixotes

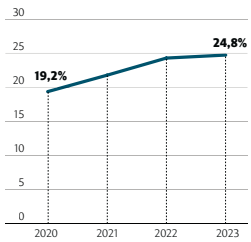
**A CÂMARA DE LISBOA ADMITE SER "FUNDAMENTAL GARANTIR A RECOLHA SETE DIAS POR SEMANA"**

do lixo. Um está partido de lado, com folhas e galhos irrompendo pela enorme abertura. No chão veem-se vários objetos familiares, como numa feira de velharias: três estruturas metálicas enferrujadas, possivelmente grelhas de eletrodomésticos, um chinelo, uma sandália, caixas de comprimidos, pilhas, uma lata de conserva, uma tábua de madeira e embalagens de cartão, plástico e alumínio.

Carlos Torres, morador, de 49 anos, aponta o dedo à autarquia, "que não cumpre com a recolha do lixo". "Umas vezes recolhem numa ponta da rua, outras vezes na outra, deixando lixo acumulado." Também critica a falta de contentores. "Desapareceram alguns no Santo António e não foram substituídos e os que existem estão partidos e escavacados." Além disso, os horários de recolha não são adequados, considera. "Os Alojamentos Locais são limpos a meio do dia, quando os turistas se vão embora, e os restaurantes também depositam lixo nessa altura por falta de espaço no interior." Assim, ao início da tarde os contentores já estão cheios, quando ainda faltam muitas horas para a recolha seguinte. Residente na zona há 25 anos, Carlos Torres nota que o problema do lixo, antes sazonal, é agora diário. "A gentrificação piorou tudo. Muitas ruas de Alfama deixaram de ser habitadas. Antes, se eu separava mal o lixo, o vizinho chamava-me a atenção. Essa consciência social desapareceu com a turistificação da cidade."

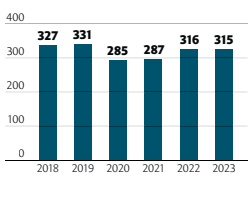
Os presidentes das juntas de freguesia contactados pelo Expresso admitem que o problema "é complexo" e que cidadãos e comerciantes também têm responsabilidade. O presidente da Junta de Santa Maria Maior — que se estende entre o Chiado e Alfama, passando pela Baixa — diz que a "grande carga humana" na freguesia, onde vivem cerca de 10 mil pessoas, mas passam 300 mil diariamente, cria dificuldades. "Não há estrutura financeira nem logística que consiga responder aos picos de produção de lixo." Além disso, diz Miguel Coelho (PS), comércio, restauração e Alojamentos Locais "põem sacos na rua a qualquer hora, o que não é compatível com os horários de recolha. Quando há uma falha num circuito de recolha, o lixo fica espalhado pelo chão". Para contornar o problema defende "o fim do licenciamento zero" (processo simplificado de instalação e modificação de estabelecimentos de restauração ou comércio).

**EVOLUÇÃO DO PESO DA RECOLHA SELETIVA**
Em %, por ano




FONTE: CML

**EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE RESÍDUOS URBANOS EM LISBOA**
Em milhares de toneladas, por ano




FONTE: CML

### Taxa turística para tratar o lixo

Pelo menos 35 mil turistas entram diariamente na cidade, contribuindo para cerca de um quinto da economia local, segundo o presidente da CML, Carlos Moedas, cuja proposta de aumento da taxa turística de €2 para €4, para investir em limpeza urbana, espaços verdes e cultura, foi aprovada recentemente, tendo efeitos a partir de 1 de setembro. Em 2023, a taxa turística gerou €40 milhões (mais €7 milhões do que em 2022), dos quais "cerca de €8 milhões foram alocados à limpeza urbana", segundo a CML. Este valor é distribuído pelas juntas de freguesia consoante a população residente e o peso de carga turística. A câmara diz ter transferido €25 milhões para as 24 juntas de freguesia da cidade desde que o atual Executivo assumiu funções.

Para o presidente da Junta de Freguesia de Santo António (do Príncipe Real ao Rato, passando pela Praça da Alegria, Avenida da Liberdade e Alexandre Herculano), o turismo não é a principal preocupação. "O problema é haver hoje quatro vezes mais lixo do que quando eu vivia com a minha avó. Apartamentos que antes acolhiam famílias de quatro pessoas são agora ocupados por 15, 20 pessoas com culturas e hábitos diferentes", assegura Vasco Morgado (PSD/CDS). Outro

problema, assinala, "é a dificuldade em manter e contratar cantoneiros, um trabalho que poucos querem e que exige o 12º ano, apesar de haver candidatos com menos escolaridade". O último concurso ficou vazio. Vasco Morgado defende a recolha do lixo sete vezes por semana, acabando com a folga ao domingo, que "deixa o caos até quarta-feira". A CML admite ser "fundamental garantir a recolha sete dias por semana" e justifica que a estratégia ainda não foi implementada "por falta de acordo com as estruturas sindicais".

Na Rua do Benformoso, na zona do Martim Moniz, moradores e comerciantes estão igualmente preocupados. Tanto é que se juntaram para pagar a duas pessoas para limpar a rua, conta Rajib Al Manun, um dos promotores da iniciativa (ver texto ao lado). "Milhares de pessoas passam aqui todos os dias. Temos 14 mercearias, 15 restaurantes e entre 10 e 12 lojas de revenda de produtos alimentares. Mas só existem dois contentores de lixo e a recolha é feita apenas uma ou duas vezes por dia, o que é claramente insuficiente."

Em freguesias afastadas do centro da cidade a acumulação de lixo em redor dos ecopontos ou ecoilhas também é um problema. Carmen Cagica tem enviado queixas para a Junta de Freguesia de Alcântara, a mais recente no início da semana: "O contentor dos indiferenciados da ecoilha continua envolto num plástico há três meses e os dois contentores colocados ao lado estiveram a transbordar durante vários dias." A moradora na Travessa do Giestal assinala que a responsabilidade é da câmara e lamenta o "comportamento pouco civilizado de alguns moradores, que para não tocarem nos contentores deixam os sacos no chão", provocando mau cheiro, ratos e baratas.

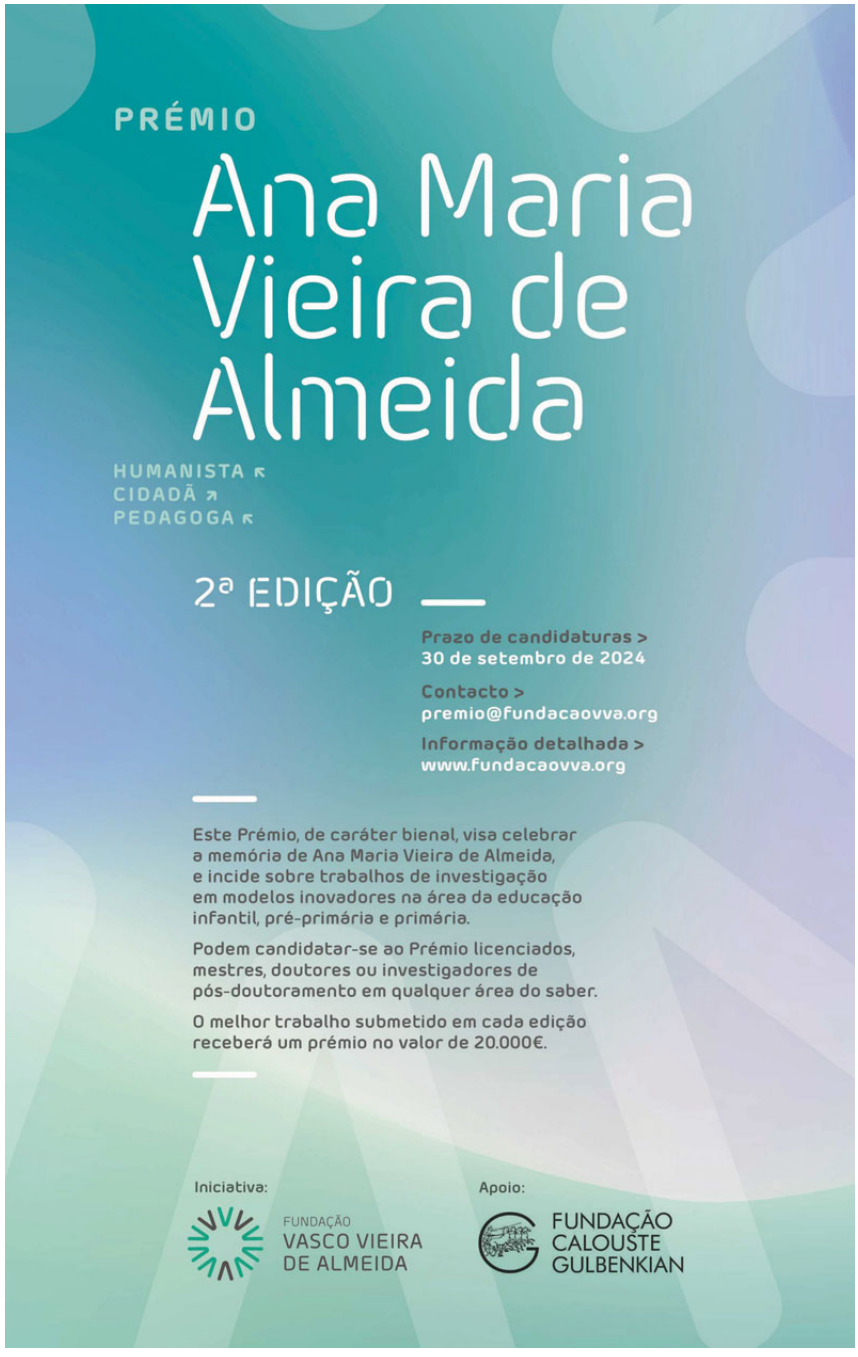
O presidente da Junta de Alcântara (PS), Davide Amado, confirma que "há mais pragas de ratos e baratas", mas aponta o dedo à CML pela "falta de recolha regular" nas ecoilhas. Ricardo Marques, presidente da Junta de Benfica, também é crítico da atuação da câmara. "Estou a olhar para uma ecoilha a rebentar", descreve numa conversa por telefone. "Hoje em dia não há uma semana sem problemas."

ctomas@expresso.impresa.pt

**Pequenos aglomerados de lixo surgem um pouco por toda a cidade, mas sobretudo nas zonas com mais turistas ou de maior densidade populacional. Autarquia contratou mais 197 cantoneiros e 25 motoristas e reforçou a frota de higiene urbana com 79 novas viaturas**

## Comerciantes do Benformoso contrataram recolha privada

Insatisfeitos com a acumulação de lixo, moradores e comerciantes da Rua do Benformoso, em Lisboa, juntaram-se para pagar a duas pessoas para limpar a zona, conta ao Expresso Rajib Al Manun, um dos promotores da iniciativa. Cada um contribui com €20 a €30 por mês e a limpeza é feita por turnos. "Milhares de pessoas passam aqui diariamente. Temos cerca de 40 estabelecimentos, entre lojas, mercearias e restaurantes, mas só há dois contentores e a recolha é feita apenas uma ou duas vezes por dia, o que é insuficiente. Algumas horas após a recolha os contentores já estão novamente a abarrotar", lamenta Rajib, de 42 anos, que chegou a Portugal vindo da Índia há mais de uma década. Garante que nem todo o lixo é produzido pelos moradores e comerciantes. "Pessoas de outras zonas vêm vender droga aqui. Deixam o produto nos contentores e os clientes vão lá buscá-lo depois, mas às vezes não encontram logo o que procuram, tiram os sacos para fora e não voltam a depositá-los, deixando lixo espalhado pelo chão. Tentamos evitar, mas tornam-se agressivos." Considera urgente aumentar a frequência da recolha de lixo para "pelo menos três vezes por dia" e garantir a presença de varredores. Também defende um reforço do policiamento, "para dissuadir quem vem de fora traficar droga". "Deveria ser dada mais atenção a este problema. As pessoas que aqui trabalham pagam impostos e contribuem para a economia do país. Esta rua é como se fosse a nossa casa e gostamos de a ver limpa."

**Tozé Brito** Músico, compositor e vice-presidente da SPA

# "No dia em que deixar de estar apaixonado, vou morrer"

Textos **BERNARDO MENDONÇA**
Fotos **TOMÁS ALMEIDA**

É um dos nomes incontornáveis da história da música portuguesa. Tozé Brito fez-se músico no tempo em que as cantigas eram uma arma e os artistas da canção ligeira faziam parar o país no Festival da Canção. Com um ouvido certeiro para a música, e a quem chamaram 'senhor festival', foi responsável por largas centenas de sucessos musicais, de Carlos Paredes às Doce, passando por Paulo de Carvalho, Jorge Palma e José Cid.

Aos 70 anos deu que falar com dois discos especiais, um a celebrar a longa amizade com José Cid, que resultou no álbum "Tozé Cid", e outro que enaltece as suas canções mais icónicas interpretadas por uma nova geração de músicos, em "Tozé Brito (de) Novo". Agora abre o livro sobre si e o romance de autoficção que está a terminar.

**P Parafraseando uma das tuas canções: "Olá, então como vais?"'**
**R** Melhor que nunca, talvez. É uma questão de paz interior. Claro que com a idade, fisicamente, vamos sentindo o peso do tempo, mas mentalmente não temos de o sentir. Acho que estou numa fase muito leve nesse aspeto.

**P Essa paz interior e fase leve demorou uma vida a atingir?**
**R** Teve altos e baixos, teve picos...

**P 'Picos e vales', como canta a Márcia.**
**R** Exatamente. Olho para a vida agora com muito menos ansiedade, de uma forma menos emocional, menos ansiosa e com objetivos concretos e definidos. Eu não paro, e não vou parar de trabalhar até cair para o lado. Vamos ver se não caio tão cedo.

**P Um ensinamento. Mas diz isso porque faz aquilo que gosta?**
**R** Fundamentalmente, senão seria muito complicado, não sei se conseguiria. Se calhar dedicava-me à pesca. Ia para as Caraíbas, com um barquinho nas Caraíbas estaria muito bem. Mas acho que, fazendo o que se gosta, temos o incentivo necessário para poder ir até aos 90, e por aí fora, a trabalhar sem parar.

**P Para a máquina não parar.**
**R** E também é preciso fisicamente não a deixarmos parar.

**P Se a sua vida fosse um romance, com que cena começaria?**
**R** Excelente pergunta. Talvez com aquilo que penso que mudou a minha vida, que foi a minha saída do Porto, dos Pop Five, a

OUÇA A ENTREVISTA NA ÍNTEGRA NO *PODCAST* **"A BELEZA DAS PEQUENAS COISAS"** EM ***EXPRESSO.PT/PODCASTS***

convite do José Cid, para vir para o Quarteto 1111. Muita gente poderá imaginar o que é de repente sair do Porto, em 1969, que era uma cidade onde me sentia muito confortável, com grandes amigos, com a minha família, e vir cair aqui em Lisboa, mais propriamente a Cascais, com uma banda de gente muito mais velha do que eu e que me muda a vida completamente. Tenho a impressão de que se tivesse ficado por lá não seria músico hoje, porque o Porto daquele tempo não nos permitia o que Lisboa nos dava.

**P Pelas minhas contas, tem registadas 524 canções da sua autoria na SPA.**
**R** Agora já são mais umas duas ou três, e é porque não estou a escrever canções neste momento. Se fizermos as contas, dá uma canção por mês.

**P Lembra-se da primeira?**
**R** Está no primeiro EP dos Pop Five, chama-se "You Will See". É uma canção de despedida, alguém que partiu e eu canto "vais ver que ainda te vais lembrar de mim". É uma coisa muito imberbe, que gravei com 16 anos. Foi a primeira canção que escrevi.

**P Escreve rapidamente?**
**R** Tenho alturas em que sou capaz de me

> "EU NÃO PARO, E NÃO VOU PARAR DE TRABALHAR ATÉ CAIR PARA O LADO. VAMOS VER SE NÃO CAIO TÃO CEDO"

fechar, e já fiz isso muitas vezes, para gravar um álbum. Álbuns meus, dos Gemini ou das Doce, para quem escrevi muitas canções, são exemplos em que desaparecia. Fechava-me três semanas e era capaz de escrever seis, sete, oito canções sem problema nenhum. Se te fechas e isolas, e já tens os temas, ideias e frases, as coisas saem com facilidade. Mas quando estás à espera que a inspiração chegue, ela acaba por não chegar. É melhor sentarmo-nos todos os dias a escrever, fazer esse exercício de músculo. Claro que há dias mais desinspiradores, mas o trabalho por sistema ajuda. E hoje, que estou noutras escritas, se não fizesse assim, não seria capaz de chegar a lado nenhum.

**P Gosta de escrever para os outros?**
**R** Dá-me muito mais prazer escrever para os outros do que para mim. Porque não gosto de cantar, nunca gostei, exceto nos anos dos grupos Pop Five, Quarteto 1111 e Gemini.

**P Tinha jeito para as coreografias.**
**R** Aquilo dava trabalhinho, eram muitas horas de ensaios, mas dava-me muito gozo também. Quando tens alguém ao teu lado, é completamente diferente. Aí gostei de cantar.

**P Há muito que provou ter mão certeira para sucessos. É intuição ou é saber a fórmula?**
**R** Não existem fórmulas de sucesso garantidas. É uma intuição. Há aqui uma necessidade fundamental para mim, que é contar uma boa história. É preciso que as palavras batam no coração das pessoas e que as pessoas se identifiquem com a letra das canções e possam dizer "isto podia ter acontecido comigo, podia ser uma história da minha vida", o que já é meio caminho andado para se ter um sucesso. Começa pela letra, e depois há fórmulas musicais mais simples, outras mais complicadas, e usamo-las em função do que queremos. Quando escrevi, com o Mike Sargent, o "Amanhã de Manhã" para as Doce, sabíamos exatamente que aquela canção não podia falhar, e não falhou. Como o "Pensando em Ti", dos Gemini, também não falhou, e outras.

**P Como o "Papel Principal", um sucesso cantado pela Adelaide Ferreira, a canção de mandar às favas um amor falhado. Foi um pedido dela, não foi?**
**R** Foi. A Adelaide contou-me que se tinha zangado com o namorado na altura e disse-me "eu preciso de fazer uma canção para lhe atirar à cara. Ele tem que chorar a ouvir isto". E a canção é um "vai à fava" forte e canta "o papel principal é meu e só meu", acabou e tu vais dar uma curva, que eu não estou para te aturar. Na canção está lá o recado que ela queria dar e ainda por cima ela musicalmente complicou-me a vida, porque disse que queria que soasse a balada, como o "Still Loving You", dos Scorpions. Fui ouvir com mais atenção a estrutura harmónica dessa balada, fiz uma melodia completamente distinta e diferente, mas o ambiente está lá todo se forem agora comparar. A referência do "Recordar É Viver", cantada por Vítor Espadinha, é o Joe Dassin, "Papel Principal" vai inspirar-se aos Scorpions, há sempre referências, como o Chico Buarque e o Jacques Brel. É preciso assumir essas influências mas fugir delas. Tudo o que fiz foi influenciado por alguma coisa que ouvi.

**P Concorda que há vozes virtuosas, que enchem plateias, mas talvez despidas dessa singularidade da alma.**
**R** Claro. Dou o exemplo do Luciano Pavarotti, do Plácido Domingos ou da Montserrat Caballé, todos esses têm grandes vozes e alma a cantar. Mas depois há milhares de grandes tenores ou barítonos que não chegam nunca lá porque lhes falta alma. Quando se canta demasiado bem, as pessoas ficam tão embevecidas com a voz que deixam de ouvir o que se canta.

**P Mas essas vozes bonitas que embalam, as tais sem alma, vendem bem...**
**R** Chegam a determinado patamar. Mas para chegares aos tais megassucessos, aos *hits*, aqueles que vendem centenas de milhares de discos, precisas de um extra, não chega a voz. A voz tem de ser característica única, mas depois juntas a isso uma boa canção e uma letra que toque o coração das pessoas e tens 90% do caminho feito para teres um êxito nas mãos.

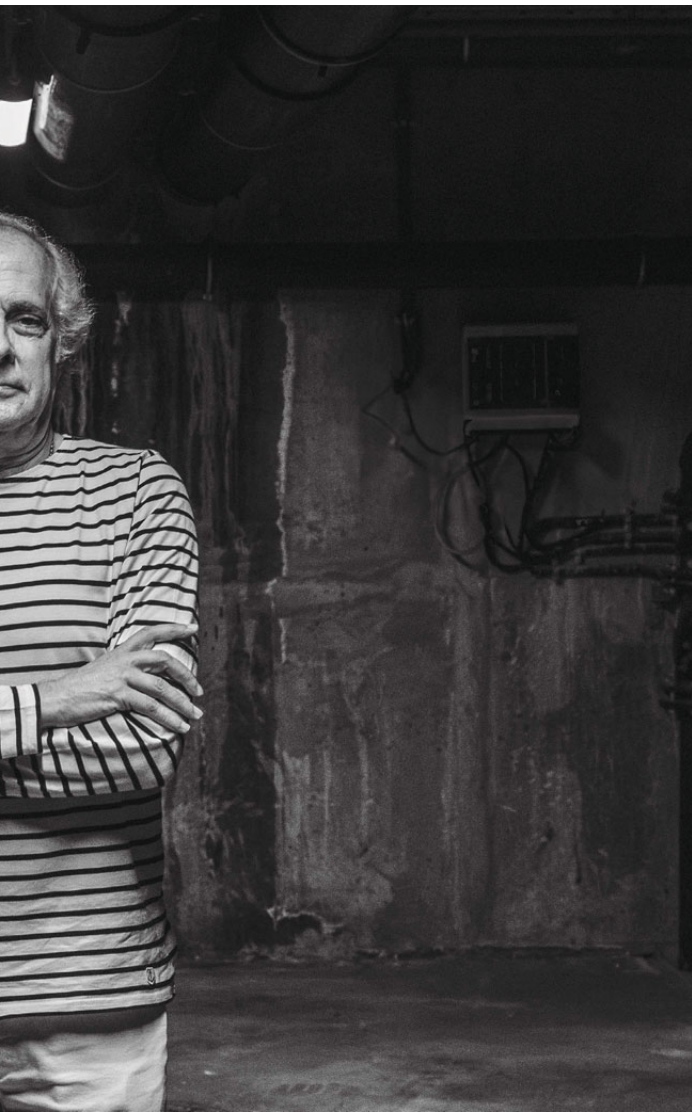
**P Na sua juventude, com o Quarteto 1111, os Gemini e a ida à Eurovisão, quando o país parava para ver o festival, viveu uma vida de *rock and roll*?**
**R** Completamente, toda e mais alguma. Fiz as asneiras e experiências todas que podia fazer, o catálogo completo [risos]. Mas nunca me levei demasiado a sério, o que é outro dos segredos para o sucesso. Quando começas a levar-te demasiado a sério e pensas "sou muito importante" e as pessoas "têm que achar que eu sou um génio", tropeçaste, caíste, já foste. Não podes nunca encantar-te com o espelho e tens de ter a perceção de que há gente que gosta de ti e outra que odeia a tua música.

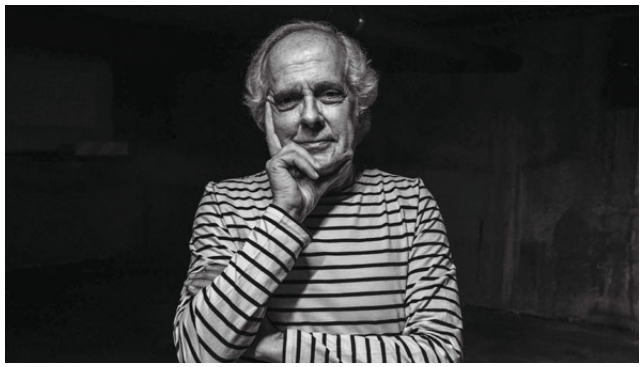
**P Como é que se defendeu do ego insuflado?**
**R** Percebendo que outros que tinham tido esse ego insuflado, e com toda essa atenção, caíram a pique, estamparam-se à primeira curva ao fim de uns anos, porque a vaidade não pega na música e na vida. Acho que as pessoas narcisistas não atraem e acabam por se espatifar.

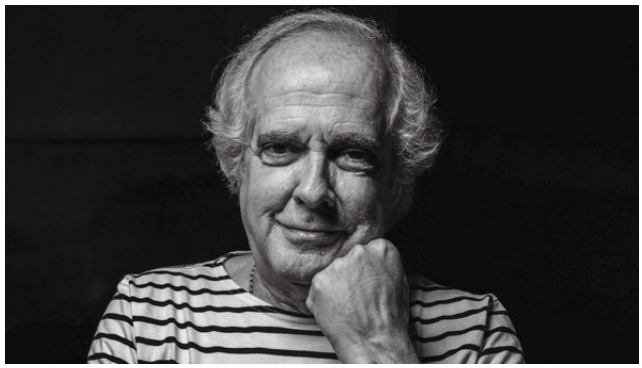
**P Porquê?**
**R** Há uma relação de amor-ódio. Começas por amar esse tipo de gente e depois, com o tempo, vais-te cansando e dizes "este gajo é um palerma, um vaidoso, um pavão, já não aguento olhar para ele". A partir daí começas a criar anticorpos, e essas pessoas acabam por sofrer as consequências.

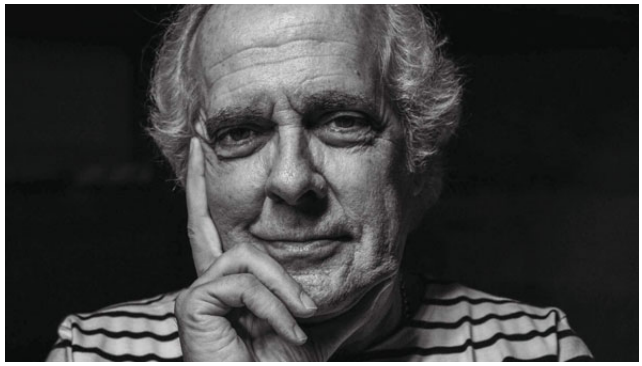
**P As pessoas sentem-se atraídas por ídolos reais, humanos, com fragilidades...**
**R** Temos de ser humanos antes de qualquer outra coisa. Quando as pessoas se põem num pedestal e perdem a noção da distância, achando-se muito lá em cima, dão um tombo que se espatifam todas.

**P Viu isso acontecer à sua volta?**
**R** Não vou citar nomes, mas vi acontecer e continua a acontecer, pois quando









se perde a noção da realidade acaba por ser ridículo. E com a idade e o tempo as coisas agravam-se, e começas a fazer figura de parvo sem te aperceberes. Tens de ter noção do mundo que te rodeia, das pessoas, daquilo que pensam de ti, e tens de ter humildade e saber que sem sorte não se chega lá.

**P Acha que teve essa sorte na vida?**

**R** Começámos esta conversa a falar de um momento-chave que mudou a minha vida, mas houve outros, como quando saio de um primeiro casamento. Durou mais de 40 anos até assumirmos que não éramos felizes. E parti para um segundo casamento, o que estou a viver neste momento com a Inês [Meneses], pela qual estou apaixonadíssimo. É fundamental termos a coragem de dar estes passos e nunca é tarde, na medida em que todos têm o direito inalienável à felicidade. Comecei a perceber que estava a cometer erros atrás de erros e a não ser honesto com os outros nem comigo. Estava a fazer gente infeliz e eu próprio não estava feliz, por isso procurei outro caminho e assumi-o sem medo. Conheci muitos que passaram por situações parecidas e não deram este passo por comodismo. A busca da felicidade é crucial na minha vida. No dia em que deixar de estar apaixonado, vou morrer interiormente.

> “ESTAVA A FAZER GENTE INFELIZ E EU PRÓPRIO NÃO ESTAVA FELIZ, POR ISSO PROCUREI OUTRO CAMINHO SEM MEDO”

**P Há a ideia de que com a idade ficamos menos disponíveis para o desconforto do novo...**

**R** Felizmente nunca senti isso. É uma coisa que acontece com 90% das pessoas a partir de certa idade, mas eu não tenho idade quando dou um passo em frente. Se estou a dar esse passo é porque tenho pernas e energia para o fazer, portanto avanço e depois logo se vê.

**P Como olha para as revoluções das novas gerações: a luta climática, o questionamento dos papéis de género e a afirmação de novas identidades, reflexões afirmadas há muito na *pop* e no *rock* internacional, como Bowie.**

**R** Acho absolutamente pertinentes. Quando era jovem, o ambientalismo não era uma preocupação. As questões de identidade de género, binários, não binários, também são uma coisa atual. Já com a homossexualidade convivíamos naturalmente. Então na música, meu Deus, estávamos perfeitamente todos aos abraços e ninguém se preocupava. As preocupações hoje são distintas e tenho de as levar a sério, não as posso menosprezar.

**P Está a terminar a escrita de um romance. Será para quando?**

**R** Estou a escrever o último capítulo. É um romance em que também há muita autoficção, ou seja, passo por muitos lugares por onde já passei, muitas situações que vivi, mas não estou a escrever sobre o que foi, mas sobre o que poderia ter sido. Em princípio, o livro estará cá fora em março do ano que vem.

oemaildobernardomendonca@gmail.com

## AS ESCOLHAS PARA O VERÃO

### UM LIVRO
**“A Única História”, de Julian Barnes**

Não é um livro muito denso. Associo o verão a uma certa leveza, sempre, e a uma disponibilidade para o prazer. E há livros que me apaixonam de tal maneira que tenho de os acabar naquela noite. E com este aconteceu-me isso. O Julian Barnes, assim como o Martin Amis, são escritores contemporâneos ingleses de topo. Quanto a mim, os melhores. Neste livro, Julian Barnes é extremamente feliz, e partilho uma pequena passagem: “Toda a gente tem a sua história de amor. Toda a gente. Pode ter sido um fiasco. Pode ter-se evaporado. Pode nem ter tido pernas para andar. Pode ter sido só na cabeça, que isso não a torna menos real. Às vezes torna-a mais real. Às vezes vemos um casal. Parecem entediados de morte um com o outro e não conseguimos imaginá-los a terem algo em comum, nem a razão por que ainda vivem juntos. Mas não é só hábito, ou indulgência, ou conveniência, nada disso. É porque já tiveram uma história de amor. Toda a gente tem. É a única história de amor.” Não vou contar o livro porque estragaria tudo, mas é uma história de amor absolutamente única. É um amor proibido que começa por ser clandestino.

### UM CONCERTO
**Nick Cave & The Bad Seeds, 27 de outubro no MEO Arena**

Tenho de confessar aqui uma coisa: eu não sou fã do Nick Cave para ouvir, sou fã para o ver. Descobri isso há pouco tempo na minha vida, com a Inês [Meneses]. A Inês é fã de Nick Cave e eu gosto de Nick Cave. Há outras coisas que prefiro quando se trata de ouvir só música. Mas falem-me de um espetáculo de Nick Cave e é completamente diferente. Quando o vi pela primeira vez em palco, fiquei... “O que é isto? Que animal de palco é este? Que espetáculo é este?” E em termos visuais ele é brutal. Fica aqui a sugestão, dia 27 de outubro no MEO Arena.

### UM LUGAR
**Moledo do Minho**

Há um lugar onde cresci, que é Moledo do Minho. É ao pé de Caminha, faz fronteira com Espanha, tem o rio Minho pelo meio. Os meus pais tinham lá casa e até aos 40 anos as minhas férias foram lá passadas. Já não é onde passo as férias de verão, pois entretanto transferi-me para outras paragens, estou um bocadinho mais abaixo, em Mindelo, com a Inês. E às vezes no Algarve, onde continuo a ter um espaço onde gosto de ir. Mas Moledo é Moledo, é aquele lugar que tem um encanto especial. Aquela foz do rio Minho é um dos sítios mais bonitos de Portugal. Vão lá ver quem não conhece.

### UM FILME
**“Os Fabulosos Irmãos Baker”, de Steve Kloves (1990)**

É um filme para músicos, mas também para toda a gente. Este diz-me muito porque é sobre a vida de dois músicos que não conseguem fazer a música que querem. Têm de se vender. Para sobreviverem têm de fazer uma música que não é aquela que gostariam de compor. E depois há uma história de amor lindíssima também [com Michelle Pfeiffer, Jeff Bridges e Beau Bridges].

### UM DISCO
**“American Standard”, de James Taylor**

O James Taylor é um amor dos meus 20 anos. Estava eu no Algarve, numa discoteca, a tocar com o Quarteto 1111, quando ouvi o “You’ve Got a Friend” e fiquei fã dele para a vida. O “American Standard” são as tais canções que não têm tempo, algumas com 40, 50, 60, 70 anos, e cantadas agora, neste disco de 2020, é como se tivessem sido compostas hoje.

VERÃO 2024

FOTOS GETTY IMAGES

O HOMEM QUE COMIA TUDO
Ricardo Dias Felner

# A nossa ignorância numa bifana com Savora

**É um dos molhos mais icónicos da gastronomia portuguesa, mas está envolto em equívocos. Pequena investigação e prova cega de mostardas**

Ainda mal me tinha refeito da notícia de que, afinal, Cristóvão Colombo não era português e de que o azeite Gallo não é feito das oliveiras em redor de uma igreja fofa com um galo a cantar desde 1914 quando o meu amigo Paulo Sebastião me envia a mensagem: "A Savora parece ter sido primeiro inventada em 1899 pelos ingleses", escreveu-me. "Estou a receber mensagens de uma data de portugueses em choque", atirou, depois de ter postado a descoberta no Instagram.

Eu fui um desses portugueses em choque. Não porque adorasse Savora, mas porque a arrumava no mesmo baú de tesouros nacionais onde estão o jipe UMM e o galo de Barcelos.

Desde há décadas que sou confrontado com a Savora em tascas e em restaurantes Michelin de norte a sul do país. Mesmo sítios sofisticados — orgulhosos dos seus rabanetes lactofermentados, dos seus vinhos naturais — vêm trazer à mesa a Savora, "a mostarda portuguesa". Já ouvi, inclusive, empregados a entregarem a bisnaga a turistas franceses e a dizerem, orgulhosos: "This is portuguese mustard."

Ora, depois de algumas semanas a investigar o assunto, confirmei a notícia do meu amigo, grande padeiro e cozinheiro, a viver na Suécia. A "nossa mostarda" Savora foi, afinal, criada por ingleses no século XIX e existe um pouco por todo o mundo, da Argentina a França. A marca surgiu quando a britânica Reckitts, então uma empresa de produtos de lavandaria, se associou à Colman, líder no comércio de mostarda.

A Reckitts & Colman acabaria por estabelecer-se em Loures há mais de 40 anos. O molho Savora destacava-se, por ser uma mistura de várias especiarias, adocicada e com pouca farinha de mostarda (hoje, a percentagem é de 3,5%). Nos anos 70, o rótulo — igual ao de outros mercados internacionais, no frasco de vidro — destacava a informação de que se tratava de uma "fórmula de J. & J. Colman, Ltd".

Com o passar dos anos, a Unilever trataria de adquirir a marca em vários mercados internacionais, mas não em Portugal. Em 1999, a F. Lima, SA — empresa que se orgulha de ter trazido para o país a Gillette e a WC Pato — compraria os direitos de produção e comercialização da marca diretamente à Reckitts & Colman, procederia ao *rebranding* e, em 2022, transferiria a produção para uma fábrica em Moura — a Alimentos Guadiana (que produz para várias marcas e vende também com a Dona Sarah). De acordo com respostas a perguntas que enviei à F. Lima, a empresa tem também o registo da marca em países como a Alemanha, Áustria, Benelux, Itália, Moçambique, Polónia, Chéquia, Eslováquia, Suíça e Argélia —, mas não fornece para lá.

Dina Letras, gestora da marca, garante que a receita da mostarda se mantém igual desde que a marca entrou no mercado português, sendo "única, exclusiva e confidencial". Sem entrar em detalhes, indica que "a diferença está na mistura das especiarias (que lhe chamamos C60) e na moagem da farinha de mostarda".

É certo que as Savora diferem, como comprovei pessoalmente. Este fim de semana fiz a minha receita de bifanas e chamei cinco amigos para uma prova cega de mostardas. Encomendei a Savora francesa (produzida pela Amora, comprada pela Unilever), através da Amazon, e do meu supermercado trouxe outras quatro, entre elas a Savora portuguesa.

Chegado a casa, marinei meio quilo de bifanas em louro (10 folhas), alho esmagado com pele (10 dentes), sal, pimentão-doce em pó, um copo de vinho branco e uma colher de sopa de azeite. Reservei e fui numerar as mostardas em prova.

Meia hora depois, escorri a marinada das bifanas e reservei-a. Marquei a carne em três colheres de sopa de banha, tendo atenção para que as bifanas não viessem com alho nem louro agarrado. Quando já estavam castanhinhas, retirei-as da frigideira. Nessa gordura, juntei duas colheres de azeite, as sobras da marinada e uma malagueta.

Deixei frigir brevemente, até o alho alourar, molhei com mais vinho branco, reduzi em lume vivo e, por fim, derreti lá dentro um bom pedaço de manteiga. Reguei as bifanas com essa molhanga e servi-as dentro de papo-secos abertos ao meio, pré-torrados na face interior, ensopando bem o pão.

Na mesa já estavam cinco pratinhos com as diferentes mostardas, devidamente descaracterizadas.

Resultados. Desde logo, foram evidentes as diferenças entre a Savora portuguesa e a francesa. Sendo o perfil parecido — mais um condimento avinagrado e gelatinoso do que uma verdadeira mostarda —, a Savora portuguesa pareceu mais interessante do que a francesa a todo o painel.

Na comparação com as mostardas mais robustas em prova (acima de 17% de sementes de mostarda na composição ), como a da Heinz (feita de sementes de mostarda moída, equilibrada, adocicada) e a da Löwensenf (alemã, mais austera e intensa de picante) —, no entanto, a Savora produzida em Portugal foi derrotada, tendo a da Heinz e a da Löwensenf empatado, no topo — "por parecerem mais mostarda" e "terem um ar menos artificial".

Em último lugar ficou a mostarda da Paladin (com apenas 2% de mostarda), em penúltimo a da Savora vinda de França.

Concluindo. Dizer-se que a Savora é uma mostarda portuguesa não faz sentido — nem na criação, nem na produção. As farinhas de mostarda são importadas de fora da União Europeia; e o que sobra é um *blend* de especiarias, vinagre, farinha de trigo e outros espessantes. De resto, a percentagem de mostarda é diminuta, razão pela qual tem sido identificada em muitos países como "condimento de mostarda", e não como "mostarda".

Dito isto, o que descobri nestes dias é que as prateleiras dos supermercados estão cheias de coisas piores, ácidas como aftas, feitas à base de água, corantes amarelos e 1,2% de farinha de mostarda.

Lição. Não sabemos nada do que comemos. Parte da culpa é do marketing, que nos vende mentiras e meias verdades. Outra parte é do regulador, que deixa que isso aconteça, não nos protege nem informa. Mas a maior responsabilidade é nossa. Que comemos e calamos.

sociedade@expresso.impresa.pt

UM DIA HEI DE...
**Marta Pereira da Costa**
Guitarrista de fado

# "O Tiny Desk mudou a minha vida completamente"

É embaixadora e agente da guitarra portuguesa, instrumento com que percorre mundo e estilos musicais. Em março deu a volta ao mundo, pisou palcos da Austrália ao Peru. Celebrou 50 anos de democracia com um concerto na Organização das Nações Unidas. Com Tiny Desk próprio, Marta Pereira da Costa integra, assim, o grupo de pesos-pesados que, de Adele a Mac Miller, gravaram concertos a convite da NPR. "Sem Palavras" é o novo disco.

**P Era seu plano ser uma de poucas mulheres a tocar profissionalmente guitarra portuguesa?**
**R** Os meus objetivos e sonhos vão crescendo enquanto tudo vai acontecendo. Antes de mim, já a Luísa Amaro, mulher do Carlos Paredes, tocava. A história vai lentamente mudando, com mulheres que gostam de arriscar, de contar novas histórias. Acho que esse abrir de portas mostrou que era possível. Hoje temos várias mulheres a tocar profissionalmente, ainda com o percurso curto, mas tudo leva o seu tempo.

**P Sempre quis levar a guitarra portuguesa a outros géneros musicais?**
**R** O fado foi a melhor escola que pude ter, mas sou apaixonada pelo timbre da guitarra. Este nosso instrumento, como bandeira nacional, merece reconhecimento internacional, como tem a guitarra flamenca ou o bandolim, no chorinho. Tento criar projetos onde a guitarra portuguesa é voz que cria pontes com outros instrumentos e sonoridades, levando-a para o mundo, mas trazendo também a riqueza do mundo para o seu repertório.

**P Onde quer chegar?**
**R** Quero levar a guitarra portuguesa o mais longe possível. Quero muito chegar ao Japão, pois tenho um fascínio pela cultura japonesa. Adoram fado, até têm fadistas japoneses.

**P Também tocou nas Nações Unidas.**
**R** Não me passava pela cabeça. Até à véspera do convite, não estava no meu futuro.

**P E o Tiny Desk?**
**R** Nem nos planos, nem nos sonhos! Acho que a sorte também se trabalha: fui antes para o Texas, onde ia atuar no Southwest, e participei em *showcases*. Foi aqui que o programador do Tiny Desk me viu e me deu um cartão. Vejo o Tiny Desk como uma montra de grandes nomes, ainda hoje me vejo a anos-luz daquilo por que por lá passa. O Tiny Desk mudou a minha vida completamente. Recebo muito mais propostas para trabalhos, o que antes quase tinha de pedir. Foi preciso alguém do Tiny Desk acreditar em mim para os outros também acreditarem.

**P Acaba de lançar o segundo álbum. Que outros projetos tem em mãos?**
**R** Tenho vários projetos em 2024, mas o meu disco é aquilo que me apaixona mais, pois há oito anos que não apresentava nada. É um álbum diferente, onde junto o piano e a guitarra portuguesa, os meus instrumentos de eleição. O pianista é o Iván Melon Lewis [cubano com um Grammy Latino], um músico incrível. Tenho outro projeto no Brasil, onde quero juntar três mulheres em palco e fazer a ponte entre a cultura portuguesa e a brasileira.

**P Há algum palco onde queira tocar?**
**R** No WOMADelaide, em Londres. Adorava fazer uma espécie de Rock in Rio, adaptar o repertório da guitarra portuguesa a um concerto para uma grande audiência, para tocar em pé, meio à *rock*, como fiz no São João do Porto. Também quero muito apresentar o meu disco no CCB, mas está a ser muito difícil.

**P Com quem gostaria de colaborar?**
**R** Adorava fazer com o João Barradas um projeto virado para a música portuguesa e para o tango, para este ambiente para onde o acordeão nos transporta. Um dia hei de fazer alguma coisa com a [Concha] Buika.

**P E leituras?**
**R** Compro livros compulsivamente. Tenho "A Vida Mentirosa dos Adultos" [Elena Ferrante] a meio.

ANA LUÍSA BERNARDINO
sociedade@expresso.impresa.pt

FOTO NUNO BOTELHO

CRÓNICA
Manuel Cardoso

# "NO BRAT SUMMER", VIAJA KAMALA LEVE

Velhos são os trapos. Por outro lado, Joe Biden tinha menos hipótese de vencer estas eleições do que um pano de cozinha roto. Esta semana ficou provado que os políticos americanos envelhecem mais rapidamente do que os políticos portugueses: Joe Biden abandonou a corrida; José Sócrates continua a fazer *jogging*. Biden caminha inevitavelmente para a morte política dolorosa, pelo que optou pela eutanásia. Deixou, no entanto, um testamento. Como é comum em homens brancos de idade avançada, consignou todos os seus bens a uma mulher 20 anos mais nova, sobre a qual recaem algumas dúvidas.

Biden poderá ficar na história como o melhor desistente da história da política americana. Se se mantivesse na corrida, arriscaria ser recordado como um *loser*. Ao contrário do que afirmam os livros de autoajuda, desistir não é pior do que perder. A atitude de Biden leva-nos a concluir que se pode vencer desistindo. A frase "perder ou ganhar, o que importa é participar" nunca teve tão pouca credibilidade.

A diferença entre as desistências gloriosas e as desistências humilhantes encontra-se no *timing*. Desistir muito cedo revela medo. Desistir tarde demais revela inconsciência das nossas debilidades. Biden desistiu no momento certo. A sua aparente teimosia conduziu o partido ao desespero derrotista, reduzindo a zero as expectativas democratas. Se a renúncia tivesse ocorrido há seis meses, garantidamente não haveria tamanha excitação com a nomeação de Kamala Harris. Biden disse-nos que o jantar era peixe cozido com brócolos só para ver a nossa cara de alegria ao servir-nos bifes de frango com arroz.

Tivesse o Partido Democrata margem temporal para organizar primárias, o mais provável é que acabassem numa luta fratricida entre os que acham que defender o acesso à saúde é uma bandeira da extrema-esquerda e os que só ficariam satisfeitos se o candidato fosse a versão americana do Arnaldo de Matos. Nesse sentido, é capaz de não ter sido mau que a nomeação tenha acontecido por magia. Biden é Albus Dumbledore e só confia em Harry Potter para derrotar aquele-cujo-nome-não-pode-ser-pronunciado.

Os republicanos estão com dificuldade em magoar Kamala. Uma das linhas de ataque passa por sublinhar que Kamala não tem filhos. Contrasta com Trump, que é tão bom pai de família que decidiu ter vários. Pode realmente tornar-se numa desvantagem: durante os debates, vai notar-se a falta de experiência em lidar com birras. Donald Trump já lhe atribuiu uma alcunha: "Laughing Kamala" (Kamala risonha). Bem melindrosa, não é? Talvez seja o mais pobre trabalho de um artista que tem no repertório sucessos como "Crooked Hillary", "Ron DeSanctimonious" (para Ron DeSantis, seu ex-rival) ou "Governor Newscum" (para Gavin Newsom, governador democrata da Califórina).

**Esqueçamos Joe Biden, os Clintons ou Nancy Pelosi. O apoio mais importante que Kamala Harris recebeu nestes dias foi o da cantora *pop* Charli XCX**

Esqueçamos Joe Biden, os Clintons ou Nancy Pelosi. O apoio mais importante que Kamala Harris recebeu nestes dias foi o da cantora *pop* Charli XCX. A artista britânica, que lançou este verão um álbum aclamado pela crítica e pelo público, afirmou no X que "Kamala é *brat*". "Brat", o título do disco, significa algo como pirralha mimada, mas é um elogio. Opõe-se à *clean girl*, que vive de acordo com as expectativas e prefere o cuidado da pele à pândega. Pode ser estranho que a política americana seja influenciada pelas temáticas da revista "Bravo", mas todos os votos, incluindo os do eleitorado cronicamente *online*, contam. Não tenhamos dúvidas: nas eleições americanas de 2024 quem é *brat* terá mais hipóteses do que quem é *cringe*.

sociedade@expresso.impresa.pt

BOA CAMA BOA MESA

FOTO D.R.

# Com Eça, sob o manto diáfano da fantasia

Cosmopolita e crítico feroz dos vícios nacionais, **seguimos o olhar ainda atual de Eça de Queirós** entre os mistérios de Sintra, a ruralidade de Baião e os pecados de Leiria

ANA MARIA FONSECA

Várias cidades e vilas lusas serviram de palco ao viajado Eça de Queirós que a partir delas observou e retratou, em mais de 30 romances, ainda atuais, os vícios e hipocrisias nacionais. "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" — patente em "A Relíquia" — sintetiza a obra realista do escritor, diplomata, cronista e jornalista nascido na Póvoa de Varzim em 1845 e registado como filho de "mãe incógnita". Os pais casam apenas quando tem quatro anos, um escândalo à época. A carreira diplomática abriu-lhe horizontes levando-o a Cuba, Inglaterra e França, onde morre aos 55 anos. Em Portugal, vive em Aveiro antes de rumar a Coimbra para estudar Direito, passa por Lisboa, cenário de "Os Maias", Leiria, que inspirou "O Crime do Padre Amaro" e Santa Cruz do Bispo, em Baião, onde a Quinta de Vila Nova, imortalizada como Casa de Tormes, e envolvente rural, inspiram "A Cidade e as Serras".

Parta à descoberta do Caminho de Jacinto e aprecie a ruralidade profunda assim descrita em "A Cidade e as Serras": "Com que brilho e inspiração copiosa a compusera o divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem-amado! A grandeza igualava a graça." Visite a casa que lhe calhou em herança, por parte da mulher com quem teve quatro filhos, Emília de Castro Resende. Por curtos períodos, Eça passa na quinta onde nunca quis viver e que hoje é casa-museu, fundação e guarda vasto espólio do nome maior da literatura portuguesa. Livros, mobiliário, como a secretária onde escrevia de pé, e objetos pessoais entre monóculos e relógio de bolso ou artefactos usados nas diversas viagens que empreendeu a destinos como o Egito e os EUA. E não são mais porque várias malas se perderam no regresso de Paris, explica-se durante a visita guiada.

## Sintra misteriosa

Cenário de vários episódios de "O Mistério da Estrada de Sintra", escrito a quatro mãos com Ramalho Ortigão, e passagens de "Os Maias", a enigmática vila merece exploração. Da Quinta do Ramalhão, onde "a paz das grandes sombras, envolvia-os pouco a pouco uma lenta e embaladora sussurração de ramagens, e com o difuso e vago murmúrio de águas correntes", ao Palácio Nacional de Sintra, "como se esta residência fosse toda ela uma cozinha talhada às proporções da gula de Rei que cada dia come todo um Reino", passe ainda pela Cascata dos Pisões "Sintra é isto, um pouco de água, um bocado de musgo... isto é o paraíso", ou o Palácio de Seteais "com o seu parque sombrio aos pés, a torre esbelta perdida no ar, e as cúpulas brilhando ao sol como se fossem feitas de ouro".

## Crime e castigo em Leiria

Leiria, cenário da história de amor de Amaro e Amélia dá corpo a dos mais emblemáticos escritos queirosianos, "O Crime do Padre Amaro". Hipocrisia, pecado e tragédia desvendam-se ao longo da Rota d'O Crime do Padre Amaro, com início na Praça de Rodrigues Lobo, onde se recua a 1870, quando foi nomeado pároco da Sé: "a noite cerrara. Em redor da Praça as casas estavam já adormecidas: das lojas debaixo da Arcadas saía a luz triste dos candeeiros de petróleo, entreviam-se dentro figuras sonolentas, caturrando em cavaqueira, ao balcão". O lugar é várias vezes referido: "os dois padres observavam maliciosamente a janela da administração. E desceram enfim a escadaria da Sé, rindo de ombro a ombro, divertidos com aquela paixão que escandalizava Leiria". Rua de Afonso de Albuquerque, Rua da Misericórdia, de cuja igreja "saía constantemente o agudo piar das corujas", Travessa da Tipografia, e Casa do Sineiro, onde "se ao entrar o não encontrava, ia logo, sem se deter ao pé da cama da Totó, postar-se à janela da cozinha, vigiando a porta maciça da sacristia de que ela conhecia uma por uma as chapas negras de ferro" e Miradouro Ernesto Korrodi são outras paragens do roteiro municipal.

amfonseca@impresa.pt

**NÃO PERCA**

A edição 2024 do guia "Boa Cama Boa Mesa" reúne uma seleção dos melhores restaurantes e alojamentos nacionais. Com mais de mil locais que merecem visita, custa €19,90 e está disponível na Loja Impresa (tel. 214 698 801).

## ONDE COMER

**Lura Taberna**
António Queirós Pinto trouxe do Restaurante de Tormes para esta taberna em Baião diversas receitas referenciadas por Eça, como o "Frango alourado e arroz com favas" elaborado por encomenda.
**Tel.** 916 252 664
**Preço médio €25**

**Casa Piriquita**
Morada especializada nas afamadas Queijadas de Sintra, a receita, muito apreciada pelo escritor, é conhecida desde o século XIII.
**Tel.** 219 230 626
**€6/Caixa**

**Casinha Velha**
Em Leiria, a cozinha tradicional tem nesta morada porto seguro. Prove o "Arroz de pato-mudo com frutos secos" ou o "Galo capão assado no forno".
**Tel.** 244 855 355
**Preço médio €45**

## ONDE DORMIR

**Valverde Sintra Palácio de Seteais**
Icónico hotel em Sintra, tem 30 quartos, de decoração clássica e peças históricas, distribuídos pela ala velha e pela ala nova do Palácio de Seteais.
**Tel.** 219 233 200
**A partir de: €350**

**Lavandeira Douro Nature & Wellness**
Nesta propriedade do século XVIII em Baião, passado e futuro encontram-se na casa principal ou nas inovadoras brandas, num total de 24 alojamentos rodeados de natureza.
**Tel.** 255 551 008
**A partir de: €140**

**Monte Real Hotel Termas & Spa**
Em Leiria, o antigo hotel termal oferece 101 quartos, alguns no bonito edifício antigo e outros com acesso ao jardim e piscina, uma pequena quinta pedagógica e spa.
**Tel.** 244 618 900
**A partir de: €120**

JUSTIÇA

# Crime de Sócrates vai prescrever nas férias

**Juíza remeteu instrução da Operação Marquês para Ivo Rosa no primeiro dia de férias judiciais. Falsificação ligada ao apartamento de Paris cai**

É mais um nó que parecia ter sido desatado mas que volta a pôr em causa o andamento da Operação Marquês, levando à prescrição já em agosto de um dos crimes de falsificação pelo qual foi pronunciado o principal arguido do caso, José Sócrates, detido há quase 10 anos por suspeitas de corrupção.

A juíza Sofia Marinho Pires, que tinha aceitado com alguma relutância refazer parte da pronúncia proferida pelo antigo juiz de instrução Ivo Rosa depois de um acórdão do Tribunal da Relação de Lisboa ter determinado uma reapreciação sobre um total de 12 crimes de falsificação de documentos e branqueamento de capitais imputados ao ex-primeiro-ministro e ao empresário Carlos Santos Silva, voltou a passar a batata quente ao agora desembargador. Rosa regressou ao ativo a 4 de julho "com serviço reduzido", após uma baixa médica prolongada.

Essa parte do processo foi distribuída nos últimos meses à magistrada do Tribunal Central de Instrução Criminal, mas Sofia Marinho Pires considerou, logo de início, que Ivo Rosa era o "juiz natural" da Operação Marquês, só retrocedendo na decisão de transferir os autos para ele porque o colega estava de baixa sem data para regressar. Como uma junta médica considerou, entretanto, que Rosa estava apto para voltar ao trabalho, "cessou o motivo" que a tinha levado a aceitar refazer a instrução do processo.

Num despacho proferido a 16 de julho, o primeiro dia das férias judiciais, a juíza determinou então o envio dos autos para Ivo Rosa. Na prática, segundo fontes ouvidas pelo Expresso, isso tem implicações claras: como o processo não é considerado urgente, nenhum ato vai ser praticado antes do fim das férias judiciais, a 31 de agosto, o que significa que um dos três crimes de falsificação de que Sócrates estava pronunciado, relativo ao contrato de arrendamento de uma casa em Paris detida por Carlos Santos Silva, vai prescrever em agosto e não poderá mais ser considerado para um eventual julgamento. Os outros dois crimes de falsificação imputados ao ex-primeiro-ministro irão prescrever em abril e em julho de 2025.

Sócrates foi detido no aeroporto de Lisboa em novembro de 2014 e acusado três anos depois. Rosa demorou outros três anos a tomar uma decisão instrutória que destruiu a acusação e pronunciou o ex-primeiro-ministro apenas por três crimes de branqueamento e outros três de falsificação de documentos.

Em janeiro de 2024, a desembargadora Raquel Lima já tinha anulado a não-pronúncia de Ivo Rosa, decidindo que Sócrates responderá em julgamento por um total de 22 crimes, incluindo corrupção. Alguns dos arguidos notáveis que se tinham livrado do processo também vão sentar-se no banco dos réus, incluindo o banqueiro Ricardo Salgado, que já foi condenado a oito anos num dos processos que resultaram da decisão de Ivo Rosa.

MICAEL PEREIRA
e RUI GUSTAVO
mrpereira@expresso.impresa.pt

ALGARVE

Teixeira Duarte colocou terreno na ilha de Tavira à venda. Só que hoje é proibido construir naquele local FOTO DUKAS/UNIVERSAL IMAGES/GETTY IMAGES

# 24 hectares da ilha de Tavira à venda em imobiliária

O terreno pertence à empresa **Teixeira Duarte**, que está proibida de construir ali

JOÃO MIRA GODINHO

O anúncio está numa imobiliária ligada à britânica Christie's. 242.850 m² (cerca de 24 hectares) da ilha de Tavira estão à venda. O preço é €1,6 milhões, o que até nem parece caro — estamos a falar numa ilha junto à costa algarvia. Mas há um senão. Atualmente é proibida qualquer construção no local e quem adquirir o terreno pouco mais poderá fazer do que usufruir do amplo espaço para estender a toalha e deitar-se ao sol.

Nem sempre foi assim. Em 1966, o então Ministério das Finanças e Obras Públicas decretava a desafetação do Domínio Público Marítimo de 27,5 hectares da ilha. No decreto-lei explicava a decisão por ter "reconhecido as vantagens que poderão resultar da urbanização de uma parcela da ilha de Tavira", com vista a "criar condições de habitabilidade e de turismo". O terreno é entregue à Câmara de Tavira, que fica com a missão de o urbanizar "de harmonia com os planos aprovados".

Quatro anos depois, a autarquia optou por vender em hasta pública 24 hectares do terreno (menos três do que o total desafetado), passando para o comprador a responsabilidade de executar os "planos aprovados". Planos que, com base no Projeto de Urbanização da Ilha de Tavira, elaborado pelo arquiteto Frederico George, passavam por "construções urbanas, incluindo estabelecimentos hoteleiros, equipamento recreativo, administrativo e comercial, zonas verdes, arruamentos, parques de estacionamento, etc.", lê-se no contrato de compra e venda.

A referência a arruamentos e parques de estacionamento pode parecer estranha, quando hoje em dia só se pode chegar à ilha de barco, mas o estudo contemplava uma ligação rodoviária, através de uma ponte, uma rede viária para circulação de veículos, esgotos, distribuição de água potável e de energia elétrica. Estavam ainda previstas "outras infraestruturas inteiramente indispensáveis ao bom funcionamento do complexo turístico" e a criação de 3000 a 3500 camas.

**No terreno agora à venda chegou a haver planos para a construção de mais de três mil camas, lojas e até parques de estacionamento**

O terreno é então adquirido, em 1970, por uma sociedade que assume o nome de ILTA (as duas primeiras letras de 'ilha' e 'Tavira' juntas). E tem início um moroso processo de licenciamento, que ainda está em curso quando se dá o 25 de Abril de 1974. Com a revolução, a autarquia de Tavira, que deveria assumir a construção das infraestruturas (água, luz, esgotos e arruamentos, incluindo a ponte rodoviária) é aconselhada pelo secretário de Estado da Habitação e Urbanismo a "rever os compromissos existentes à luz da presente carência de recursos financeiros". E o processo de licenciamento, se já estava lento, praticamente parou.

Macário Correia, que contactou com este caso, primeiro como secretário de Estado do Ambiente, depois como presidente da Câmara de Tavira, explica ao Expresso que, "com o 25 de Abril, as políticas ambientais e de proteção da natureza, caiu tudo". E lembra-se, enquanto secretário de Estado, de ter sido contactado por um responsável da ILTA que lhe disse "que precisava de construir as casas, porque já as tinha vendido e tinha o dinheiro das pessoas". Macário respondeu que "o melhor era devolver o dinheiro".

A ILTA avança então com uma queixa contra a autarquia, que acaba considerada improcedente pelo Supremo Tribunal Administrativo em abril de 2005. "O caso transitou em julgado, já não há qualquer hipótese de recurso", garantiu ao Expresso Ana Paula Martins, atual presidente da Câmara de Tavira. O terreno está agora integrado no Parque Natural da Ria Formosa e a autarca duvida que o proprietário possa mesmo vedar a parcela. "A imobiliária admite que no terreno nada pode ser construído", destaca a autarca, contestando alguma da informação no anúncio de venda: "É referido que parte do parque de campismo e algumas construções estão no terreno e eu entendo que não, o parque e as casas estão totalmente fora da parcela, estão nos três hectares de área desafetada que não foram vendidos."

Já sobre quando e de que forma o terreno passou da ILTA para a Teixeira Duarte, Ana Paula Martins não tem certezas, mas adianta que a construtora, "há uns anos, tentou vendê-lo à autarquia, o que foi recusado". O Expresso enviou, por *e-mail*, questões sobre o caso à Teixeira Duarte, mas não obteve qualquer resposta.

sociedade@expresso.impresa.pt

O FUTURO DO FUTURO

# Os *bugs* também se abatem

**Uma falha no software chega para parar o mundo. Dependência de um punhado de marcas é um risco**

Segundo o ditado, basta uma borboleta bater as asas num continente para gerar uma tempestade noutro, mas hoje é mais provável que a disrupção venha de um *bug*. A metáfora continua a invocar insetos, só que o *bug* não remete para um besouro, mas sim para um erro informático que gera o caos. E está longe de ser assim tão improvável. "Toda a gente usa Google, Microsoft ou Amazon... há uma concentração excessiva", avisa Arlindo Oliveira, presidente do instituto INESC. O apagão gerado pelo software da CrowdStrike confirma o poder dos *bugs*. Ninguém conhecia a marca fora do meio profissional — e a disrupção parou aeroportos, bancos e canais de TV devido a um *bug* que bloqueava computadores com Windows, que é usado em todos os sectores. Arlindo Oliveira responsabiliza o controlo de qualidade da CrowdStrike, e lembra que as cópias de segurança têm custos para empresas e consumidores. "Vivia-se mais devagarinho antes da informática", nota. Mesmo com custos, convém que haja alternativas à vida lenta — e é isso que tenta fazer o Centro Nacional de Cibersegurança (CNCS), com exercícios de reação à catástrofe e a Comissão de Planeamento de Emergência da Cibersegurança para as boas práticas. Lino Santos, coordenador do CNCS, recorda as "camadas" da internet: nas inferiores dominam os *standards* que são alvo de grande debate, mas nas superficiais, que têm os serviços distribuídos à população, "não existe este escrutínio, e predomina a propriedade intelectual da empresa" que potencia falhas. Não há notícias de falha total no fornecimento de Internet em Portugal, mas Lino Santos não esconde que "a acontecer, constituir-se-ia, provavelmente, um cenário de crise". O facto de grande parte dos negócios depender de *clouds*, que mais não são que servidores que disponibilizam dados e computação na web, acentua a tendência de concentração. "As empresas devem começar a olhar para o *multicloud*... se usam uma *cloud* de uma marca, se calhar, devem manter uma segunda opção na marca concorrente. E o Estado deveria obrigar algumas empresas a deixarem de ter serviços alojados numa só marca", sugere Vítor Ventura, investigador de cibersegurança da Cisco Talos. A legislação tenta reforçar requisitos, mas não evita que a soberania europeia fique em causa. "Usamos software americano sobre hardware asiático", refere Nelson Escravana, diretor do INESC INOV. O financiamento e a constituição de novos negócios tecnológicos podem alterar o cenário, mas demoram "décadas" a produzir frutos — e obrigam os europeus a pagar mais, prevê Nelson Escravana sem perder de vista o fator humano: "Se tivesse responsabilidade individual como na engenharia civil, o engenheiro informático poderia recusar a pressão de lançar um produto quando não tem qualidade." A caça aos *bugs* só agora começou.

HUGO SÉNECA
sociedade@expresso.impresa.pt

LINHA CAIXA BPF InvestEU
Na Caixa,
3.555 milhões € para
impulsionar o sucesso
da sua empresa.
Com a nova linha Caixa BPF InvestEU disponibilizamos 3.555M€ para impulsionar o sucesso da sua empresa. Quer seja uma micro, pequena ou média empresa ou uma small mid cap com esta linha pode aceder a financiamento para:
▪ Investimento sustentável
▪ Investigação, inovação e a digitalização
▪ Mobilidade urbana sustentável
▪ Fundo de maneio e outras necessidades de investimento.
Conte com prazos de financiamento alargados (até 20 anos), períodos de carência de até 5 anos e condições de preço vantajosas.
Saiba mais junto de um gestor Caixa Negócios ou Caixa Empresas.
INVEST EU
IMPLEMENTING PARTNER:
BPF Banco Português de Fomento
Caixa. Com o Banco certo ao seu lado, a sua empresa cresce.
Caixa Geral de Depósitos, S.A., registada junto do Banco de Portugal sob o n.º 35.

**Extrema-direita** Orbán tentou juntar Meloni e Le Pen, mas falhou. Italiana ainda sonha com comissário relevante

# Sonho do supergrupo desfez-se

HÉLDER GOMES

FOTO NICOLAS ECONOMOU/NURPHOTO/GETTY IMAGES

Afinal, Viktor Orbán e Giorgia Meloni não ficam no mesmo grupo político europeu

Antes das eleições europeias de junho, o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, sonhava com uma grande aliança da direita radical. A fusão entre o grupo dos Conservadores e Reformistas Europeus (ECR) e o Identidade e Democracia (ID) levaria à formação do segundo maior bloco político do Parlamento Europeu. Isso implicaria um entendimento entre a primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, e Marine Le Pen, a eterna candidata à presidência francesa. Mas só Le Pen se mostrou verdadeiramente interessada na união.

Contados os votos e distribuídos os deputados sem poiso pelos diferentes grupos, o ECR ascendeu à terceira posição, atrás do Partido Popular Europeu (centro-direita) e dos Socialistas e Democratas (centro-esquerda). Contudo, na véspera de assumir a presidência rotativa do Conselho da União Europeia (UE) neste segundo semestre de 2024, Orbán foi a Viena anunciar a criação do Patriotas pela Europa (PfE), que ultrapassou o ECR em pouco tempo — e com nova transumância de partidos e deputados. Uma dezena de dias depois surgiu novo grupo de extrema-direita: Europa das Nações Soberanas (ESN), que ficou no fim da tabela e é alavancado, essencialmente, pelo partido Alternativa pela Alemanha, expulso do ID pouco antes das europeias.

Agora as contas são outras: a fusão dos eurodeputados do PfE (84), ECR (78) e ESN (25) levaria a um supergrupo de 187, apenas menos um do que o PPE. Mas tal meta ambiciosa, de ombrear com a maior família política, parece completamente afastada.

### Apoio à Ucrânia divide

Susi Dennison, diretora sénior do grupo de reflexão European Council on Foreign Relations (ECFR) para a estratégia e transformação, considera "muito pouco provável" um cenário de união dos três grupos. Não apenas devido às "relações tensas entre os diferentes partidos", mas também porque "Meloni, em particular, está muito apostada em seguir outra linha — no interesse do seu grupo político e no interesse nacional italiano", afirma ao Expresso.

Um "exemplo claro" do quão "desafiador" seria os três grupos trabalharem em conjunto é o apoio à Ucrânia. "Vimos Orbán, na sua chamada 'missão de paz', a tentar trazer outros dirigentes para a ideia de pôr fim ao conflito, sem que isso se baseie na paz que os ucranianos querem, ou seja, na recuperação do seu território", acrescenta. Já os Irmãos de Itália, de Meloni, e muitos outros partidos do ECR têm adotado "uma linha muito mais favorável ao consenso europeu em torno da necessidade de apoiar a Ucrânia o tempo que for necessário".

**APÓS O VOTO CONTRA DOS IRMÃOS DE ITÁLIA PARA A SUA RECONDUÇÃO, VON DER LEYEN "NÃO FICA A DEVER NADA A MELONI"**

Seda Gürkan, professora assistente no Instituto de Segurança e Assuntos Globais da Universidade de Leiden, nos Países Baixos, reforça que as fissuras ficaram expostas no primeiro debate em plenário da nova legislatura. A propósito do "apoio contínuo da UE à Ucrânia", "o ECR votou com o bloco pró-europeu e não com o bloco pró-Putin [PfE e ESN]". Tal não significa, adverte ao Expresso, que em certos assuntos, como "Estado de direito, migrações ou Orçamento da UE", estes três grupos não venham a cooperar.

Adam Bartha, diretor do Epicenter — Centro de Informações de Política Europeia, traça linhas de demarcação. "Embora a sobreposição ideológica entre PfE e ESN seja grande, os seus interesses políticos divergem. As principais vozes soberanistas são de partidos antissistema que estão muito longe de governar os seus países, enquanto o Reagrupamento Nacional [de Le Pen], o maior partido dos PfE, nunca esteve tão perto do poder em França", distingue ao Expresso. E há, lembra, o Fidesz, de Orbán, segundo maior partido dos PfE, que governa a Hungria há 14 anos.

O ECR pertence a "uma categoria diferente: muitos dos seus partidos estão ou estiveram em funções governativas e contribuíram para dossiês legislativos durante o último mandato do Parlamento Europeu". Por isso "o ECR desempenhará um papel muito mais construtivo na política europeia e as forças centristas do Parlamento poderão encontrar terreno razoável de cooperação".

### O fator Giorgia Meloni

Correndo em pista própria e escapando ao cordão sanitário que tem afastado a extrema-direita de posições de topo, Meloni continua a ser uma pedra no sapato em vários campos. Orbán não lhe perdoa a recusa em participar numa grande aliança, enquanto Ursula von der Leyen não esquecerá que, apesar de ter andado a cortejá-la antes das eleições, não contou com o voto do partido de Meloni para a recondução como presidente da Comissão Europeia. O amargo de boca já vinha de trás: a italiana não gostou de ver o seu país excluído dos *top jobs*. E agora, após o voto contra a alemã, poderá sonhar com uma pasta de peso para o próximo comissário italiano?

"Ainda é incerto, mas parece pouco provável. A estratégia de Von der Leyen centrou-se em assegurar a eleição a qualquer custo", diz Georgios Samaras, professor assistente de Políticas Públicas no King's College de Londres, ao Expresso. Não tendo tido o apoio de Meloni, o mais certo é que a presidente da Comissão "prossiga com a agenda do seu PPE" e que a "cordialidade" entre ambas "diminua no futuro".

Para a responsável do ECFR muito dependerá dos nomes que sejam apresentados a Von der Leyen. "É certo que não fica a dever nada a Meloni depois da votação e do trabalho que teve para garantir o lugar. E, por conseguinte, poderá sentir-se confiante para tomar a decisão que lhe faça mais sentido", afirma Dennison. O anunciado novo comissário para o Mediterrâneo poderá ser "de grande interesse para os italianos", sugere, ainda que "de menor importância" face às pastas que Meloni ambicionaria, como a Economia, o Comércio ou as Relações Externas.

Raffaele Fitto, ex-eurodeputado e atual ministro dos Assuntos Europeus do Governo Meloni, é um dos nomes mais ventilados como potencial nomeado por Roma para comissário. "Fitto quer a pasta da Concorrência, o que seria má notícia para o mercado único, porque significaria ainda mais intervenção estatal e mercados menos competitivos", acautela Bartha.

O diretor do Epicenter sugere que "a segunda melhor opção para Itália seria a pasta da Imigração, mas mesmo esta poderá ser difícil de obter". A menos que Meloni esteja disposta a nomear alguém do Força Itália, partido de centro-direita que faz parte da sua coligação governativa e que votou em Von der Leyen, ao contrário dos Irmãos de Itália, remata o perito.

hgomes@expresso.impresa.pt

## PERFIL

FRANÇA

# Lucie Castets
# A aposta da esquerda para chefiar o Governo

**Economista, funcionária, ávida defensora dos serviços públicos, pode ser nomeada por Emmanuel Macron, mas não tomará posse tão cedo**

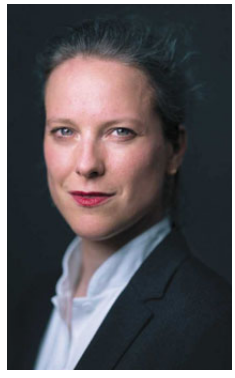
Após duas semanas de hesitações, a Nova Frente Popular (esquerda) chegou a acordo sobre quem deve chefiar o futuro Governo: Lucie Castets. Pouco conhecida, a economista tem 37 anos e perfil mais tecnocrata do que político.

Estudou no prestigiado Instituto de Estudos Políticos de Paris antes de ingressar na Escola Nacional de Administração em 2012 — um *must* para altos funcionários públicos franceses. Dedicou a carreira à defesa do serviço público, que diz querer reconstruir. "A degradação dos serviços públicos foi um dos fatores que alimentaram o voto no Reagrupamento Nacional", disse Castets à rádio France Inter, mencionando o partido de extrema-direita. "Queremos adotar medidas no sentido de melhorar o funcionamento dos serviços públicos", continuou, afirmando que as "questões ecológicas são absolutamente cruciais para o futuro da nação."

Entre as suas principais prioridades, a candidata refere a revogação da polémica reforma das pensões de Emmanuel Macron, uma reforma fiscal para garantir que todos paguem "a sua legítima fatia", e "melhoria do poder de compra".

### Sem acordo com Macron

Castets quer "procurar coligações" no Parlamento, mas acha impossível uma aliança duradoura com o campo do Presidente liberal. "Não pode haver coligação entre os que pensam que se deve investir nos serviços públicos e os que pensam que os recursos devem ser cortados", explicou. "Não há acordo possível entre os que querem que todos paguem a sua parte de impostos e os que propõem reduções de impostos para os mais favorecidos." Militante do Partido Socialista entre 2008 e 2011, garante já não ter vínculo partidário. "Tenho uma personalidade à parte, fora do mundo da política", insistiu ao canal France Inter.



Durante a sua carreira, lutou pela justiça social, ecologia, casamento homossexual, igualdade de género. Trabalhou no combate à fraude fiscal e ao branqueamento de capitais. Desde 2023, é diretora de Finanças do município de Paris.

"Estamos a falar de uma cidade cuja dívida mais do que duplicou em menos de 10 anos", afirmou Pierre-Henri Dumont, do partido conservador Os Republicanos. "Arruinou Paris" e "pode fazer o mesmo a França", acrescentou Sébastien Chenu, do RN.

Castets rejeitou as acusações. Diz-se "orgulhosa de ter participado no financiamento de projetos a que, a longo prazo, irão melhorar a vida dos parisienses, nomeadamente em termos ecológicos", e acrescentou que a dívida de Paris "não chega aos calcanhares da do Estado francês". Dizendo-se "pronta" a assumir o cargo de primeira-ministra "com humildade e convicção", Castets criticou o Presidente, que não conta nomear o chefe de Governo antes de meio de agosto.

MARIANA ABREU
Correspondente em Paris
internacional@expresso.impresa.pt

ESPANHA

# Citação como testemunha embaraça Sánchez

**Sánchez e Gómez num ato eleitoral do PSOE** FOTO EDUARDO PARRA/EUROPA PRESS/GETTY IMAGES

Caso que **envolve a mulher do governante** abala o país. Socialistas galvanizam-se na sua defesa

ÁNGEL LUIS DE LA CALLE
Correspondente em Madrid

O juiz Juan Carlos Peinado decidiu alargar a sua atuação no "caso Begoña Gómez" e chamar como testemunha o marido da visada, o primeiro-ministro Pedro Sánchez. O magistrado quer ouvir Sánchez na sua residência oficial, o palácio da Moncloa, na próxima terça-feira. O depoimento será gravado.

Peinado investiga o envolvimento de Gómez em alegados delitos de tráfico de influências e corrupção em negócios denunciados por um grupo de organizações de extrema-direita, encabeçado pelo partido Vox. Tanto a defesa da mulher de Sánchez como a procuradoria recorreram da decisão do magistrado ou anunciaram tal intenção, já que "não existe o mínimo indício além da vontade do juiz".

A lei permite a Sánchez não depor ou depor por escrito, pelo que analistas admitem que o interesse do juiz seja "gerar impacto mediático, espetáculo e desprestigio", como afirmou a ex-ministra Ione Belarra, secretária-geral do partido Podemos (esquerda populista).

Peinado explica que "a doutrina e a jurisprudência contemplam a modalidade de tráfico de influências em cadeia", razão pela qual "se considera conveniente, útil e pertinente recolher a declaração do marido da investigada". Especialistas jurídicos como Benjamín Reyero, professor de Direito na Universidade de Castela La Mancha, asseguram que isto pode ser visto como "investigação prospetiva", proibida pela lei espanhola.

A averiguação judicial centra-se em encontrar irregularidades na criação de uma cátedra sobre Transformação Social Competitiva na Universidad Complutense de Madrid (UCM), de que Gómez foi codirigente durante cinco anos; se cartas de recomendação assinadas pela mulher do governante a favor de Carlos Barrabés, empresário e professor dessa cátedra, serviram para este receber adjudicações de contratos públicos milionários; e se Gómez influenciou Sánchez a favor do resgate com fundos estatais da companhia aérea Air Europa, cujo CEO era Javier Hidalgo, amigo de Begoña.

**Alberto Núñez Feijóo, líder do Partido Popular, a maior força da oposição, exige a demissão imediata de Pedro Sánchez**

Dois relatórios da Guarda Civil, emitidos a pedido de Peinado, descartaram qualquer anomalia punível. O mesmo se diga da Audiência Provincial e do reitor da UCM, Joaquín Goyache. Este e Barrabés passaram, entretanto, de testemunhas a investigados.

O Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE, centro-esquerda), chefiado pelo primeiro-ministro, saiu em defesa da honra de Sánchez e Gómez. Assegura que tudo se deve a uma operação política de perseguição "cruel e impiedosa contra o primeiro-ministro e a família", com o objetivo último de o desgastar e provocar a sua saída do poder.

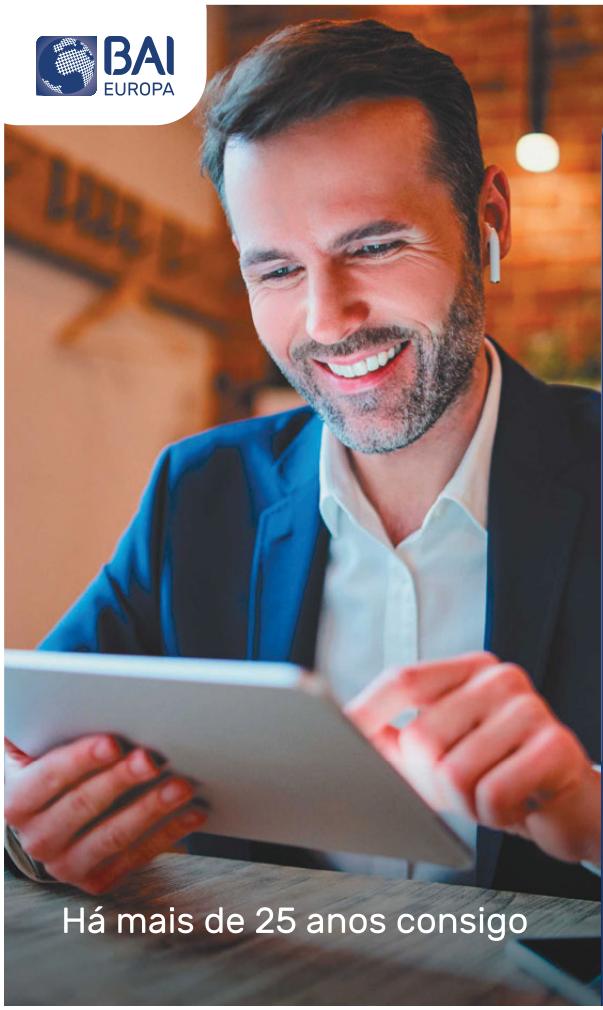
Não obstante, a direção do PSOE não disfarça a preocupação. "Este assunto complica-se a cada dia e torna-se difícil ignorar o impacto do caso sobre a imagem do primeiro-ministro", comenta fonte próxima. Aitor Esteban, líder parlamentar do Partido Nacionalista Vasco (PNV, conservadores nacionalistas), que governa o País Basco em aliança com os socialistas, ensaia uma crítica a Sánchez: "Há coisas que não se deve fazer, não porque a lei as proíba, mas por puro sentido comum".

O líder do Partido Popular (PP, centro-direita, maior força da oposição), Alberto Núñez Feijóo, exige a Sánchez a demissão imediata. Recorda que Sánchez pediu, em 2017, a renúncia do conservador Mariano Rajoy por ter sido chamado a depor num julgamento contra o PP por corrupção.

A estratégia do PSOE passa por insistir que "tudo não é mais do que uma operação política inspirada pela extrema-direita, a que se juntou o PP", e que Feijóo quer "ver se um juiz dá ao PP o que os cidadãos não lhe deram nas urnas", pela boca do líder parlamentar socialista, Patxi López. Da mesma opinião é o antigo juiz Baltasar Garzón, para quem "o alvo é Sánchez, sem a menor dúvida", e "estas atuações promovidas sistematicamente pela direita causam dano irreparável à Justiça".

internacional@expresso.impresa.pt

BAI EUROPA




Depósito a Prazo Novos Clientes
4,00% TANB a 6 meses

Montantes mínimos de 2.500€ para particulares e 5.000€ para empresas, montantes máximos de 100.000€

- Isenção da Comissão de Manutenção de Conta ao subscrever e manter um Depósito a Prazo
- Constituição até 3 meses após a abertura de conta por Novo Cliente
- Sem renovação ou mobilização antecipada

Informe-se no Banco BAI Europa S.A.: (+351) 213 513 750 (dias úteis das 8h30 às 17h)
• clientes.particulares@baieuropa.pt
• www.bancobaieuropa.pt

Disponível para clientes particulares e empresas titulares de conta de depósito à ordem do BAIE e para novos clientes. Os produtos e serviços estão sujeitos ao preçário em vigor. Instituição de Crédito registada no Banco de Portugal com o N° 8.

VENEZUELA

# Eleições são "referendo a Maduro"

O povo dá **sinais de esperança na vitória da oposição**, mas o Presidente pode surpreender no domingo

FOTO FEDERICO PARRA/GETTY IMAGES

**Cartazes do Presidente Nicolás Maduro (em cima) e campanha do opositor Edmundo González Urrutia (em baixo), em Caracas**

EUNICE PARREIRA

As eleições presidenciais na Venezuela, marcadas para este domingo, estão a ser encaradas como das mais decisivas na história do país. As projeções apontam para a vitória esmagadora da oposição, enquanto o Presidente Nicolás Maduro tem recorrido a ameaças de guerra civil caso não permaneça mais cinco anos no poder. As tensões desta campanha eleitoral aumentam, mas "há um ar de mudança e de esperança", diz ao Expresso a luso-venezuelana Andreina Pereira.

Andreina nasceu na Venezuela, onde viveu até aos 16 anos. A crise na república sul-americana, em 2016, obrigou-a emigrar para Portugal, mas, como a maioria da sua família permanece no país onde nasceu, tem encarado a campanha eleitoral com muito nervosismo.

Dado que "o regime está muito mais debilitado, quer na opinião pública interna quer na opinião pública internacional", acredita que as eleições irão confirmar a vitória da Plataforma Unitária Democrática, coligação opositora encabeçada pelo diplomata Edmundo González, depois de Maria Corina Machado, rosto da oposição e em quem se centram as atenções, ter sido impedida de exercer cargos públicos por 15 anos, na sequência de condenação por corrupção pelo Supremo Tribunal da Venezuela.

### Vida do povo piorou

"Sente-se na maioria das pessoas com quem converso que há, realmente, um sentido de voto muito forte na oposição", conta Fernando Campos, conselheiro das comunidades portuguesas na Venezuela, que ali vive desde 1979. A deterioração das condições de vida da população contribuiu para esta viragem.

Em 2023, mais de metade dos venezuelanos vivia em pobreza, segundo um estudo da Universidade Católica Andrés Bello, em Caracas. O conselheiro assistiu à redução do poder de compra, aumento do desemprego e, em especial para a comunidade portuguesa, muito ligada ao comércio, uma quebra do lucro nos negócios, enquanto os impostos aumentaram.

### Nicolás Maduro ameaça com "banho de sangue"

Fernando Campos explica que as eleições de 28 de julho estão a destacar-se das anteriores pelo tom agressivo adotado recentemente pelo Presidente chavista. "Na semana passada, ouviam-se muitas propagandas na rádio, em que o tom dele era muito conciliador. Dizia que amava o seu país, o seu povo, que daria a vida por ele. Agora, nos últimos dias, realmente mudou", descreve.

Durante um comício, o chefe de Estado venezuelano avisou que se a população quiser evitar que "a Venezuela caia num banho de sangue, numa guerra civil fratricida, produto dos fascistas", terá de garantir-lhe "a maior vitória da história eleitoral" do país. Maduro sucedeu a Hugo Chávez, de quem era vice-presidente, após a morte deste último, em 2013. Chávez governava desde 1999.

**Edmundo González, candidato opositor, garante 60% dos votos, segundo várias sondagens**

FOTO RAUL ARBOLEDA/GETTY IMAGES

"Já não gera o receio que gerava há uns anos. Algumas pessoas podem ficar coagidas por essas declarações, mas penso que estão tão fartas do regime que se perpetua já por mais de 25 anos, que não estão a ligar demasiado a estas ameaças", afirma Andreina Pereira, a respeito das proclamações de Maduro.

### Especialistas dividem-se sobre hipótese de fraude

Para Raquel Patrício, professora universitária de Relações Internacionais, especializada na América Latina, é preciso encarar estas afirmações "não no sentido de utilizar a força propriamente dita, mas de que realmente Maduro não vai cumprir o resultado eleitoral". A docente do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa encara com pessimismo a possibilidade de a oposição atingir o objetivo de obter pelo menos 60% dos votos, como preveem várias sondagens

"O problema é que Maduro não cumpre os acordos, viola os resultados eleitorais, comete fraude eleitoral, retira do caminho quem o incomoda. Por exemplo, no dia 21 de junho, dez presidentes de Câmara eleitos acabaram por ser inabilitados para exercer cargos públicos nos próximos 15 anos, depois de terem declarado o seu apoio a Edmundo González", descreve Raquel Patrício.

Uma opinião de que discorda Miguel Tinker Salas, professor universitário venezuelano especializado na história da América Latina na Universidade de Pomona em Claremont, nos Estados Unidos. "O processo vai ser vigiado por observadores internacionais e nacionais e os partidos vão estar presentes em todas as assembleias de voto", afirma. Contudo, o convite do Governo venezuelano para uma missão de observação eleitoral da União Europeia foi retirado, após a UE ter suspendido temporariamente as sanções às autoridades eleitorais venezuelanas, sem retirar as restantes, para garantir eleições justas.

O historiador acredita que a instigação do medo e o recurso a ameaças integra a estratégia de campanha para mobilizar os apoiantes de Maduro e o resto da população. Tinker Salas, que está na Venezuela, tem reparado que a população está exausta de protestos e instabilidade, pelo que existe ânsia por um processo eleitoral pacífico.

**Estas eleições são "um referendo sobre os últimos 20 anos" de chavismo, afirma um historiador**

Com uma vitória da oposição em quase todas as projeções, a professora Patrício acredita que será difícil Maduro vencer e justificar a reeleição. Mesmo que surjam protestos e contestação da população, caso sela reeleito, "a resposta por parte dos militares comandados pelo Governo é sempre muito forte, muito veemente, e, por conta disso, a população é silenciada".

### Economia é o grande desafio

Embora a esperança na mudança se faça sentir, Campos alerta que a falta de produtividade e a necessidade de uma grande recuperação económica pode atrasar a melhoria das condições de vida. "A oposição ainda está à volta de uma pessoa [Machado] e é muito diversa, inclusive do ponto de vista ideológico", explica o conselheiro da comunidade portuguesa.

Patrício acredita que a população iria unir-se em torno do candidato da oposição, independentemente de quem fosse. "O apoio dos venezuelanos a Maduro já foi retirado há muito tempo", diz. O importante é que a Plataforma Unitária Democrática cumpra as promessas: "Fim do regime autocrático na Venezuela" e "garantias de liberdade aos seus cidadãos, dos poderes legislativo, executivo e judicial".

"É um referendo sobre Maduro. É um referendo sobre o chavismo. É um referendo sobre os últimos 20 anos", afirma Miguel Tinker Salas. O docente universitário alerta ainda que "a Venezuela já não é apenas um processo eleitoral nacional, tem ramificações internacionais, particularmente para o equilíbrio de poder na América Latina".

coladoradordi28@expresso.impresa.pt

# Quando a minha empresa for grande, quero que seja ainda maior.

**Conte com a Caixa para ter acesso às melhores soluções de expansão do seu negócio.**
Na Caixa tem acesso a linhas específicas de financiamento ao investimento, próprias, protocoladas com o FEI ou com o BPF, com opções à medida das suas ambições. Conheça ainda os serviços de banca de investimento para Empresas que temos disponíveis:

- **Fusões e Aquisições**
- **Estruturação de dívida**
- **Estruturação e colocação de equity**

Aceda a **cgd.pt** ou fale com um gestor Caixa Negócios ou Caixa Empresas e fique a conhecer as soluções que criámos a pensar no futuro da sua empresa.

**Caixa. Com o Banco certo ao seu lado, a sua empresa cresce.**

Caixa Geral de Depósitos, S.A., registada junto do Banco de Portugal sob o n.º 35.

## Vidas Perfeitas

Por **Carla Quevedo**

**1936-2024** Fotojornalista alemão, dedicou a sua vida a registar o que o impressionava e ficou célebre por fotografar cinco pessoas a conversar em Brooklyn no 11 de Setembro

# Thomas Höpker

Tirar fotografias é uma atividade ao alcance de qualquer pessoa com um telemóvel com câmara fotográfica incorporada. Somos milhares de milhões de fotógrafos amadores, alguns especializados em *selfies*, gatinhos, pores do sol, joelhos nus na praia em pleno verão. Há quem insista em fotografar comida, um tipo de fotógrafo amador. Todos, porém, temos o mesmo objetivo: mostrar aos outros o que andamos a fazer. As fotografias que tiramos têm o propósito de ser mostradas, e nesse aspeto não nos diferenciamos dos fotógrafos profissionais ou que dedicam a sua vida à arte da fotografia. Acontece que aquilo que nos interessa não é o mesmo. Martin Parr preferiu fotografar as pessoas na praia em vez de tirar mil fotografias iguais dos seus joelhos. Vivian Maier fez autorretratos com sombras que envergonham o propósito de qualquer *selfie*. Nós estamos interessados no nosso próprio aborrecimento. Os artistas querem contar histórias a partir de uma mistura misteriosa entre o que lhes chama a atenção e o que lhes acontece.

Morreu aos 88 anos, no dia 10 de julho, em Santiago do Chile, na sequência da doença de Alzheimer de que padecia, o fotógrafo alemão Thomas Höpker, que ficaria conhecido em todo o mundo por causa de uma fotografia que lhe aconteceu no terrível dia 11 de setembro de 2001. Com as estações de metro fechadas, meteu-se no carro em Upper East Side e passou a ponte de Queensboro para tentar um caminho alternativo para chegar à extremidade sul de Manhattan. Em Williamsburg, Brooklyn, viu um grupo de cinco pessoas a conversar, aparentemente descontraídas, sentadas na marginal com as Torres Gémeas na outra margem desfeitas em fumo. Höpker saiu do carro, clicou três vezes e voltou para dentro do carro. Durante cinco anos não mostrou a fotografia, porque havia ali "alguma coisa que não lhe parecia bem". Seria culpa por ter fotografado um instante de normalidade que lhe parecia insuportável no meio de milhares de mortos?

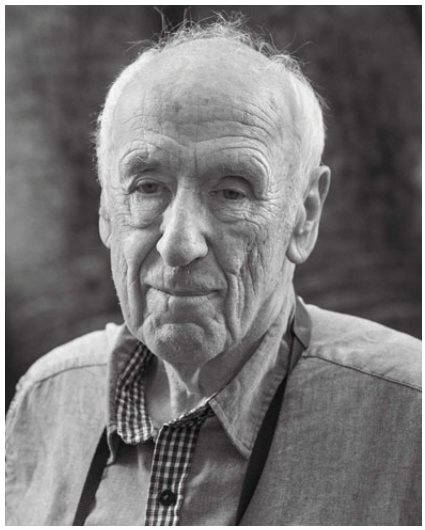


FOTO PAUL ZINKEN/PICTURE ALLIANCE VIA GETTY IMAGES

**Começou a tirar fotografias aos 14 anos, quando o avô lhe ofereceu uma câmara fotográfica com chapas de vidro**

Thomas Höpker nasceu a 10 de junho de 1936 em Munique. Filho de jornalista, começou a tirar fotografias aos 14 anos, quando o avô lhe ofereceu uma câmara fotográfica com chapas de vidro. Revelava as fotografias na casa de banho de casa e vendia-as aos colegas de escola. Era um *hobby* sobre o qual aprendia cada vez mais com os seus estudos na universidade em História de Arte e Arqueologia.

Em 1959 e 1963 trabalhou como fotógrafo para a "Münchner Illustrierte" e a "Kristall". Foi contratado para a "Kristall" para passar uns meses a fotografar numa *road trip* nos Estados Unidos a registar "a condição humana", numa viagem inspirada no livro "The Americans", de Robert Frank. Interessado em andar pelo mundo a fotografar o que lhe interessava, Höpker começou a trabalhar como fotojornalista na revista "Stern" em 1964. Nesse mesmo ano, a Magnum representa-o e divulga os arquivos, mas Höpker só aceitaria ser membro da agência internacional em 1989. Em 1966 tira uma série de fotografias do boxeador Mohammad Ali, a treinar antes do combate com Brian London, que ficaria para a história. Numa das duas que decidiu imprimir, ambas icónicas, o punho direito de Ali ocupa a imagem como se fosse maior do que o homem desfocado.

Viaja para a Índia para registar a fome, a miséria e a doença. Em 1973 faz um documentário também sobre a fome na Etiópia. Em 1974 passa a viver na Alemanha de Leste com a sua segunda mulher, a jornalista Eva Windmöller, e dedica-se mais aos documentários, trabalhando para um canal de televisão alemão. Em 1976 o casal vai trabalhar para os Estados Unidos, os dois como correspondentes da "Stern". Nunca mais viveria na Alemanha, mas só bastante mais tarde, em 2009, passaria a ser cidadão norte-americano, mantendo a cidadania alemã. Entre 2003 e 2006 seria presidente da "Magnum", fundada por Henri Cartier-Bresson e Robert Capa. Numa homenagem por ocasião da sua morte, Höpker é citado pela "Magnum" dizendo que "não é fácil" dirigir a agência, "porque é preciso lidar com os grandes egos dos grandes fotógrafos. Mas vale a pena".

Sempre se considerou um jornalista, insistindo na ideia de nada se poder falsificar numa fotografia jornalística, sem poses nem encenações. As coisas eram como eram, sendo que aquilo que "eram" não deixava de causar espanto, admiração e de suscitar controvérsia por causa das interpretações que as suas imagens suscitavam. A fotografia tirada naquele 11 de Setembro em Brooklyn ficaria cinco anos à espera de ser vista pelo mundo, sendo por fim publicada no livro de David Friend intitulado "Watching the World Change: The Stories Behind the Images of 9/11". A razão para Höpker não ter publicado a fotografia antes, apesar de ser jornalista e de ser dos únicos registos fotográficos daquele dia, está relacionada com a angústia que sentiria perante aquele estado de normalidade daquelas cinco pessoas, que pareciam não estar perturbadas pelo acontecimento avassalador mesmo à sua frente. Na verdade, os motivos para não mostrar aquela fotografia ao mundo nada tinham que ver com culpa, mas com o juízo que fez na altura e que se manteve durante todos aqueles anos àquele grupo de pessoas. Höpker não gostou de ver o que considerou ser um ato de indiferença, mas não hesitou em castigar esse ato com um registo fotográfico. Ainda bem, porque a imagem é extraordinária.

Höpker publicou dezenas de livros, realizou filmes e documentários e ganhou vários prémios pelo seu trabalho, mas foi naquele 11 de Setembro que fotografou a normalidade num dia em que a maior democracia do mundo foi atacada. Ficaria célebre por registar um momento inesperado e ao mesmo tempo tão profundamente humano.

## Obituário

Por **Rui Gustavo**

### Dora Leal

**1939-2024** Atriz de revista e comédia, estreou-se no Teatro Variedades, no Parque Mayer, em Lisboa, em 1964, na revista "Elas São o Espectáculo". Foi aí que conheceu o futuro marido, José Viana, com quem fez uma parceria de sucesso nos palcos e na televisão e que só terminaria em 2003, com a morte do popular ator. Foi uma estrela dos palcos em revistas como "Eh Pá Pega na Vassoura", "A Grande Jogada" e "Sua Excelência, o Pendura". Gravou discos com quadras cantadas em palco que foram um grande sucesso de vendas e de programas radiofónicos. "Dora Cigana" era talvez o seu número mais conhecido e conseguido. Na televisão, participou em programas como "Grande Noite", de Filipe La Féria, sobre o teatro de revista, e "Ora Viva", programa de variedades e entrevistas de que era coautora com o marido. Entrou ainda na comédia televisiva "O Milagre em Casa dos Lopes". Numa nota de despedida publicada pela Casa do Artista, instituição onde passou os últimos anos de vida, é revelado que começou a carreira como corista e que "dos momentos mais marcantes da sua carreira" a atriz "destacava 'O Auto da Barca do Inferno', de Gil Vicente", como o "espetáculo que mais a apaixonou e que foi a grande mostra de que podia fazer mais coisas" para além do registo que a celebrizou. Dia 23, de causas não reveladas.

### Cheng Pei-Pei

**1946-2024** Atriz chinesa, foi uma das primeiras mulheres a desempenhar papéis de heroína ou vilã no prolífico cinema de ação oriental e ganhou o título de "rainha" dos filmes de ação. Tornou-se conhecida do mundo ocidental com o papel da mazona Jade Fox no espetacular "O Tigre e o Dragão", de Ang Lee. E mais tarde, em "Lilting", mostrou que era muito mais do que uma atriz acrobata. Dia 17, de uma doença degenerativa do cérebro semelhante ao Parkinson. Uma das suas últimas vontades foi doar o cérebro à ciência.

➲ **John Mayall (1933-2024),** músico britânico, foi vocalista e guitarrista dos Bluesbreakers e é um dos grandes nomes do *blues* europeu. O pai, Murray, tocava em bares, o que veio a ter uma influência decisiva no futuro do jovem músico, que comprou a primeira guitarra na Coreia, quando prestou serviço militar. Pela banda que fundou passaram nomes como Eric Clapton, Mick Taylor, dos Rolling Stones, e Peter Ward, dos Fleetwood Mac. Já a solo, lançou o seu maior sucesso, "Room to Move", e aos 88 anos ainda gravou um excelente álbum de *blues*, "The Sun Is Shining Down". Chamavam-lhe "Godfather" dos *blues*. Dia 24, de causas decorrentes da idade. ➲ **Bob Newhart (1929-2024),** comediante e ator americano, gravou discos com espetáculos ao vivo, apresentou dois programas de enorme sucesso na TV americana e entrou em vários filmes de Hollywood. Dia 18, de causas não reveladas.

## Cartas da semana

Os originais das cartas não devem ter mais de 150 palavras, reservando-se a Redação o direito de as condensar. Os autores devem identificar-se indicando o nº do B.I., a morada e o nº do telefone. Não devolvemos documentos que nos sejam remetidos. As cartas também podem ser publicadas na edição *online*.

**Para contacto:**
**Cartas@expresso.impresa.pt**

### *Ranking* das escolas

Estranho a polémica de vistas curtas, na análise das listas, com a criação de justificações entre o público e o privado. Penso que seria mais útil ir às listas, apagar as escolas privadas e perguntar porque há escolas públicas nos primeiros lugares e outras tão no fim da lista. Aí certamente teremos um grande caminho a percorrer.

**Rui Fidalgo Ferreira,**
Serra d'El-Rei

### Os sinais como bússola

Há pessoas que merecem que se fale delas, por uma razão ou por outra, pela sua qualidade e postura profissionais, pelo belo que nos legam, pelo encantamento da palavra, pelo texto preciso e precioso, pelo olhar fino e poético que nos deram do outro, os de cá e os do mundo, dos que se escondem na mais recôndita aldeia de Portugal ao lugar mais longínquo do mundo. E há uma personalidade que nenhum jornalista deve ignorar e que muitos fora desse âmbito conhecem, que merece uma referência particular. Falo do enorme jornalista Fernando Alves, um dos fundadores da mítica TSF, considerado por muitos, quase todos, como o poeta da rádio. Esteve na TSF quatro décadas, e durante os últimos 30 anos foi o autor de um dos mais míticos programas da rádio portuguesa, "Sinais". Ao sair da TSF, esse programa de autor terminou, e os "Sinais — Últimas 50 Crónicas" na TSF foram editados em livro. Pois é esse mesmo livro que aconselho vivamente, é das coisas mais extraordinárias que li nos últimos tempos. De uma beleza de escrita ímpar, de uma prosa poética que emociona, com conhecimento e cultura, com um interesse que entusiasma da primeira à última linha. E que bela lição que ali está de como se constrói uma crónica, com cabeça, tronco e membros. Um livro que devia servir para ensinar, para mostrar como se faz, aos mais novos e aos que querem aprender. Parece tudo tão simples, tão fácil, tão estalar de dedos. Não pensem nisso, dá muito trabalho! Obrigado pela grandeza e humildade, Fernando!

**José Manuel Pina,** Lisboa

### Não resolve, mas atenua

Lisboa, tal como o Porto e o Algarve, enfrenta uma significativa carência de habitação acessível aos rendimentos médios dos seus habitantes. Como podemos mitigar esta situação? Ao sair da zona metropolitana de Lisboa, por exemplo por Loures em direção a Bucelas, nota-se uma transição abrupta de um ambiente urbano para um rural. Quanto mais nos afastamos do centro, mais acessível se torna a habitação. Contudo, a falta de uma boa rede de transportes públicos, com o Metro, pode ser um entrave. A expansão do Metro de Lisboa é uma medida pertinente, dada a sua atual extensão de pouco mais de 44 quilómetros, que contrasta com os mais de 290 quilómetros do Metro de Madrid. Esta expansão, juntamente com a construção de habitação pública, poderia atenuar significativamente a dificuldade dos jovens em adquirir casa (os 2% de Portugal contrastam com os 29% nos Países Baixos). Esta iniciativa poderia, ainda, reduzir a fuga de jovens, aumentar a natalidade e combater a especulação imobiliária.

**Ricardo Castro,** Odivelas

### Trump, um tiro no pé

Crime, fraude e estelionato eleitoral foi a estratégia de que a classe dominante (milionários e bilionários) sempre fez uso para manter o domínio político e económico do país. Historicamente, muda a forma, mas mantém o conteúdo. O eleitor sempre foi enganado, desinformado pela comunicação da elite, tornando-se presa fácil das armadilhas eleitorais, e, com isso, desinteressa-se e elege inimigos de classe. As plataformas digitais, no controlo das redes sociais, capturam milhões de dados dos eleitores e aprofundam a mentira sobre a realidade. O ultraliberalismo, na posse desses dados, elege Trump, Bolsonaro, Milei... No Brasil, usa orçamento secreto, *fake news* com apoio das televisões e elege um Congresso inimigo de Lula em 2022. O planeta, com oito mil milhões de seres, esgota as suas reservas naturais. Ao eleger Trump, um condenado, negacionista do clima e da ciência, antidemocrata, antiglobalista, corrupto, os EUA dão um "tiro no pé".

**António Negrão de Sá,**
Rio de Janeiro

### Elétricos chineses na União Europeia

Aconselho o artigo no Expresso Economia da semana passada, em que preto no branco Ricardo Reis dizia, grosso modo, que nos anos 50/60 o mundo estava dependente do petróleo fornecido pelos árabes e pela Venezuela. A partir de agora seremos dependentes da China. Lá estão as maiores reservas de terras raras para a construção dos *chips*, condutores e cablagens, que permitem que o Ocidente tenha computadores, telemóveis, carros elétricos, televisões... enfim, todas as mordomias de que a sociedade deseja usufruir, julgando ser possível num passo de mágica prescindir dos combustíveis fósseis para ontem. Está a sociedade disposta a prescindir de toda essa tecnologia e pagar os custos humanos e outro. Deixemo-nos de hipocrisias: os nórdicos da Volvo, que quase deixaram de fabricar um dos carros mais seguros, enviaram engenheiros, designers, técnicos e estão na China a fabricar um dos melhores e mais luxuosos e tecnicamente mais avançados carros elétricos, com a marca Polestar. Que tal taxar os fabricantes europeus que detêm alta tecnologia e obrigá-los a construir carros elétricos na UE? Que tal impedir que não se vendam aos outros, deixando a UE dependente de empresas estatais chinesas, com meios e tecnologia por nós fornecidos e que ao preço da sua mão de obra conseguirão sempre pôr os carros mais baratos que nós, já que matéria-prima têm eles em abundância? É o mercado, dirão. Só se for na China e a favor da China.

**Manuel Petróneo,** Lisboa

U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA

TÉCNICO LISBOA

DER
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE RECURSOS MINERAIS E ENERGÉTICOS
TÉCNICO LISBOA

# LICENCIATURA EM ENGENHARIA DE MINAS E RECURSOS ENERGÉTICOS DÁ ACESSO A REDE MUNDIAL DE INDÚSTRIAS

**FALTAM ENGENHEIROS PARA AS GRANDES EMPRESAS DOS MINÉRIOS, DA ENERGIA, DAS ROCHAS ORNAMENTAIS OU DAS TECNOLOGIAS ESPECÍFICAS PARA AS INDÚSTRIAS MINERAIS. A EMPREGABILIDADE É DE 100% E OS SALÁRIOS MUITO COMPETITIVOS. O DESAFIO É MELHORAR A EFICIÊNCIA NO USO DE MATÉRIAS-PRIMAS MINERAIS, PROMOVENDO A ECONOMIA CIRCULAR E CUMPRINDO OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA ONU**

Os desafios da Transição Energética e da Transição Digital são tão sentidos em todo o mundo que a falta de engenheiros nesta área é global. De multinacionais a empresas médias, de centros de investigação a universidades, de institutos públicos a entidades regulatórias – em todos os continentes faltam engenheiros de Minas e Recursos Energéticos para as grandes empresas de recursos minerais e energéticos, das rochas ornamentais ou das tecnologias específicas para as indústrias minerais.

"A falta de licenciados, mestres e doutorados nesta área nas empresas e organizações do sector é de tal ordem que a empregabilidade não só é de 100% em praticamente todos os países como os salários são muito competitivos", afirma Amélia Dionísio, professora e investigadora do Departamento de Engenharia de Recursos Minerais e Energéticos – DER e sua vice-presidente. O DER faz parte do Instituto Superior Técnico (IST) da Universidade de Lisboa. É tão elevada a procura de engenheiros de Minas e Recursos Energéticos em Portugal, "que empresas da própria indústria vão pagar as propinas de todos os alunos que se matriculem no 1.º ano deste curso no ano letivo 2024-2025", afirma Amélia Dionísio (ver outro texto nesta página).

Em todos os sectores da sua área, o Departamento de Engenharia de Recursos Minerais e Energéticos do IST está envolvido em projetos que utilizam a Inteligência Artificial (IA) para, a prazo, assegurar a sustentabilidade de recursos energéticos ou de matéria-prima necessárias para satisfazer as encomendas nos mercados mundiais. "É mais um contributo do nosso ramo da engenharia para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e para a descarbonização dos sectores da indústria mineral", afirma a vice-presidente do DER.

## SECTOR DA PEDRA E AQUÍFEROS

Um dos sectores com projetos inovadores em desenvolvimento é o da pedra ornamental, para o qual o DER está a desenvolver um digitalizador de blocos de mármore até 25 toneladas. Este digitalizador, através da IA, vai permitir prever a sua textura interior, antecipando as cores e os desenhos dos veios que as placas poderão apresentar depois de cortadas. Esta funcionalidade irá revolucionar o mercado global do mármore, colocando na vanguarda mundial os grupos empresariais que estão a desenvolver esta parceria com o DER.

Por outro lado, numa década em que a escassez de água em regiões do globo se tem feito sentir com severidade, o DER também está a desenvolver sistemas de modelação numérica de sistemas subterrâneos para previsão do comportamento do fluído no interior dos aquíferos através de Inteligência Artificial. "Estes sistemas desenvolvem metodologias de aprendizagem profundas para que reproduzam o comportamento espacio-temporal do aquífero para que seja possível a previsão do seu comportamento com baixos custos computacionais", afirma Leonardo Azevedo, investigador e docente do DER, responsável pela participação do departamento no projeto europeu InTheMed, um esforço pan-mediterrânico com outras instituições de investigação e desenvolvimento do Sul da Europa e do Norte de África para a gestão da água.

Ambos os projetos contam com a participação da comunidade do DER, incluindo os alunos inscritos em cada ciclo de estudos.

## EMPRESAS PAGAM AS PROPINAS AOS ESTUDANTES

**Alunos do 1.º ano com média superior a 120 pontos estão abrangidos.**

As propinas de todos os estudantes que entrarem na licenciatura de Engenharia de Minas e Recursos Energéticos do Instituto Superior Técnico (IST) no ano letivo de 2024-2025 vão ser pagas pela indústria, libertando os alunos deste encargo. O Departamento de Engenharia de Recursos Minerais e Energéticos – DER conseguiu que empresas dos sectores dos minérios, das rochas ornamentais, de tecnologia para o sector dos recursos minerais e da energia financiem a totalidade das propinas de todos os alunos que se matriculem no 1.º ano desta licenciatura do Instituto Superior Técnico.

Para todos os candidatos deste ano com média superior a 120 pontos, as vantagens de estudarem Engenharia de Minas e Recursos Energéticos serão diversas: para além de terem as propinas pagas, têm à sua espera um curso desafiante e moderno, suportado por uma rede de empresas e de instituições de investigação e de regulação que lhes garantem 100% de empregabilidade.

## OFERTA FORMATIVA

- LICENCIATURA EM ENGENHARIA DE MINAS E RECURSOS ENERGÉTICOS*

*Bolsa de estudo e mérito para os alunos do 1º ano da Licenciatura (média mínima de entrada de 120 pontos) inscritos em 2024/25.

- MESTRADO EM ENGENHARIA GEOLÓGICA E DE MINAS
- MESTRADO EM ENGENHARIA EM RECURSOS ENERGÉTICOS
- DOUTORAMENTO EM GEORRECURSOS
- DOUTORAMENTO EM ENGENHARIA DE PETRÓLEOS

**Mestrados Internacionais**

- Advanced Mineral Resources Development (AMRD) | Alemanha e Áustria
- International Master in Mining and Engineering (IMME) | China
- Geomatics for Mineral Resource Management (GMRM) | Alemanha, Áustria e Polónia
- Groundwater and Global Change – Impacts and Adaptation (Groundwatch) Holanda e Alemanha

## DEPOIMENTOS

"Queremos que Portugal adote uma abordagem equilibrada e responsável na utilização de recursos geológicos, respeitando as condicionantes ambientais e sociais".
**Maria João Pereira**, engenheira de Minas, secretária de Estado da Energia

"O desenvolvimento sector de engenharia de minas e recursos energéticos é determinante para a sustentabilidade ambiental do planeta".
**António Costa Silva**, engenheiro de Minas, ex-ministro da Economia e do Mar

"O enorme impacto económico deste sector, bem como a necessidade de o articular com políticas públicas de sustentabilidade ambiental, torna indispensável ofertas formativas de grande qualidade como a licenciatura em Engenharia de Minas e Recursos Energéticos do Instituto Superior Técnico – IST".
**Rogério Colaço**, presidente do IST

"Os recursos minerais e energéticos são catalisadores de múltiplas cadeias de valor, impulsionando a inovação e o desenvolvimento industrial. São um sector de elevada empregabilidade e oportunidades económicas".
**Aurela Shitza**, vice-presidente da A. Spire Processes 4 Planet Research Association, diretora para os assuntos industriais da IMA Europe

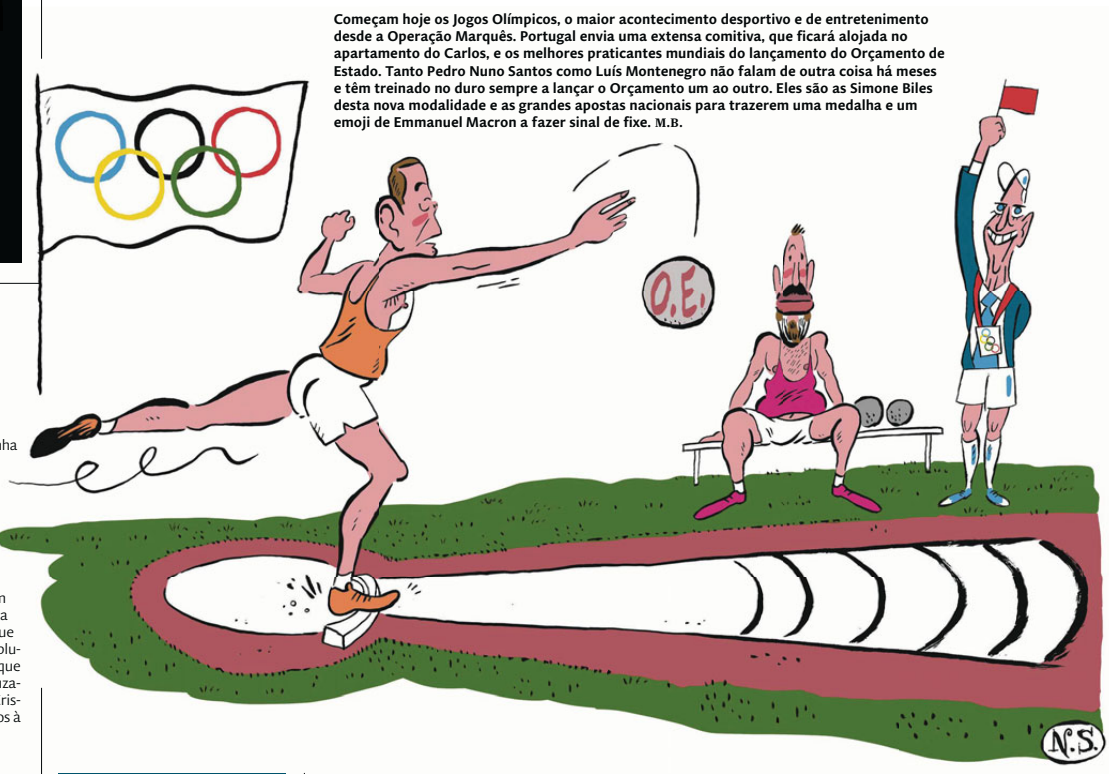
OFERTA FORMATIVA

CURSOS INTERNACIONAIS

o Inimigo Público
Se não aconteceu, podia ter acontecido
Nº 134 SÉRIE II
DIRETOR: LUÍS PEDRO NUNES

# LANÇAMENTO DO ORÇAMENTO JÁ É MODALIDADE OLÍMPICA

**Começam hoje os Jogos Olímpicos, o maior acontecimento desportivo e de entretenimento desde a Operação Marquês. Portugal envia uma extensa comitiva, que ficará alojada no apartamento do Carlos, e os melhores praticantes mundiais do lançamento do Orçamento de Estado. Tanto Pedro Nuno Santos como Luís Montenegro não falam de outra coisa há meses e têm treinado no duro sempre a lançar o Orçamento um ao outro. Eles são as Simone Biles desta nova modalidade e as grandes apostas nacionais para trazerem uma medalha e um emoji de Emmanuel Macron a fazer sinal de fixe. M.B.**




## Kamala aposta no confronto de mulher da lei contra o criminoso Trump, a chamada "estratégia Suzana Garcia"

Kamala Harris arrancou a campanha ao ataque, contrapondo ao criminoso condenado em tribunal, Donald Trump, o seu perfil de procuradora implacável que faz Rosário Teixeira parecer um híbrido resultante do cruzamento de uma lontra com reumático com o Sr. Lei de "Noddy". Os democratas falam num confronto entre "a mulher da lei e da mais estrita legalidade que engaveta a gatunagem misógina, plutocrata e cor de laranja", aquilo que designam por "estratégia tipo Suzana Garcia com um cheirinho de Cristina Talks e ameaças de parágrafos à Dra. Lucília". **M.B.**

## Montenegro promete construir dobro das casas previsto no PRR ou o mesmo número de casas, mas geminadas

**Luís Montenegro prometeu que tudo fará ao seu alcance para construir o dobro das casas previstas no PRR, trabalhando, se necessário, como trolha e o seu braço-direito, Hugo Soares, como servente de pedreiro. O primeiro-ministro garantiu ainda que, caso não consiga construir o dobro das casas, vai construir o número previsto, mas geminadas e com cave e sótão que dá para arrumações sem bater com a cabeça nas telhas. Luís Montenegro prometeu ainda que todas as casas terão um azulejo a dizer "Cuidado com o cão" para as proteger dos arrendamentos coercivos da ex-ministra Marina Gonçalves. V.E.**

## Ursula von der Leyen reeleita presidente da Comissão Europeia para terminar o que quer que tenha começado

Ursula von der Leyen foi reeleita com uma votação esmagadora como presidente da Comissão Europeia para, de maneira premente, prosseguir com o que quer que tenha feito no primeiro mandato e que, provavelmente, necessita de uma conclusão imediata, nomeadamente nos assuntos que, sem dúvida, devem ter muita importância, caso contrário não seriam da responsabilidade da presidente da Comissão Europeia. Ursula von der Leyen já enfiou mãos na massa para concluir o que quer que tenha feito em relação à guerra na Ucrânia e amanhã mesmo reúne-se com António Costa para encontrar pontos comuns entre o que quer que ambos defendem sobre assuntos essenciais. **V.E.**

## Admiradores portugueses de Cristiano Ronaldo defendem que Joe Biden devia candidatar-se a um terceiro mandato

**A resignação de Joe Biden apanhou completamente de surpresa todos os milhões de fãs inveterados de Cristiano Ronaldo, que consideravam que Joe Biden estava ainda no pico das suas faculdades e que, bem gerido, poderia ainda contribuir para o seu país com mais dois ou três mandatos, culpando os restantes pesos-pesados democratas, como o casal Clinton, por não servirem Joe Biden com conselhos e decretos em condições, tendo mesmo as irmãs Aveiro usado as redes sociais para comparar o invejoso Barack Obama ao mesquinho Bruno Fernandes. Já os admiradores de Pepe acham que Joe Biden devia ser vice-presidente de Kamala Harris para "manter a mística" na Casa Branca. V.E.**

## MONTENEGRO VISITOU LUANDA E DEPÔS COROA DE FLORES NO MONUMENTO AO BES ANGOLA DESCONHECIDO

**O primeiro-ministro terminou a visita oficial a Angola com um convite a João Lourenço para vir a Portugal admirar o palco do Papa e as paragens de autocarro de Siza Vieira que Rui Moreira quer deitar abaixo com um martelo pneumático que comprou ontem no Temu por €5,99. Luís Montenegro aproveitou para rezar junto ao mausoléu / banca de raspadinhas do BES Angola Desconhecido, onde depôs uma coroa de flores e uma escuta telefónica simbólica do Ministério Público. M.B.**

## Mário Nogueira não consegue desligar e organizou greve de professores de surf

Mesmo de férias na praia, o secretário-geral da FENPROF deixou vir ao de cima o sindicalista indómito que tem dentro de si e conseguiu criar o SINTPA - Sindicato Nacional dos Técnicos de Pastelaria de Areal (vendedores de bolas de Berlim na praia) e uma paralisação do PAGAB - Pessoal de Apoio à Gelataria em Área Balnear (barracas de gelados). Não satisfeito, Mário Nogueira incentivou uma greve dos professores de surf e depois foi almoçar a casa porque a esplanada ali perto – vá lá perceber-se como – tinha acabado de ser nacionalizada. **M.B.**

## Montenegro visitou Angola para assinar ligação de Alta Velocidade Lisboa-Luanda

**O primeiro-ministro português e o presidente angolano reuniram-se em Luanda para discutir assuntos de interesse a ambos os países, como a escolha de Luanda (até 2026) e Nambuangongo (até 2028) para a localização do novo aeroporto de Lisboa, como proposto pelo ex-ministro Pedro Nuno Santos, bem como, por proposta de Luís Montenegro, a ligação em Alta Velocidade entre Lisboa e Luanda, em bitola ibérica até Algeciras e, a partir daí, na bitola que os passageiros quiserem, desde que untam as mãos, por baixo da mesa, ao chefe da estação de comboios. João Lourenço garantiu ainda que Angola não quer reparações históricas de Portugal porque o empresário Álvaro Sobrinho já comprou os relógios do Vasco da Gama, do Pedro Álvaro Cabral e do Infante D. Henrique. V.E.**

## Jorge Mendes vai liderar a AICEP quando deixar o futebol

O empresário Jorge Mendes já tem garantida a presidência da AICEP, a agência que gere o investimento e o comércio externo português, para quando deixar os negócios do futebol. Além da captação de investimento estrangeiro e da facilitação do acesso de empresas portuguesas aos mercados internacionais, Mendes vai apostar também nas transferências de funcionários de topo e políticos. Ministros que sonham ser comissários europeus, governadores que querem ser presidentes ou deputados que sonham com um lugar em Bruxelas. O *fee* é de apenas 10% do salário anual com direito a *coaching*, assessoria fiscal e ginásio. **A.P.**

## Joe Biden avistado a apanhar conquilhas na Ria Formosa

**Macário Correia não confirma, mas também não desmente, que Joe Biden tenha alugado um anexo com limoeiro e barbecue para gozar duas semanas no chamado Bairro BPN, à Praia da Coelha, mesmo em frente à moradia/love *dungeon* de Cavaco Silva. Com mais tempo livre, de há uns dias para cá, Biden terá passado a manhã de ontem na Ria Formosa a apanhar conquilhas e a aprender a língua das gaivotas. Quando deixou de computar, ainda devido à falha informática da Microsoft, recolheu à *situation room* do anexo para dormir a sesta. M.B.**

## ESTÁ NA ALTURA DE PORTUGAL TER UM PRESIDENTE COM BARBA?

**J.D. Vance pode ter estabelecido uma nova tendência política. Por cá, as opções em cima da mesa, segundo o *think tank* IP de política e barbearias *hipsters*, são estas:**

**José Carlos Malato**
**Ideal para apresentar as galas do 5 de outubro ou do 25 de abril. As sondagens dão-lhe vantagem numa segunda volta com Nuno Luz e só perde para Sónia Araújo.**

**Daniel Oliveira**
**Popular na sua reunião de condomínio e na retrosaria onde adquire fechos éclair para as bermudas, peca por ter uma presença residual de apenas 18 horas diárias na TV. A extrema-direita fez correr que usava barba postiça, o que foi desmentido por uma perícia do LNEC.**

**Rúben Amorim**
**É o melhor líder mundial com barba, nas palavras de uma autoridade independente (Eduardo Barroso).**

**André Ventura**
**Usa barba para se distinguir de Salazar, que aboliu o pêlo facial, de Hitler, que tinha uma cagadela de cagarra sob o nariz, e de Mussolini, que era uma bola de bilhar.**

**Conchita Wurst**
**Salvador Sobral, está provado, só ganhou a Eurovisão porque na altura tinha barba. Dar a nacionalidade portuguesa a Conchita e fazê-la presidente também tinha a vantagem de provocar enxaquecas aos autores de "Identidade e Família". M.B.**

## Kamala Harris conseguiu o apoio essencial de Daniel Oliveira e Pedro Marques Lopes

Kamala Harris avançou para a corrida à Casa Branca e recebeu de imediato o apoio oficial do casal Clinton, do casal Obama e, mais importante, de Daniel Oliveira e Pedro Marques Lopes do "Eixo do Mal", considerado o casal de apoios mais importante para qualquer candidato Democrata, juntamente com o apoio do jornalista Luís Costa Ribas e do poste de eletricidade de Washington à frente do qual costuma entrar em direto para a SIC. George Clooney também manifestou o apoio oficial a Kamala Harris porque o ator tem casa em Portugal, considera ser "a Maria de Lurdes Pintassilgo dos EUA". **V.E.**

## Apagão informático obrigou milhares de portugueses a comunicar oralmente pela primeira vez

**Milhares de portugueses foram obrigados a comunicar oralmente pela primeira vez na vida depois de o apagão informático ter bloqueado computadores e sistemas. Foi uma experiência nova para quase todos os jovens com menos de 15 anos que, até agora, só abriam a boca para comer. Nos primeiros contactos, as pessoas começaram por emitir apenas grunhidos impercetíveis, enquanto gesticulavam furiosamente. Só mais de uma hora depois surgiram as primeiras palavras: "tou", "sim", "pá","gugu". Na maior parte dos casos, a conversação acabou em violentas cenas de pancadaria sem que se ouvisse qualquer troca de impropérios. A.P.**

CONTEÚDO PATROCINADO

OPINIÃO

Por Kamala Harris

# QUERO SER COMO LUCÍLIA GAGO, A MULHER QUE MANDA EM PORTUGAL

**Olá, amigos portugueses, dirijo-me a vocês porque conto com o apoio e o voto dos vossos descendentes, nomeadamente todos os luso-descendentes de açorianos que estão detidos em Newark e/ou à espera de deportação. Mas a minha ligação ao vosso lindo país é mais profunda, uma vez que cresci numa casa que tinha antena parabólica e por isso assistia ao "Duarte % Companhia", inspirando-me no exemplo empoderado da secretária Joaninha, que distribuía pontapés e chapadas pelo heteropatriarcado e pelos xenofóbicos deploráveis que confundiam o japonês com um chinês. Mas, mais recentemente, inspirei-me no exemplo feminista de Lucília Gago, a mulher que fundou a Quarta República portuguesa e manda no vosso país em regime presidencialista, bem como pela resiliência de uma mulher como Marisa Matias, que nunca desistiu de ser Presidente da República, tendo concorrido pelo Bloco de Esquerda a Belém, de cinco em cinco anos, ininterruptamente, desde que saiu da escola primária. Ou, claro, o exemplo de Cristina Ferreira, uma mulher independente e segura de si, habituada a lidar com os concorrentes do "Big Brother", que falam como o Joe Biden depois de misturar um Fortimel, um moscatel morno e um Guronsan para a ressaca.**

**Portugueses, portuguesas, espero ser eleita a primeira mulher presidente dos EUA e prometo que a minha visita inaugural ao estrangeiro será ao vosso país, para conversar com o presidente da Galp e avisá-lo que os EUA vão invadir Namíbia porque descobriram lá petróleo. V.E.**

## Gato-bravo do vale do Coa está farto da vida selvagem e procura casa com cama, veterinário e patés de lata

Foi identificado o primeiro gato-bravo, no vale do Coa, em mais de 30 anos. É o único felino, num raio de 50 km, que não responde pelos nomes de Pirulito, Filete ou Troika. O bicho, dizem os especialistas, não parece dado a dormir ao relento e a comer caça que não tenha passado por uma vinha de alhos e está aberto a propostas para ir morar para uma casa com todos os confortos modernos, incluindo cama, veterinário, patés, canais eróticos e leite sem lactose. **M.B.**

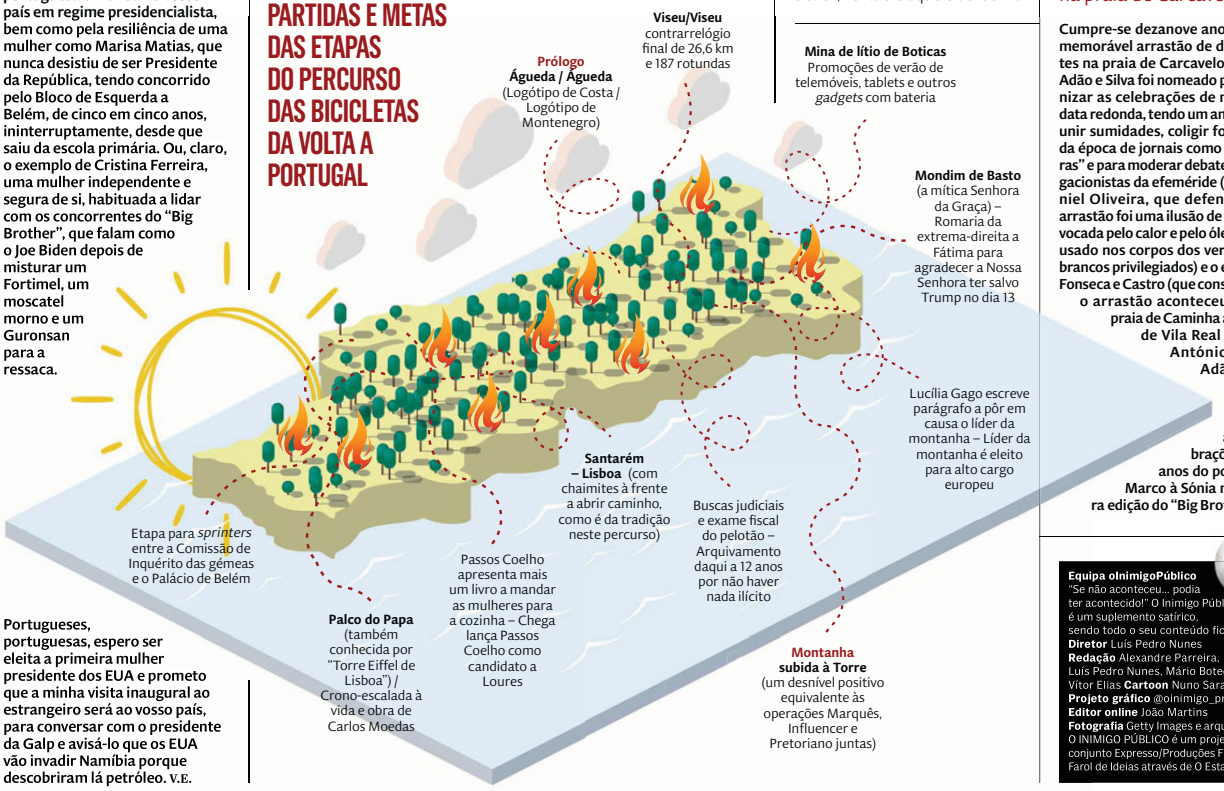
## Jogos Olímpicos de Paris vão contar com competição de empregado de mesa mais mal-educado para os turistas

**Os Jogos Olímpicos de Paris começam hoje e os milhares de cidadãos locais vão competir pela medalha de ouro em completa falta de respeito pelos turistas, pela medalha de prata em pedantismo injustificado e pela medalha de bronze na absoluta incapacidade de perceber línguas estrangeiras, tendo já batido todos os recordes olímpicos na falta de higiene íntima e produção de romances, vencedores do Prémio Goncourt, sobre professores septuagenários que se apaixonam por alunas adolescentes. Já o habitante local Carlos Santos Silva ganhou a medalha de ouro para melhor amigo do seu amigo. V.E.**

## TUGAS A SEGUIR NOS JOGOS OLÍMPICOS

**✔Fernando Pimenta: o papa-medalhas do remo pode brilhar e é conhecido como o "Transtejo humano".**
**✔Temos duas atletas nos 20 km marcha, uma modalidade em crescendo graças aos talentos descobertos quando há greves da CP e as pessoas têm de ir a pé para o trabalho.**
**✔No liberalismo, Tiago Mayan candidata-se à liderança da Iniciativa.**
**✔Levamos uma atleta ao Breaking, modalidade em estreia e vinda do revivalismo dos Anos 80, do *break dance*, dos resgates do FMI e do cabelo à Heróis do Mar.**
**✔Pela primeira vez, há mais mulheres (37) do que homens (36), o que impossibilita que a comitiva portuguesa seja apresentada por Passos Coelho.**
**✔Na natação, o destaque é Diogo Ribeiro, o nosso melhor nadador deste Marcelo e do Gil da Expo 98.**
**✔Liliana Cá vai ao lançamento do disco e depois faz como Luciana Abreu e lança o disco em *playback* no autocarro do Domingão. M.B.**

## PARTIDAS E METAS DAS ETAPAS DO PERCURSO DAS BICICLETAS DA VOLTA A PORTUGAL



## Conversa de circunstância de banhistas passou da temperatura da água para "então e aquele bordel na Inapa, hã?"

A maioria das conversas desta semana, à beira-mar, começou invariavelmente por "o velhote lá desistiu", "então e aquele bordel na Inapa, hã?" ou "não se via logo que o gajo estava de G3 na mão em cima do telhado?". Os temas da temperatura da água e das sinapses de Roberto Martínez têm perdido interesse. Os banhistas eram acionistas da Inapa e não sabiam e aguardam por dias mais felizes em que descubram que os contribuintes portugueses têm 70% da Apple ou de João Palhinha. **M.B.**

## Pedro Adão e Silva nomeado presidente da comissão de celebração dos 20 anos do arrastão na praia de Carcavelos

**Cumpre-se dezanove anos sobre o memorável arrastão de delinquentes na praia de Carcavelos e Pedro Adão e Silva foi nomeado para organizar as celebrações de mais uma data redonda, tendo um ano para reunir sumidades, coligir fotografias da época de jornais como o "24 Horas" e para moderar debates com negacionistas da efeméride (como Daniel Oliveira, que defende que o arrastão foi uma ilusão de ótica provocada pelo calor e pelo óleo de coco usado nos corpos dos veraneantes brancos privilegiados) e o ex-juiz Rui Fonseca e Castro (que considera que o arrastão aconteceu desde a praia de Caminha aos areais de Vila Real de Santo António). Pedro Adão e Silva vai ainda organizar as celebrações dos 25 anos do pontapé do Marco à Sónia na primeira edição do "Big Brother". V.E.**

**Equipa oInimigoPúblico**
"Se não aconteceu... podia ter acontecido!" O Inimigo Público é um suplemento satírico, sendo todo o seu conteúdo ficcional.
**Diretor** Luís Pedro Nunes
**Redação** Alexandre Parreira, Luís Pedro Nunes, Mário Botequilha, Vítor Elias **Cartoon** Nuno Saraiva
**Projeto gráfico** @oinimigo_pronto
**Editor online** João Martins
**Fotografia** Getty Images e arquivo pessoal
O INIMIGO PÚBLICO é um projeto conjunto Expresso/Produções Fictícias/Farol de Ideias através de O Estado do Sítio

Expresso
Liberdade para pensar

Podcast
EXPRESSO DA MANHÃ
por Paulo Baldaia

Disponível em expresso.pt/podcasts

# Editorial&Opinião

**Editorial** Mais uma semana vertiginosa na corrida presidencial americana, com a substituição do candidato dos democratas à Casa Branca

## Kamala, força ou fraqueza?

A vida não tem manifestamente corrido de feição ao Partido Democrata na luta pela presidência dos Estados Unidos. Passou quase um mês, tormentoso, entre o já célebre debate presidencial que opôs Joe Biden a Donald Trump — em que o Presidente e candidato revelou falhas incompreensíveis, e preocupantes, dado candidatar-se a mais quatro anos no cargo — e o anúncio de saída da corrida à Casa Branca no último domingo. Pelo meio, Trump foi alvo de uma tentativa de assassínio, que gerou uma onda de simpatia à sua volta, e deu precisamente a imagem oposta à do seu opositor — uma imagem de força. Com isto, as sondagens foram solidificando a vantagem de Donald Trump na luta e mostrando que dificilmente Biden conseguiria repetir o feito de o derrotar nas urnas. Os democratas desesperavam (além do mais, depois das presidenciais, há intercalares para o Senado e o Congresso) e, nos bastidores, com Nancy Pelosi a revelar-se um *pivot* decisivo, as movimentações e pressões para a saída de Biden foram aumentando. A troca de Joe Biden por Kamala Harris, a atual vice-presidente, uma democrata negra da 'liberal' Califórnia, trazia evidentes riscos à partida: a falta de carisma da candidata e a dificuldade em penetrar eleitoralmente em vários dos estados considerados decisivos na eleição de novembro. Ainda assim, como revelaram os números entusiasmantes de donativos financeiros para a sua campanha nos primeiros dias e as sondagens iniciais, Kamala Harris tem uma estreita janela de oportunidade, desde logo por baralhar a campanha adversária e obrigá-la a readaptar o discurso. E veremos a sua capacidade de escolher um vice-presidente que agarre eleitorado decisivo ao centro. Da Convenção Democrata de Chicago, em agosto, até à data das eleições presidenciais, em novembro, distam pouco mais de dois meses. No mínimo, vai ser uma campanha muito interessante.

## Via verde para o OE?

Depois dos sinais de abertura negocial no debate do estado da nação, esta semana Marcelo deu uma pequena vitória à oposição ao promulgar vários diplomas com impacto orçamental. Mas o Presidente quer, com isso, que a mesma oposição se disponha a viabilizar o OE para o próximo ano. Pode estar aqui traçado o caminho que permita a aprovação das contas no Parlamento.

Expresso

**Proprietária/Editora: IMPRESA PUBLISHING S.A.**
Sede: Rua Calvet de Magalhães, 242, 2770-022 Paço de Arcos. NIPC: 501984046
**Administração da IMPRESA PUBLISHING:** Francisco Pinto Balsemão, Francisco Maria Balsemão, Francisco Pedro Balsemão, Paulo de Saldanha, Paulo Miguel Reis, Nuno Conde e Bruno Mateus Padinha
**Composição do Capital da Entidade Proprietária:** 100.000 euros, 100% propriedade da Impresa - SGPS, SA, NIPC 502437464
Registo da publicação na ERC: 101.101 ISSN-0870-1970

**Diretor-Geral de Informação Impresa**
Ricardo Costa

**Diretor**
João Vieira Pereira

**Diretores-Adjuntos**
David Dinis
Martim Silva
Miguel Cadete
Paula Santos

**Diretor de Arte**
Marco Grieco

**Grande Repórter**
Micael Pereira

**Editor Executivo**
Pedro Candeias

**Editor da edição semanal**
João Silvestre

**Editores**
Diogo Pombo (Desporto), Eunice Lourenço (Política), Joana Beleza (Multimédia), João Carlos Santos (Fotografia), João Pedro Barros (Online), Miguel Prado (Economia), Pedro Cordeiro (Internacional), Pedro Lima (Editor-adjunto Economia), Ricardo Marques (Revista E) e Rita Ferreira (Sociedade)

**Coordenadores Gerais de Arte**
Jaime Figueiredo (Infografia) Mário Henriques (Desenho)

**Coordenadores**
Cristina Pombo (Internacional), Elisabete Miranda (Economia), Isabel Leiria (Sociedade), João Cândido da Silva (Online), João Miguel Salvador (Online), Lia Pereira (Revista E), Lídia Paralta Gomes (Desporto), Mafalda Ganhão (Online), Margarida Cardoso (Porto), Marta Gonçalves (Online), Pedro Miguel Coelho (Redes Sociais), Rui Tentúgal (Fecho), Tiago Pereira Santos (Desenho Multimédia) e Vitor Andrade (Economia)

**Arquivo**
arquivo@impresa.pt

**Redação, Administração e Serviços Comerciais**
Rua Calvet de Magalhães, 242
2770-022 Paço de Arcos
Tel. 214 544 000
ipublishing@impresa.pt

**Delegação Norte**
Rua Conselheiro Costa Braga, 502; 4450-102 Matosinhos
Tel. 220 437 000

**Publicidade**
Miguel Pacheco (diretor)
João Paulo Luz (diretor de receitas digitais) Carlos Lopes (diretor coordenador) Ângela Almeida (diretora da Delegação Norte)
Hugo Rodrigues (diretor publicidade) Nuno Martins (gestores de conta) Miguel Teixeira Diniz e Sérgio Alves (gestores de conta) Marta Teixeira e Helena Almeida (gestores de conta da Delegação Norte)
Tel. 214 544 073/214 698 798

Tiragem média de junho: **51.550 exemplares**
Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem
apct
Associação Portuguesa de Imprensa

VISAPRESS
Direitos de Autor Protegidos

**Subscrições Digitais Expresso**
3 semanas: €5.99
52 semanas: €84.99
104 semanas: €139.99
Ligue 214 698 801 ou vá a **expresso.pt**
Dias úteis: 9h às 19h | Sábados: 9h às 14h

Este produto é feito a partir de papel proveniente de árvores geridas de forma sustentável e de outras fontes controladas
CODE DO MEIO AMBIENTE
Saiba mais em www.fsc.org

ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM
**expresso.pt/sobre/estatuto-editorial**

**Publicidade Online**
publicidadeonline@impresa.pt

**Marketing e Comunicação**
Mónica Serrano (diretora)
Ana Paula Baltazar (coord. de marcas de informação)
Susana Freixo (gestora de marca) e Carla Martins (coord. de comunicação para relações externas)

**Produção**
Ana Sengo da Costa (diretora)
João Paulo Batlle y Font (coordenador)
Carlos Morais e Joaquim Rodrigues (produtores)

**Circulação e Assinaturas (papel)**
Ana Sengo da Costa (diretora)
Pedro M. Fernandes (diretor de circulação e produtos Expresso) e João Braz (responsável pela circulação)

**Apoio ao Assinante**
Rita Silva (responsável pelo serviço de apoio ao cliente)
Tel. 214 698 801 (dias úteis, das 9h às 19h); *e-mail:* apoio.cliente.ip@impresa.pt

**Atendimento Ponto de Venda**
pontodevenda.ip@impresa.pt

**Impressão**
Lisgráfica Impressão e Artes Gráficas, S.A.
Estrada de São Marcos, 27
2735-521 Agualva-Cacém

**Distribuição**
VASP-MLP, Media Logistics Park Quinta do Grajal, Venda Seca 2735-511 Agualva Cacém
Tel. 214 337 000
Pontos de venda: contactocenter@vasp.pt
Tel. 808 206 545

A Impresa Publishing não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias.

## Este presente distópico

Teresa Violante
politica@expresso.impresa.pt

Quando um primeiro-ministro contra quem existem pedidos de mandados de captura requeridos pelo procurador do Tribunal Penal Internacional é recebido em aplausos no parlamento da maior democracia do mundo, sabemos que é talvez chegado o ponto de inflexão do multilateralismo e de uma ordem internacional alegadamente baseada em regras e no direito. Neste ocaso do mandato de Biden, Netanyahu não poupou os americanos e o mundo a mais uma carga retórica que divide artificialmente o mundo entre barbárie e civilização, luz e trevas, bem e mal, numa semântica pouca digna da casa política de liberdade que, uma vez mais, o acolheu com a generosidade própria da história imbricada que une aqueles dois países.

Biden termina ingloriamente o seu mandato. Não apenas porque a sua administração escolheu, pouco democraticamente, ocultar da cidadania os crescentes problemas de saúde que se tornaram demasiado visíveis. O arrojo progressista que demonstrou internamente, sobretudo no plano económico e social, foi acompanhado de uma política externa controversa, para dizer o mínimo. Quem assistiu à retirada absolutamente desastrosa do Afeganistão jamais esquecerá o horror e a tragédia humana daquelas semanas. Ainda assim, estávamos longe de imaginar que se avizinharia em Gaza a chacina de um povo em poucos meses, com a cumplicidade e a colaboração ativa desta administração democrata.

Conheci, há poucas semanas, uma professora universitária israelita. De ascendência sefardita, contou-me que requereu a cidadania portuguesa no dia em que a atual maioria aprovou a Lei do Estado Nação Judaico, em 2018. Este diploma afirma que o direito de autodeterminação, em Israel, é exclusivo do povo judeu, prevê apenas o hebraico como língua oficial (relegando o árabe ao estatuto de língua especial) e consagra os colonatos como um valor nacional, devendo o Estado encorajar e promover o seu estabelecimento e desenvolvimento. A vida dessa professora de Direito Constitucional, como de muitos milhares de israelitas, mudou radicalmente nos últimos anos. A sua prioridade deixou de ser a vida pessoal ou o empenho na carreira. Transformou-se numa ativista militante pela democracia, passando todo o seu tempo livre em manifestações, reuniões, sessões de esclarecimento, tentando contrariar a erosão da democracia e do Estado de direito que a maioria de extrema-direita vem perpetrando, através de ataques à independência do poder judicial e aos débeis freios e contrapesos que caracterizam o sistema político israelita.

**Netanyahu deseja que os americanos sejam os seus idiotas úteis, apoiando e alimentando um regime que persiste em grosseiras violações do Estado de direito**

FOTO KENT NISHIMURA/GETTY IMAGES

No seu discurso perante o Congresso norte-americano, Netanyahu dividiu o mundo entre barbárie e civilização. Acusou os manifestantes de serem os idiotas úteis do Irão, reclamando ao mesmo tempo, a continuidade do apoio americano no esforço belicista israelita, que está não só a destruir a Palestina, mas também a corromper, talvez de modo irrecuperável, quaisquer laços de coesão e unidade que ainda persistiam na sociedade israelita. Netanyahu deseja que os americanos sejam os seus idiotas úteis, apoiando e alimentando um regime que persiste em grosseiras violações do Estado de direito e, sobretudo, do direito internacional, que se traduzem em milhares de mortes e incomensurável sofrimento humano. É preciso não esquecer que há poucas semanas, num parecer não vinculativo, o Tribunal Internacional de Justiça declarou ilegal toda a ocupação israelita do território palestiniano, incluindo a Faixa de Gaza. Nada disto começou a 7 de outubro.

LEIA TAMBÉM EM *EXPRESSO.PT*

Os homens da vice-presidente
MIGUEL DA CÂMARA MACHADO

INEM: refundar
SOFIA BAPTISTA

Os erros evitáveis
JOSÉ MIGUEL JÚDICE

## Não me obriguem a ir para a Praça do Comércio gritar

Rui Tavares
politica@expresso.impresa.pt

Há poucas semanas fui ao Ministério da Agricultura, que é ainda (temporariamente) na Praça do Comércio. Talvez pela segunda vez na vida, aos quase 52 anos, e sendo historiador que já vai para três décadas e vem estudando a época em que aqueles edifícios foram construídos, pude durante uns minutos ver as galerias, os mezaninos, as escadarias e alguns dos salões, todos eles cheios das mesas de trabalho e parafernália típica dos escritórios modernos. O estilo pombalino é justamente reconhecido e celebrado, mas o que temos ali estava muitos furos acima do pombalino corrente, mesmo à época da construção. Estamos perante um dos grandes monumentos que o Iluminismo legou à humanidade. Infelizmente, nenhum cidadão comum tem oportunidade de o conhecer.

Poder-se-ia pensar que aqueles edifícios não foram concebidos para o acesso público. Mas esse pensamento está errado. Aquela ala em particular, chamada do Arsenal, que vai da esquina onde foram assassinados D. Carlos I e D. Luiz Filipe até ao Torreão Poente da praça (hoje completamente degradado por dentro), foi destinada por D. José I, em janeiro de 1777, a tornar-se na Biblioteca Pública do Reino. O rei morreu um mês depois; caso tivesse vivido mais uns tempos (ou o Marquês de Pombal não tivesse sido imediatamente exonerado), hoje provavelmente ali entrariam livremente todos os dias milhares de pessoas, estudantes, aposentados, investigadores e todo o tipo de cidadãos comuns. Em vez disso, temos o espaço reservado a governantes e funcionários de ministérios. Isto é — e deveria ser entendido em qualquer lugar do mundo — uma usurpação do interesse público. Gastaram-se já neste país rios de dinheiro a fazer estádios de futebol, pavilhões multimodais e outros edifícios que tais, uns bons e outros maus. E nunca se olhou para o que já existe e que de nós é sonegado todos os dias. Num país onde estas coisas são levadas a sério isto nunca aconteceria; num país em que isto acontece nem é tema.

Mas alvíssaras! Parece que há uma luz ao fundo do túnel. No quadro da mudança de ministérios a que o edifício que foi construído para ser sede da Caixa Geral de Depósitos há notícias de que o Ministério da Agricultura é precisamente um dos contemplados. Sendo assim, ficará liberta uma parte dos espaços de uma das alas da praça e pode dar-se-lhe outro uso. Mas qual? Segundo consegui apurar, o ministério sairá dali para ser substituído por...

... preparem-se...

... outro ministério. Sim. O Ministério da Agricultura sai para ser substituído pelo Ministério da Administração Interna, que, por sua vez, libertará outros espaços na praça, que darão lugar a um Centro Interpretativo do 25 de Abril. Se tudo correr pelo melhor, é claro.

**Temos o espaço reservado a governantes e funcionários de ministérios. Isto é — e deveria ser entendido em qualquer lugar do mundo — uma usurpação do interesse público**

Não me entendam mal. Nunca me oporia a que se criasse um Centro Interpretativo do 25 de Abril, ali ou em qualquer outro lugar, com a dignidade e centralidade que o 25 de Abril merece. Mas há alguém que ache adequado ir-se decidindo assim, *ad hoc* e sem visão de conjunto, o que acontece a um dos monumentos que no mundo com mais força simboliza a cultura do poder — e ao qual, no entanto, falta, contra o que foi para ele concebido, o poder da cultura?

Porque não houve nem há debate público sério sobre este assunto? A Câmara Municipal de Lisboa aprovou por unanimidade uma resolução que apresentei sobre o tema, já há mais de dois anos, mas entretanto nenhuma ação tomou. Indo para o outro lado da praça, como pode um Ministério das Finanças de um país moderno ocupar toda a ala nascente, onde não tem as melhores condições de trabalho, sem que haja planos para o tirar dali? Houve dinheiro do PRR para tudo, mas não para isto? Será possível que um dia, depois de muita opacidade e algum improviso, tudo aquilo vá acabar sendo pasto para os hotéis de charme e o turismo de baixa qualidade?

Ali mesmo um letreiro anuncia "o WC mais *sexy* do mundo". A sério que não podemos melhor do que isto?

Já levo uns anos chateando ministros de vários Governos sobre este assunto — e não faço tenções de parar. Mas antes que vá acorrentar-me ao gradeamento da estátua de D. José I gostaria de perceber por aqui se há ao menos um leitor ou leitora que também ache este roubo, de que a vítima não se dá conta nem se queixa, um gritante escândalo silencioso.

Miguel Poiares Maduro
politica@expresso.impresa.pt

# TRUMP É UMA VÍTIMA

Não tenho informação ou competência para determinar o que levou um jovem americano a tentar matar Donald Trump. Não sou psiquiatra ou investigador criminal, não posso sequer começar a especular sobre as motivações desse jovem. Este texto não é uma tentativa de explicar esse ato, mas sim o que conduz à violência política. Não é a primeira vez que um Presidente ou candidato presidencial são vítimas de atentado nos EUA, mas é a primeira vez em décadas. Não consigo desligar isso do crescimento da polarização e radicalização políticas nos EUA. Isso foi visível nas reações dos mais radicais de ambos os lados. Curiosamente, ambos concordavam na leitura dos factos: um tal atentado só foi possível com uma conspiração ao mais alto nível. Divergiram na motivação: uma conspiração contra Trump ou uma conspiração do próprio Trump.

Que inclusive jornalistas e comentadores respeitáveis tenham inicialmente alimentado (de forma mais ou menos explícita) a tese da vitimização de Trump só se explica pela dificuldade em aceitar que ele seja vítima. Vemos em Trump um culpado, uma força do mal, nunca uma vítima. Mas foi ele a vítima. E, não apenas, como pretendem alguns, vítima do discurso político que pratica e fomentou. Foi vítima de esse discurso ter encontrado simetria do outro lado. De existir quem o veja como um inimigo e não um mero adversário político.

A diferença entre inimigos e adversários é que os segundos são opositores políticos que tentamos vencer dentro das regras do jogo democrático enquanto os primeiros são concebidos como estando fora desse jogo democrático e até o pretenderem subverter. Aos inimigos não se reconhece legitimidade. Devem ser combatidos. Já os adversários, procuramos vencer, mas aceitamos a legitimidade da derrota. Trump trata os adversários políticos como inimigos. Por isso, recusou reconhecer legitimidade da sua última derrota eleitoral. Mas a conceção de Trump como desafio existencial à democracia americana também permite que muitos o concebam como um inimigo. Mesmo que ele seja uma real ameaça à democracia americana, reduzi-lo a isso abre a porta à violência política. Se a ameaça que ele representa tem carácter existencial, tudo é permitido para a combater? Este é o risco do círculo vicioso da polarização e radicalização. A violência política americana não é apenas produto da forma como um lado radicalizou a política. É também produto da forma como muitos do outro lado não sabem responder a isso sem uma radicalização simétrica. A tentativa de alguns em culpabilizar Trump pelo atentado de que ele próprio foi vítima é, ela mesma, reflexo da desumanização de Trump implícita na sua redução a uma abstração do mal político. Essa conceção é irreconciliável com o estatuto de vítima. Só lhe reconhecendo esse estatuto se pode responder politicamente de forma diferente e, logo, ser diferente de Trump.

Uma das críticas mais comuns dentro de qualquer lado político é hoje que o radicalismo do outro lado exige uma resposta igual, um discurso equivalente, uma unidade do mesmo tipo (estar contra o radicalismo dos outros exige estar sempre com os do "nosso" lado...). A tese é que não aceitar isto é aceitar ir combater politicamente com armas diferentes. O problema é que quem aceita esse combate já está a abdicar do mais importante que deve defender: a democracia. Essa exige adversários, não inimigos. A democracia é incompatível com outra conceção da política. Nem os seus inimigos a democracia combate com a violência. Apenas aceita a força para se defender da violência. Isto exige tratar os seus inimigos como adversários e reconhecer que também eles podem ser vítimas.

## A foto da semana

Por PEDRO CORDEIRO
pcordeiro@expresso.impresa.pt

**WASHINGTON Foi um Joe Biden visivelmente contrariado que discursou à nação, quarta-feira, para explicar por que razão não se recandidata a Presidente dos Estados Unidos. Elogiando o trabalho feito e nomeando a vice-presidente Kamala Harris para prossegui-lo, o octogenário declarou-se capaz e desejoso de um segundo quadriénio, de que prescindiu em nome da democracia americana. Até janeiro de 2024, garante Biden, é ele quem está aos comandos do país mais poderoso do mundo.** FOTO EVAN VUCCI/AFP/GETTY IMAGES

O Chega, com a cumplicidade dos sociais-democratas, impôs nos Açores uma solução populista para um problema sério: a falta de creches

# Os ciganos dos Açores

Luís Aguiar-Conraria
**Professor de Economia da Univ. do Minho**
lfaguiar@eeg.uminho.pt

Ocasionalmente, o espaço público dedica-se a discutir assuntos mesmo importantes e estruturais. Aconteceu no fim da semana passada e um pouco ao longo desta semana. O Chega, com a cumplicidade dos sociais-democratas, impôs nos Açores uma solução populista para um problema sério: a falta de creches. A solução, atirar para o fim da fila as crianças de famílias que recebem Rendimento Social de Inserção ou subsídio de desemprego, tem tudo para ser popular: quem não trabalha pode muito bem tomar conta dos filhos.

Se as creches fossem apenas um auxiliar do mercado de trabalho, ou seja, um sítio onde se deixam os filhos enquanto se vai trabalhar, o raciocínio seria aceitável — e, ainda assim, seria questionável, dado que não faz sentido dificultar a vida de quem procura emprego. Mas há cada vez mais provas de que essa é a forma errada de olhar para a educação das crianças até aos 5 anos.

Sobre o assunto, há uma miríade de estudos. Alguns tão profundos que acompanharam as crianças ao longo de 35 anos, podendo estudar o impacto da educação dos primeiros anos de vida (às vezes, meses) no sucesso escolar e profissional da pessoa já adulta. E os resultados são avassaladores. James Heckman, prémio Nobel da Economia, concluiu mesmo que os anos em que o investimento em educação tem maior retorno são os primeiros anos de vida.

Não é difícil perceber o porquê. É nos primeiros anos de vida que o cérebro mais se desenvolve, com milhões de conexões neurais a formar-se a cada segundo. 90% do cérebro desenvolve-se nesta idade. E se os genes são importantes, o ambiente que rodeia o bebé e a criança também. As diferenças no desenvolvimento do vocabulário entre bebés de famílias que vivem de apoios sociais (mesmo tratando-se de famílias estruturadas e funcionais) e as de famílias de estatuto socioeconómico mais elevado são enormes. Um estudo de Betty Hart e Todd R. Risley revelou que, aos três anos, os filhos das famílias de elevado estatuto têm um vocabulário superior a 1.100 palavras, enquanto as mais desfavorecidas mal passam as 500. E, claro, as diferenças persistem ao longo do resto da vida.

Para quebrar o círculo vicioso que condena as crianças das famílias mais pobres, para não falar das mais desestruturadas, a serem pobres para o resto da vida, a educação que lhes é dada na creche é o melhor instrumento que temos, expondo os bebés a cuidados profissionais, com programas de desenvolvimento cognitivo e emocional estruturados que terão impacto em toda a sua vida. Ver as creches como um sítio onde se deixam as crianças para os pais poderem ir trabalhar, ou vadiar, e não como o início da educação de um cidadão de pleno direito é tão errado como ultrapassado.

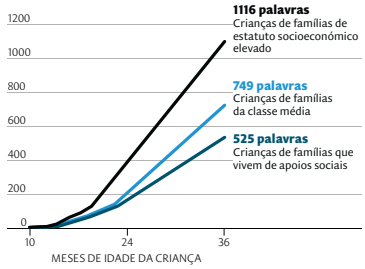
É evidente que há falta de creches e que é um problema que tem de se resolver. Dar prioridade às famílias que têm ambos os pais empregados e tirá-la às famílias que recebem RSI faz sentido para um partido populista. É resolver o problema à classe média, que é mais reivindicativa e tem maior peso eleitoral, e atirá-lo para famílias desestruturadas e mal integradas na sociedade — e sei bem que esta descrição não se aplica a todos os beneficiários —, que não têm voz pública. Trata-se de racismo social e é normal vir de um partido como o Chega. Mas é um crime que um partido que tem a social-democracia no nome a adote.

Vivemos num país com pouco apreço pela educação. De acordo com alguns inquéritos, é mesmo das questões que menos preocupam os portugueses. Mas vale a pena insistir. Faça o seguinte exercício: como sabe um dos requisitos exigidos às famílias que recebem RSI é que os seus filhos vão à escola; como reagiria se se alterasse esta política? Já várias reportagens mostraram como a vida de alguns jovens mudou graças a esta exigência. Nas palavras de uma cigana beneficiária, o Rendimento Social de Inserção "foi a grande revolução na comunidade cigana" ao garantir que meninos e, sobretudo, meninas fossem à escola durante mais tempo.

Volto a perguntar, como reagiria se se deixasse de exigir aos beneficiários do RSI que pusessem os filhos na escola? Aceitaria isso? Admitindo que não, pergunto: como vamos reagir a que nos Açores os beneficiários do RSI sejam, na prática, impedidos de pôr as suas crianças nas creches, que, como vários estudos demonstram, correspondem aos anos mais importantes da sua educação?

O atual ministro da Educação, no Parlamento, afirmou que, para o seu ministério, a educação começa aos zero anos; talvez por isso, e muito bem, no programa da AD esteja previsto que as creches saiam da tutela do Ministério do Trabalho e passem para a Educação. Mas exige-se uma reação mais forte do governo da república do que limitar-se a dizer que no continente não aplicarão a medida proposta nos Açores. Exceto se consideremos que as crianças açorianas nem têm o mesmo direito à educação que as restantes, nem à proteção da mesma Constituição.

**O GAP DE DESEMPENHO COMEÇA CEDO**
Vocabulário: número de palavras




FONTE: EARLY EDUCATION FOR ALL

Henrique Raposo
henrique.raposo79@gmail.com

# ONDE COLOCAR A EMPATIA?

Num *podcast* do Expresso, Dulce Maria Cardoso deixou uma mensagem importante: é preciso mostrar empatia pelos eleitores do Chega; importa perceber de onde vem aquele ressentimento. Sucede que esta tarefa intelectual, além de ser difícil, é impopular junto da intelectualidade, que continua a não perceber a diferença oceânica entre "compreender" e "desculpar"ou "legitimar". Eu comecei a escrever sobre o voto trumpista e 'chegano' antes de 2016, porque estava a ver as peças em movimento. Apontei a lanterna para esses movimentos e, em consequência, fui alcunhado "racista", "fascista", entre outros rótulos do estendal da intolerância da esquerda intelectual. Ou seja, mostrar empatia pelas pessoas que estavam a caminhar no sentido da extrema direita era (é?) visto como uma heresia intelectual. Aliás, agora que penso nisso, a ascenção do Chega no Alentejo e nos subúrbios de Lisboa está no subtexto do meu "Alentejo Prometido", talvez o livro mais atacado deste século, talvez a campanha de cancelamento mais intensa que colocou de facto a minha carreira em risco.

Agora, com o mal fora da caixa, já é permitido mostrar a tal empatia pelo eleitor branco e empobrecido que vota no Chega e no Trump? Espero que sim, mas há aqui nuances.

**É preciso reconhecer que o sucesso planetário da globalização foi feito às custas dos mais pobres do ocidente**

Estes partidos são grandes tendas sem unidade. Temos de mostrar empatia pelo eleitor económico que está em rebelião aberta contra o capitalismo deste século. Com ou sem razão (muitas vezes têm razão) este povo que antigamente votava na esquerda vota hoje em dia na extrema direita, a única força que fala a linguagem da pobreza e da luta de classes. Essa linguagem chegana é agressiva, está cheia de erros de análise e por isso não oferece um futuro, mas é a única que é compreendida por este povo da ruralidade e das periferias. Aliás, não percebo uma coisa: até há pouco tempo os intelectuais portugueses falavam através da agressividade marxista; como é que não reconhecem o tom na linguagem chegana?

Soluções? A esquerda esquerda tem de deixar o divisionismo *woke* (que é adorado e financiado pelo capitalismo 2.0) e tem de voltar à unidade da classe social. Se tens fome, não interessa se és branco ou preto, *gay* ou hetero, homem ou mulher. A fome e o frio não têm *identity politics*. A direita, por sua vez, tem de deixar o altar do mercado e pensar que a república está antes da globalização e do mercado europeu ou global. Depois do sucesso global da globalização é preciso reconhecer que esse sucesso planetário foi feito às custas dos mais pobres do ocidente.

Sim, estas pessoas merecem empatia e são resgatáveis para o campo democrático. Mas, dentro daquela tenda, encontramos pessoas que não têm ressentimento económico; são guerreiros culturais que querem rebobinar a fita do último meio século, querem voltar a 1950, época em que as mulheres estavam em casa e os gays nas catacumbas. Para estas pessoas não tenho empatia, tenho um calendário.

Opinião

Colecionador e arquiteto do museu agora reaberto disputam a sua gestão

# MUDE, uma história mal contada

Francisco Capelo
e Alberto Lacerda

A base para o projeto museológico do MUDE, a partir da qual seria preparado o respetivo concurso público, foi solicitada ao arquiteto Alberto Caetano e a Manuel Reis, no tempo da presidência de Carmona Rodrigues.

Esta equipa vai ser mantida com a nova gestão municipal saída das eleições de 2007, apesar de reticências terem sido desde logo levantadas. Para fugir à obrigatoriedade de concurso público, incluindo os projetos para todas as especialidades, ficcionavam-se intervenções piso a piso, de modo a facilitar a prática do ajuste direto.

Para evitar qualquer supervisão ou oposição a esta orientação, decidiram silenciar o órgão de gestão criado em junho de 2003 por deliberação da CML, órgão a quem foi, em fevereiro de 2007, expressamente delegada as competências para "desenvolver os estudos e apresentar os projetos adequados à nova função museológica, estratégias de apresentação e condições de apresentação da Coleção Francisco Capelo".

Assim, à revelia do Conselho de Gestão, foi celebrado em agosto de 2009 um contrato de prestação de serviços de avença com Bárbara Coutinho um dia antes de terminar o prazo que a obrigava a regressar ao CCB, de onde havia sido destacada em 2006. Este contrato delega na pessoa contratada poderes e competências que são unicamente do Conselho de Gestão. Foi mantido confidencial e somente conhecido em finais de 2011, por fuga interna de informação.

Todas as funções e decisões que competiam ao Conselho de Gestão foram indevidamente apropriadas por Bárbara Coutinho e pelo presidente da CML, frequentemente com aprovações *a posteriori*, como foi o caso das obras e despesas ocorridas durante o período pré-eleitoral das eleições autárquicas de 2009. Tudo em família.

Em outubro de 2011, foi pelo presidente do Conselho de Gestão convocada uma reunião extraordinária, para ter lugar nos Paços do Concelho, com o objetivo de esclarecer todos os atos indevidos e lesivos do município praticados desde agosto de 2009. Esta reunião foi impedida pela vereadora da Cultura.

Uma vez impossibilitado o Conselho de Gestão de exercer as suas funções, foi levada a cabo a apropriação do trabalho desenvolvido pelo arquiteto Alberto Caetano e por Manuel Reis, concretamente da respetiva propriedade intelectual do projeto desenvolvido. Assim, sob a ameaça de não serem remunerados pelo trabalho que tinham desenvolvido, foram coagidos a assinar um documento no qual renunciavam aos seus direitos autorais a favor de Bárbara Coutinho, a qual passou a apresentar-se como sendo a autora deste projeto museológico.

Foi ainda solicitado por Bárbara Coutinho, em dezembro de 2011, que emitissem um documento onde ambos teriam de renunciar à autoria e propriedade intelectual das bases do programa museológico desenvolvido. O que está relatado neste ponto foi diretamente vivido e acompanhado pela advogada Carmo Afonso, que o fez nessa qualidade.

Encerrado desde 2016, depois de ter permanecido aberto em condições que puseram em causa a conservação do acervo, nomeadamente a coleção de Moda, que esteve exposta a poeiras, que caíam constantemente dos tetos do edifício. Com a anunciada abertura ficamos perante uma realidade: a ambição sem limites que tudo permitiu, fazendo sua o que foi obra de outros. Um poder que tem permitido impor à verdade das coisas o silêncio.

A versão integral deste texto foi publicada no Expresso *online*

# O PS NA ARMADILHA

Daniel Oliveira
danieloliveira.lx@gmail.com

Marcelo montou uma encenação política, juntando a promulgação de diplomas sem relação, criando suspense e fazendo saber que havia uma leitura política da sua decisão. Na verdade, só haveria notícia se o Presidente vetasse. A mensagem seria que ele recusa que o Parlamento aprove medidas que afetem o próximo OE contra a vontade do Governo. Estaríamos perante uma inversão do sistema constitucional, dando, na prática, poder de veto ao Governo sobre as decisões do Parlamento. Incluindo em questões fiscais, que são reserva da Assembleia. Marcelo secundaria a ideia de Montenegro de que os deputados devem lealdade ao Governo e não o oposto.

O constituinte podia ter instituído um sistema maioritário, como o dos círculos uninominais britânico ou o de bónus de deputados grego. O nosso é proporcional. Por essa Europa fora, partidos passam meses a negociar até haver uma maioria estável ou, pelo menos, previsível para formar Governo. Aqui, a urgência adia os problemas. Ao dar posse rápida a Montenegro sem obrigar a conversas prévias que definissem os termos da legislatura, o Presidente deixou que se instalasse a ideia de que isto seria um período de transição, em que se decidiria quem seria punido por uma crise política. Depois de ter passado meses a falar de dissoluções quando havia uma maioria absoluta, Marcelo não é visto como um fator de estabilidade. Estes jogos são, por isso, de consumo rápido.

Se o Presidente quer favorecer a negociação, tem de olhar para o que cada um ganha ou perde com o chumbo ou a aprovação do OE e reequilibrar forças, para que negociação não seja capitulação. Tem de reduzir o dramatismo político em torno do Orçamento. O Chega não quer ir a votos, mas também não quer perder capacidade de protesto. O PS precisa de tempo, mas não quer perder a liderança da oposição e ficar amarrado a um Governo nos seus antípodas. A AD quer aplicar o seu programa e enfraquecer a oposição nesse processo. Ou, se isso for impossível, responsabilizar o PS por uma crise política, tentando reforçar a sua posição em novas eleições, como Cavaco fez em 1987. O que quer dizer que, no processo negocial, não tem razões para fazer grandes cedências. Por isso, na véspera de um processo negocial, o primeiro-ministro desafiava a oposição a apresentar moções de censura e o ministro das Finanças dizia que a espinha dorsal das suas propostas é intocável.

**Depois de Sarmento dizer que o fundamental do OE não está em negociação, o PS deveria pôr-se de fora. Do pormenor trata-se na especialidade, conhecendo o OE. Deixava para outubro a decisão do voto. Agora, se votar contra é intransigente, porque o Governo até negociou. Se viabilizar, este será o seu OE, porque o negociou previamente. Para isto, mais valia viabilizar às cegas e ficar com espaço para fazer oposição**

FOTO TIAGO PETINGA/LUSA

Se marcelo quer criar um ambiente propício à negociação, tem de reduzir os benefícios de quem acha que pode ganhar alguma coisa com uma crise. Bastaria dizer isto: "Não tenciono dissolver o Parlamento." O Governo não teria qualquer ganho com um chumbo, responsabilizasse quem responsabilizasse. Só a dificuldade de governar em duodécimos. E, assim, a oposição ganharia espaço de manobra negocial, saindo todos do jogo de sombras e chantagens e preparando um OE que correspondesse aos equilíbrios parlamentares.

Sendo provável que o Presidente nunca diga uma coisa destas, o PS fez mal em entrar nas negociações. Por mais razão que tenha, ninguém vai querer saber (como ninguém quis, com o BE e o PCP, em 2022) se o Governo cedeu o suficiente. Ninguém quer eleições, ninguém confia no Chega, e o PS será culpado por uma crise política. A AD sabe disso, domina a narrativa e não cederá em mais do que pormenores. Quando Miranda Sarmento diz que não se toca na espinha dorsal da sua governação, aceitando apenas acrescentos, explica que o PS não tem lugar na mesa negocial. Um partido com 28% não pode limitar-se a acrescentar uns pozinhos no OE de um Governo com 29%. Ou um dos Governos mais minoritários da nossa democracia tem de fazer cedências à dimensão dos deputados que lhe faltam para a maioria ou a negociação é uma encenação. Dizem: mas assim não se fazem grandes reformas. Nenhum Governo com 29% faz grandes reformas sem ganhar a maioria dos deputados para elas. Se os eleitores as quisessem, tinham dado maioria à AD.

Ou o PS tinha levado até às últimas consequências a recusa em suportar esta governação ou tinha dito que, a bem da estabilidade política, viabilizaria o primeiro OE. O PSD já fez as duas coisas com o PS. Se não me trai a memória, já houve negociações oficiais prévias (de bastidores sempre houve), mas Seguro saltou fora para não ser defenestrado da liderança do PS e Passos não repetiu a experiência de Ferreira Leita no ano anterior, só tendo negociado um acordo nas vésperas da votação. Depois de ouvir o Governo dizer que o fundamental não está em negociação, o PS deveria ter-se posto de fora, para não negociar pozinhos e aceita ser o Livre da AD. Do pormenor trata-se na especialidade, conhecendo o OE. Deixaria para outubro a decisão de viabilizar ou não o OE, dependendo do seu conteúdo e das circunstâncias políticas. Entrando numa negociação que o Governo diz ser para pormenores, o PS meteu-se numa armadilha. Se votar contra, é intransigente, porque o Governo até esteve aberto a negociar. Se viabilizar, este será, mesmo que não seja, o seu Orçamento, porque o negociou previamente. Para isto, mais valia viabilizar às cegas. Pelo menos, tinha mais espaço para fazer oposição.

# DEMAGOGOS E MILAGREIROS

Sérgio Sousa Pinto
politica@expresso.impresa.pt

Tem toda a razão a Comissão Europeia ao dizer que se vai intrometer no problema tipicamente nacional da escassez de habitação. Os tratados não a habilitam especialmente, digamos assim, a propor políticas nesse domínio. Mas também é verdade que a crise, mais ou menos generalizada, da habitação tem, em casos como o português, parcialmente origem nas liberdades de circulação inerentes ao mercado interno.

Por razões de vária ordem, que transcendem o sol e a praia, a súbita preferência de europeus oriundos dos Estados mais prósperos por habitações situadas em regiões ou países noutro estádio de desenvolvimento e riqueza, tem gerado distorções incomportáveis no mercado imobiliário de destino. Aos autóctones é, pura e simplesmente, impossível concorrer com o poder de compra dos seus congéneres setentrionais que aqui pretendem residir ou investir. A oferta dirige-se, muito naturalmente, para a satisfação das exigências dessa procura, comprometendo o objetivo, único sensato, de fazer descer os preços das casas construindo mais. Para os portugueses dos grandes centros ou do Algarve, a oferta acessível não acompanha a procura, enquanto noutros segmentos superiores à construção a galope entra pelos olhos dentro.

É duvidoso que os tratados consintam uma contingentação de qualquer espécie, por mais disfarçada e hábil que se apresente na sua formulação concreta. Não se vislumbram instrumentos à disposição do legislador nacional para ponderar adequadamente os interesses em presença e moderar a procura externa.

Estamos a lidar com mais um impacto assimétrico da integração europeia: o facto de, em tese, podermos adquirir livremente uma residência em Paris ou Estocolmo não serve de consolo. É um direito puramente semântico, o equivalente a termos luz verde para plantar olival na tundra.

A esta assimetria, que traz vantagens a uma minoria de portugueses e desvantagens a quase todos, somou-se o surto turístico alimentado por aqueles que, por um curto período, desejam desfrutar das nossas amenidades. Estas excelentes pessoas também precisam de ser abrigadas e a proliferação de hotéis e falsos alojamentos locais (verdadeiros hotéis sem serviço) veio contribuir para a reconversão de uma parte do parque imobiliário para este específico fim.

**O facto de, em tese, podermos adquirir livremente uma residência em Paris ou Estocolmo não serve de consolo. É um direito puramente semântico, o equivalente a termos luz verde para plantar olival na tundra**

Acresce que o comércio útil aos locais nem sempre oferece a rendibilidade do pequeno gastrobar (parece que é assim que se diz) orientado para o turista, estabelecimento destituído de personalidade e totalmente alinhado com o que se imagina ser uma sensibilidade cosmopolita, mesmo que se chame A Toca do Bacalhau.

O espaço público, sobrelotado de peregrinos, seguidores do manuelino ou da cerveja barata, também exaspera o autóctone, que experimenta a penosa impressão de viver e trabalhar na praia da Oura. Ir do ponto A ao ponto B atrás de uma aglomeração de riquexós, tuk-tuks ou donas-elviras de lata, também não favorece a alegria de viver de ninguém. Estes veículos kitsch, ou mesmo andrajosos, a transportarem viquingues esbugalhados entre trepadeiras de plástico, degradam a cidade pelo simples facto de não serem invisíveis.

O caso é bicudo e não tem remédio fácil. Como é de regra, devemos começar por descartar as soluções oriundas da categoria, muito plural, dos demagogos e milagreiros. E ver como se faz isso, de diminuir a procura e aumentar a oferta.

Henrique Monteiro não escreve a coluna habitual esta semana

No último século, a população de Portugal com 65 anos passou a contar viver o dobro do tempo, e a proporção de nascidos com esperança de atingir os 65 anos subiu de 34% para 89%

# Um Conselho para as vidas longas

Maria João Valente Rosa

FOTO FG TRADE/GETTY IMAGES

No último século, a população de Portugal com 65 anos passou a contar viver o dobro do tempo, e a proporção de nascidos com esperança de atingir os 65 anos subiu de 34% para 89%. Vivemos, em média, mais anos do que no passado e somos hoje muito diferentes dos nossos pais ou avós quando tinham a mesma idade cronológica que nós: mais escolarizados, mais próximos das novas tecnologias, mais conectados em redes, com mais individualidade e trajetórias de vida familiar e profissional menos lineares. O ambiente social também se modificou. Portugal deixou de ter assegurada a substituição de gerações, a idade média das mães ao nascimento do primeiro filho já é superior a 30 anos, a maioria dos nascimentos acontece fora do casamento, existem mais pessoas nas idades superiores e menos nas idades jovens, o número de gerações em simultâneo cresceu, as relações sociais são mais efémeras e maleáveis, a inteligência artificial está mais presente nas nossas vidas. As crianças de hoje, quando crescerem, serão também elas bem diferentes de nós e viverão em ambientes diversos, muitos deles ainda nem antecipáveis. Em 2016, o Relatório do Fórum Económico Mundial já notava, aliás, que 65% das crianças que entravam nas escolas iriam trabalhar em funções que ainda não existiam.

Por o futuro, comandado por vidas mais longas e heterogéneas, ser cada vez mais marcado pela incerteza e pela sua diferença relativamente ao passado, é estranho persistirmos agarrados ao 'retrovisor', enquanto bússola para orientação da vida. É o que acontece, por exemplo, com o modelo trifásico dominante da organização do ciclo de vida, herdado dos nossos avós ou bisavós, segmentado em três fases, balizadas em idades e que dificilmente se interligam: fase de formação, nas idades mais jovens; fase de trabalho, nas idades centrais; fase de descanso ou reforma, nas idades superiores. O 'sempre foi assim', receita herdada de um passado que pouco ou nada tem que ver com o presente e muito menos com o futuro, tem servido de argumento para não mudar o modelo, como se ele ainda funcionasse adequadamente nos dias de hoje. Mas, na realidade, esse modelo já não se ajusta a estes tempos de vidas longas. Com ele, o bónus de mais tempo de vida tem correspondido, no essencial, a mais anos para se ser velho, inativo e tantas vezes em situação de solidão social, o que tem resultado num verdadeiro desperdício de capital humano, com custos económicos e financeiros graves, além de comprometer a coesão geracional e a sustentabilidade social.

O processo de envelhecimento individual é um contínuo. Assim, para que a maior longevidade da população seja inclusiva e signifique um verdadeiro benefício social, não é suficiente gerir uma única fase de vida, neste caso a da reforma, como acontece com muitas das propostas para o chamado "envelhecimento ativo", dirigidas, sobretudo, aos reformados ou aos mais velhos. Pensar na vida é imaginá-la de uma forma articulada desde o seu princípio, o qual se inicia com o nascimento, e não com a reforma, sabendo-se, aliás, que pelo menos 50% dos nascidos hoje em Portugal poderão ultrapassar os 100 anos! Por outro lado, a diversidade do envelhecer consoante as pessoas — diversidade que aumenta, aliás, com a idade — torna contranatura impor um padrão intemporal e igual para todos, marcado pelos solavancos de idade e segmentado em conteúdos distintos consoante as fases.

**Não é suficiente gerir uma única fase de vida, neste caso a da reforma, como acontece com muitas das propostas para o chamado "envelhecimento ativo"**

Serve de proposta, para estes novos tempos, a criação de um organismo, ao qual se poderia chamar Conselho para as vidas longas, que contribua para a definição de políticas públicas com propostas que potenciem os efeitos do bónus de tempo de vida em favor de todas as gerações. Uma visão de tempos longos para uma sociedade longeva, socialmente sustentável, responsável e inclusiva, corresponderia ao desenho de mapas de vida baseado em trajetórias múltiplas, flexíveis e menos lineares, tal como também o considera o Centro de Longevidade de Stanford. Com a missão de reduzir as diferenças dos benefícios de vidas longas entre grupos sociais, de promover a inclusão social e a intergeracionalidade de relações, assentaria em princípios focados no futuro como: a prevenção do risco de exclusão, através, por exemplo, da atualização de saberes e da aquisição de novos conhecimentos durante a vida adulta (pois o que se aprende em jovem é claramente insuficiente e, em muitos casos, esses conteúdos ficam, com o tempo, ultrapassados ou deixam de ter utilidade) ou da capacitação dos cidadãos, de todas as idades, para lidar com situações como a diversidade, a incerteza, ou a adversidade; a flexibilidade das trajetórias, pelo que é sensato pensar, por exemplo, durante a vida adulta, em pausas para preparar e planear transições, como sabáticas de reorientação de planos profissionais e de vida subsidiadas mediante bolsas, e formas elásticas de regresso ao trabalho após a reforma; o propósito de vida, considerando que ter trabalho, ou desempenhar uma atividade com valor social, não representa apenas uma fonte de rendimento. Pode significar uma importante fonte de reconhecimento, de realização pessoal ou de interação com os outros, em todas as fases da vida adulta. Por isso, valerá a pena pensar no exercício de várias atividades ao longo da vida e na dilatação, por mais anos, desse tempo dedicado, com uma menor de horas de trabalho nas idades centrais.

Tal Conselho exigiria uma expressão muito ampla, preenchida por diversos domínios, como: primeira infância, educação, trabalho, segurança financeira e social, relações multigeracionais, saúde, clima, planeamento urbano, habitação, tecnologia e inovação, tempos livres ou cultura. Acresce que essa missão, de desenho de estratégias de vida coletiva de longo prazo, implicaria uma vigência estável de maior durabilidade, não condicionada às mudanças de governos ou de orientações partidárias. Também, pelo seu âmbito global, que extravasa os interesses mais imediatos de circunstância, este organismo de iniciativa, por exemplo, presidencial, imporia o envolvimento alargado, designadamente: à academia, à sociedade civil e aos sectores público, privado e social.

Dir-se-á que esta proposta de repensar de raiz a organização da vida em sociedade é um exercício de ficção científica ou uma mera utopia. Respondo com esta ideia, atribuída a Oscar Wilde: "Todos os marcos civilizacionais foram, em tempos, considerados fantasias utópicas, tais como a abolição da escravatura ou a democracia, e hoje tomamo-los por garantidos."

Demógrafa; professora FCSH/ UNL; investigadora do IPRI-NOVA; autora de "Um Tempo Sem Idades" (Tinta-da-china)

"Quem aprovará o Orçamento?" pergunta a líder do Bloco de Esquerda

# Elogio da política

Mariana Mortágua

É uma dança macabra. Ao ritmo das exigências mediáticas, as figuras dos principais partidos rodopiam para justificar e enquadrar a sua "atitude responsável" face ao orçamento. No contrapasso, à espera de uma qualquer novidade, artigos de jornal e sucessivos diretos dão nota das grandes intrigas ou dos pequenos deslizes dos protagonistas. Mais para o final da semana, comentadores e cronistas criticarão os políticos pela superficialidade do debate e, claro, por sucumbirem à politiquice. Assim é, de facto, mas para dançar o tango são precisos dois.

A meses da apresentação do documento, a política nacional está capturada. Dia após dia, sucedem-se as mesmas questões. Quem aprovará o próximo orçamento? A troco de quê? Da direita a parte da esquerda, todos querem estar na fotografia: ensaia-se um suspense "praticamente impossível" sobre o voto para mostrar "disponibilidade negocial". A barganha orçamental horroriza-se com as diferenças ideológicas e dispensa grandes mundivisões. Encara com naturalidade que qualquer partido, de qualquer espectro político, o Chega ou o PS, viabilize o projeto da direita.

Haverá quem pense que esta foi a forma de governar inaugurada em 2015. Engana-se. A geringonça foi um acordo há quatro anos, entre forças que negociaram longamente e assumiram objetivos partilhados, claros, ainda que limitados no tempo e no modo. O entendimento não foi renovado em 2019, quando a falta de coincidência entre projetos políticos inibiu novos acordos.

É estranha e perigosa a ideia de que a participação dos partidos no processo orçamental só existe se houver negociação para viabilizar o documento. Não tem de ser assim e não deve ser assim. Essa visão reduz o trabalho parlamentar a uma guerra de claques — e, se for para isso, já há uma bastante ruidosa. Mais bizarro ainda é a tentativa de imposição de um novo senso comum, que naturaliza o apoio a uma governação de sentido oposto, desde que haja "sucesso na negociação" de meia dúzia de propostas a incluir ou excluir.

Não quero ser mal interpretada. É claro que o Parlamento é um lugar para procurar aproximações e até consensos: eles acontecem todos os dias, com geometrias diversas, sobre os mais variados temas. Mas o Parlamento na democracia é, antes de mais, o lugar de comparência das alternativas políticas, onde se confrontam ideias e mundividências. Uma democracia composta por versões aproximadas do mesmo algoritmo perde potência, desvitaliza-se, torna-se uma câmara corporativa, uma arena para a alternância de interesses, sugerindo que uma alternativa só pode sê-lo contra a própria democracia. Se "não há alternativa", não há política. Se não há política, só sobra politiquice.

O programa do PSD, que o governo já recusou "desvirtuar" no Orçamento, carrega uma visão ideológica, política e cultural sobre Portugal. Carrega essa visão sobre o papel do Estado, sobre o trabalho, sobre a redistribuição de riqueza, sobre a organização da economia e sobre os direitos sociais. Não é apolítico, como nada é. É um programa de uma direita neoliberal. E tanto cumpre algumas promessas eleitorais de caráter social (apresentadas como "medidas de pacificação social") como executa elementos da política para a imigração da extrema-direita. As escolhas já consumadas para privatizar a saúde, para abdicar estruturalmente de receita fiscal em benefício dos mais ricos ou para liberalizar o alojamento local não são *business as usual*. São medidas que deixarão marcas profundas no país, na economia, na vida das pessoas que partilham Portugal.

**É estranha e perigosa a ideia de que a participação dos partidos no processo orçamental só existe se houver negociação para viabilizar o documento**

O impasse em que muitas democracias ocidentais estão enredadas não é circunstancial e não será solucionado por fracos arranjos temporários de geometria parlamentar subordinados às conveniências de calendário de lideranças partidárias. Neste difícil contexto histórico, o risco é mesmo a falta de escolha, por força da naturalização do programa ideológico da direita, pela diluição do confronto na coreografia inconsequente e pela descredibilização das políticas transformadoras de esquerda.

Perante tudo isto, "quem aprovará o orçamento?". A pergunta é crucial, mas não pelas razões que embaraçam protagonistas e entretêm cronistas e comentadores. Não é conversa de políticos, é a política de um país.

Tozé Brito: "Não vou parar de trabalhar até cair para o lado" P20

A nossa ignorância numa bifana com mostarda Savora P22

"Boa Cama Boa Mesa": na rota literária com Eça de Queirós P23

Ricardo Costa

## O CURIOSO TESTE DO IRC

A descida do IRC percorre as discussões políticas portuguesas há vários anos. Para muitos empresários, gestores e políticos foi sempre a bala de prata da economia, capaz de catapultar o crescimento e os salários. Para outros, essa opção não passava de um estímulo para maiores assimetrias, com resultados marginais no crescimento e riscos para as contas públicas.

Como quase sempre, em Portugal as discussões arrastam-se e cristalizam com grande pobreza de argumentos. Com raras exceções, a discussão de 2024 não passa de um eco da década anterior. Ora, isso faz zero sentido.

Em primeiro lugar, as contas públicas portuguesas entraram numa trajetória positiva em 2013 e atingiram um superavit relevante em 2023. Além disso, o crescimento da economia tem feito a receita do IRC aumentar muito. Em parte, porque o perfil da economia mudou e as exportações já valem perto de 50% do PIB.

Mais relevante, faz pouco sentido que se discutam políticas públicas de estímulo fiscal sem ter em conta o que se passou na Europa depois da pandemia, da invasão da Ucrânia, das diversas disrupções nas cadeias logísticas ou das novas metas de transição energética.

**Mexer no IRC em 2025 encerra um risco pequeno e pode ser um importante mecanismo político**

Qual é a lógica de discutir teoria económica ou ideológica sem ter em conta os estímulos que outros — EUA à cabeça, ainda com Biden, mas muitos países europeus — estão a oferecer a certos sectores, seja por menor dependência de cadeias logísticas, segurança nacional, autonomia de produção de bens de alto valor ou primeira necessidade, travagem da inflação ou, pura e simplesmente, valorização política de emprego e indústrias ou sectores em determinadas regiões.

Uma das poucas coisas comuns nas recentes eleições britânicas ou francesas — e omnipresente na campanha americana — é o tema da desindustrialização e de como conseguir conjugar crescimento do PIB com sectores económicos, faixas da população e áreas geográficas mais castigadas pela fase anterior da globalização.

É indiscutivelmente uma visão menos liberal da política e da economia. Mas é hoje transversal à esquerda e à direita. Infelizmente também é transversal aos que defendem a tirania, a oligarquia ou a anarquia libertária. Mas os que defendem a democracia, não podem ignorar instrumentos de política pública tão poderosos.

Portugal integra um bloco político em mudança, um bloco comercial ameaçado por protecionismos e um bloco militar abanado por dentro. O cruzamento da descida progressiva do IRC com alguns apoios direcionados, pode ser, mais que uma medida fiscal, um importante mecanismo político.

rcosta@expresso.impresa.pt

# Morais Sarmento nomeado presidente da FLAD

**Antigo ministro social-democrata sucede a Rita Faden, que foi chefe de Gabinete de António Costa**

Nuno Morais Sarmento, antigo ministro de Estado e da Presidência, foi nomeado por Luís Montenegro para presidir ao Conselho de Administração da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), apurou o Expresso junto do Governo. O histórico social-democrata, que foi pela primeira vez vice-presidente do partido em 2002 e ministro de Durão Barroso e Santana Lopes na mesma altura (2002-2004), inicia funções a 1 de agosto.

Segundo os estatutos da FLAD, instituição privada criada pelo Estado português para promover o intercâmbio entre Portugal e os Estados Unidos da América através de áreas como a ciência e a cultura, o primeiro-ministro tem a prerrogativa de escolher um dos membros do Conselho de Administração, o presidente, que é por inerência também presidente do Conselho Executivo. O mandato é de cinco anos e Morais Sarmento vai suceder a Rita Faden, ex-chefe de Gabinete de António Costa e que tinha sido escolhida, em 2019, pelo então primeiro-ministro.

O Expresso sabe que os restantes membros do Conselho de Administração, que são entre três e cinco, vão ser designados numa fase posterior do processo, por proposta do Conselho de Curadores da fundação. Por agora, é Morais Sarmento a assumir o papel principal, um cargo que foi ocupado durante mais de 20 anos por um dos fundadores do PSD, Rui Machete, que saiu já durante o Governo de José Sócrates — a substituta e primeira nomeação foi a ex-ministra da Educação Maria de Lurdes Rodrigues. Com o Governo Passos Coelho, a liderança da FLAD voltou a um social-democrata (Vasco Rato), substituído depois por Faden.

**Instituição privada criada pelo Estado português volta a ter um presidente social-democrata**

É a vez do regresso do PSD e de uma das principais figuras do partido nas últimas décadas. Embora afastado da vida política ativa, Morais Sarmento tem intervenção frequente através do comentário televisivo e, depois de ter sido apoiante de Rui Rio, mostrou-se próximo de Montenegro em várias ocasiões, em particular após a queda do Governo Costa. A mais marcante aconteceu no Congresso de 25 de novembro do ano passado, quando espetou na lapela de Montenegro um *pin* do PPD, que, explicou então, foi usado por Francisco Sá Carneiro em 1979, ano da vitória da AD. Meses depois o PSD anunciava a reedição da sigla, que ajudou o partido a voltar a chefiar o Governo português.

# Terra regista os dias mais quentes de sempre

**Em Madrid, habitantes recorrem a fontes para se refrescar** FOTO OSCAR DEL POZO/GETTY

**No domingo e na segunda-feira bateram-se recordes de temperatura, segundo dados do programa Copérnico**

Há mais de 80 anos, no dia 22 de julho de 1943, primeiro registo que há para este dia no Serviço de Alterações Climáticas Copernicus (C3S), a temperatura global diária do ar na superfície na Terra foi de 15,35 graus Celsius. A subida nas décadas seguintes foi-se acentuando gradualmente e agravando perigosamente: já no século XXI, em 2004 atingiu os 15,90 graus, batendo os 16,54 graus em 2020. No começo desta semana, na segunda-feira, o dia 22 de julho veio marcar um registo histórico: 17,15 graus Celsius, o que fez desta a data mais quente de que há registo no planeta.

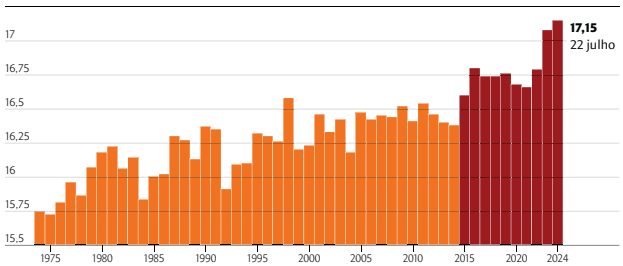
Curiosamente, o recorde já havia sido batido no domingo, com 17,09 graus, sendo o anterior pico de temperatura de 6 de julho de 2023 (17,08 graus) — uma variação de recordes, apesar de tudo, significativa e que o serviço Copernicus descreve mesmo como sendo "impressionante".

Historicamente, os meses de julho e de agosto, nomeadamente o final de julho e começo de agosto, coincidindo com o Verão no hemisfério norte, trazem sempre padrões de temperatura mais altos. No entanto, as alterações climáticas têm feito subir as temperaturas na Antártida, registando-se em 2024 uma descida acentuada do gelo naquela região, o que, explica uma análise do Copernicus, "traz um aumento repentino na temperatura média global diária".

O diretor do C3S, em reação do recorde de 22 de julho, afirmou que se está num "território verdadeiramente desconhecido" e que as máximas de temperatura continuarão a subir, razão pela qual "estamos fadados" a ver o planeta aquecer. Ainda assim, refere, a temperatura média global deve baixar "ligeiramente" nos próximos dias.

**22 DE JULHO DE 2024 FOI O DIA MAIS QUENTE DE SEMPRE**

Temperatura média do dia mais quente de cada ano, em graus centígrados




FONTE: COPERNICUS CLIMATE CHANGE SERVICE

Expresso

Sexta-feira 26 de julho de 2024

26 07

#2700
expresso.pt

## Últimas

**49 pessoas afogadas este ano** No primeiro trimestre ocorreram 49 mortes em meio aquático, mais cinco do que em igual período de 2023, segundo o Observatório do Afogamento. Em todo o ano passado foram 155, valor que iguala o de 2017, o pior registado desde a criação do Observatório.

**Justiça tributária acelera** A comissão criada pelo Governo para simplificar e agilizar os processos e o procedimento tributário tem seis meses para apresentar propostas. Presidida por Rogério Fernandes Ferreira, a comissão deve fazer uma "avaliação profunda e abrangente" do Código do Processo e do Procedimento Tributário.

**Imposto para bilionários** O ministro dos Negócios Estrangeiros disse que Portugal está aberto à proposta do Brasil de ser criado um imposto para os super-ricos, com vista a financiar os projetos da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza.

**Temido e ex-cônsul ouvidos** A ex-ministra da Saúde Marta Temido e o ex-cônsul de Portugal em São Paulo Paulo Jorge Nascimento vão ser ouvidos na Comissão Parlamentar de Inquérito ao caso das gémeas luso-brasileiras em setembro.

**Processo contra Portugal** A Comissão Europeia abriu processos de infração contra Portugal e outros 25 países da UE por não terem comunicado a transposição da lei que abrange a taxação das emissões de carbono a mais sectores.

**Camões celebrado no Brasil** A exposição "A Língua que Se Escreve sobre o Mar — Camões 500 Anos" foi inaugurada esta quinta-feira no Rio de Janeiro com obras levadas por D. João VI para a então capital do império português.

**'Super Júpiter' avistado** O telescópio James Webb detetou um planeta com o mesmo diâmetro de Júpiter mas com seis vezes a sua massa. A sua atmosfera é rica em hidrogénio, como a do maior planeta do Sistema Solar, mas a grande diferença é que este planeta demora mais de um século, talvez 250 anos, a dar uma volta à sua estrela, a qual fica a 12 anos-luz de distância.

**Champalimaud ganha Mérito** O edifício Botton-Champalimaud, dedicado ao tratamento e investigação do cancro do pâncreas, ganhou o Merit Award, atribuído pela Health Care Design, uma prestigiada organização norte-americana dedicada à arquitetura e design em edifícios do sector da Saúde.

**Ativistas detidos após invadir aeroporto** Oito ativistas ambientais foram detidos esta quinta-feira após invadirem o aeroporto de Frankfurt, o que obrigou à suspensão temporária do tráfego aéreo e ao cancelamento de cerca de 140 voos. A ação foi reivindicada por ativistas do movimento alemão Última Geração, responsável por várias intervenções em defesa do clima.

**Sete detidos na Bélgica** As autoridades belgas prenderam esta quinta-feira sete pessoas por suspeita de estarem a planear um atentado terrorista, tendo sido efetuadas buscas no âmbito de uma operação antiterrorista em todo o país. Um porta-voz do Ministério Público belga informou que não há, para já, indicações de que o caso esteja relacionado com os Jogos Olímpicos de Paris, que se iniciam esta sexta-feira.

# ISEG ON THE SPOTLIGHT

## ISEG adere à prestigiada **rede HERMES** de *Business Schools*.

O ISEG é a única escola portuguesa a integrar esta rede de universidades de prestígio internacional, três das quais — incluindo o ISEG — presentes no *ranking* do *Financial Times* das melhores *Business Schools* europeias. **A prestigiada rede HERMES oferece mais de 25 duplos graus em várias universidades parceiras**, proporcionando a mais de 100 estudantes por ano a oportunidade de realizar intercâmbios dentro desta rede.

HERMES
HIGHER EDUCATION NETWORK
since 1997

## **ISEG e Sanjo lançam edição exclusiva** de ténis em colaboração pioneira.

Esta colaboração pioneira marca um momento histórico, sendo o **primeiro lançamento de ténis por parte de uma *Business School* portuguesa**.

Um produto que combina tradição e modernidade, refletindo a essência e os valores de uma escola rica em herança e com capacidade de se reinventar e inovar continuamente.

## ISEG obtém **acreditação EQUIS** e entra no grupo de ***Triple Crown Business Schools***.

A acreditação EQUIS reconhece a excelência na oferta do ensino da gestão, comparável a nível mundial. **A *Triple Crown* é uma distinção obtida por menos de 1% das business schools em todo o mundo.**

Esta acreditação é atribuída um ano depois do ISEG ter sido reacreditado pela AACSB e numa altura em que a escola foi considerada a 30ª melhor faculdade do mundo no ranking de mestrados em Finanças do Financial Times 2024.

EQUIS
ACCREDITED

## Mestrado em Finanças do ISEG reconhecido pela **empregabilidade**.

**Mestrado em Finanças do ISEG reconhecido como tendo uma empregabilidade de 100% no espaço de 3 meses**, o mesmo tempo que foi considerado como a escola Portuguesa que porpociona a maior rede de contactos profissionais entre antigos alunos deste mestrado.

O *Ranking "Masters in Finance"*, o mais prestigiado no setor, avalia e classifica os 65 melhores mestrados de Finanças do mundo.

# CAREERS@ISEG

*"As pessoas são o motor da EY. São a nossa motivação e é por e para elas que todos os dias trabalhamos. (...) o ISEG tem sido um parceiro de excelência para cumprirmos esse desígnio. Do ISEG chegam-nos todos os anos jovens altamente qualificados que têm crescido e feito carreira na EY. O ISEG é uma referência incontornável na formação de excelência em Portugal e uma fonte de talento em que confiamos."*

**Pedro Borges Marques**,
Partner da EY e alumni do ISEG

*"O ISEG através do seu mindset colaborativo, de proximidade e ambiente de valorização do conhecimento nas áreas das ciências económicas, financeiras e empresariais, garante aos seus alunos competências para que estes criem valor para o tecido empresarial."*

**Ana Rebelo Grilo**,
People Attraction, Recruitment & Employer Branding

*"A PwC procura manter a parceria com o ISEG pois reconhecemos o dinamismo, o valor e o pensamento crítico dos seus alunos. Todos os anos contratamos estudantes desta faculdade, que escolhem a PwC como uma oportunidade de adquirirem novos conhecimentos e assim iniciarem a sua jornada no mercado de trabalho."*

**Rafaela Alves Reis**,
Employer Branding & Talent Acquisition Senior Executive na PwC

*"A KPMG orgulha-se da relação de proximidade que mantém há vários anos com o ISEG, uma instituição de referência pela qualidade do seu ensino e pela capacidade de preparar os seus alunos para os desafios que as organizações atravessam atualmente. Numa altura em que o mundo atravessa tempos desafiantes, é reconfortante saber que em Portugal estamos a formar novas gerações altamente qualificadas e de um talento superlativo."*

**Ana P. Nunes**,
Employer Branding & University Relations Manager na KPMG


19,75 em 20

Média de licenciados com emprego no final do curso

Ninguém tem os números do ISEG

ISEG LISBON Economics & Management Universidade de Lisboa

ISEG EXECUTIVE EDUCATION

# LICENCIATURAS

**Em Português:**

- Economia
- Gestão
- Matemática Aplicada à Economia e à Gestão (MAEG)

A Licenciatura em **MAEG tem a média de entrada mais elevada do país na área** (nota mínima de 18.20 em 2023).

# *UNDERGRADUATES*

**Em Inglês:**

- Economics
- Management
- Finance

University Affiliation Program CFA Institute

A Licenciatura em **Finance do ISEG atribui um duplo grau** de licenciado em Finance & Accounting na reputada Kozminski University, Polónia.

# MESTRADOS

**Em Português:**

- Ciências Empresariais
- Contabilidade, Fiscalidade e Finanças Empresariais
- Desenvolvimento e Cooperação Internacional
- Economia e Políticas Públicas
- Economia Internacional e Estudos Europeus
- Gestão de Recursos Humanos
- Marketing
- Métodos Quantitativos para a Decisão Económica e Empresarial

O Master in Finance pertence ao CFA University Affiliation Program. Em 2022, o ISEG venceu, uma vez mais, o CFA Challenge Portugal. Esta é a quinta conquista nas últimas 6 edições.

# *MASTERS*

**Em Inglês:**

- Accounting
- Actuarial Science
- Applied Econometrics and Forecasting
- Data Analytics for Business
- Economics
- Finance — FT Masters in Finance 2024 Ranking — University Affiliation Program CFA Institute
- Innovation and Research for Sustainability
- Management (MiM)
- Management and Industrial Strategy
- Management Information Systems
- Mathematical Finance
- Monetary and Financial Economics

# DOUTORAMENTOS

**Em Português:**

- Gestão
- História Económica e Social
- Sociologia Económica e das Organizações

# *PHDs*

**Em Inglês:**

- Applied Mathematics for Economics and Management
- Economics

# ISEG MBA

O caminho para a realização dos seus objetivos.

World Ranked Triple Accredited:

EQUIS ACCREDITED · AACSB ACCREDITED · ASSOCIATION AMBA

Rankings:

EDUNIVERSAL RANKING · FT EXECUTIVE EDUCATION 2024 RANKING · FT EUROPEAN BUSINESS SCHOOL 2023 RANKING

# PÓS-GRADUAÇÕES

- Análise Financeira
- Applied Artificial Intelligence & Machine Learning
- Auditoria, Risco e Cibersegurança
- Comércio Internacional
- Contabilidade e Fiscalidade
- Controlo de Gestão e Finanças Empresariais
- Data Science & Business Analytics
- Gestão da Sustentabilidade
- Gestão de Ativos Turísticos
- Gestão de Avaliação Imobiliária
- Gestão de Instituições de Saúde
- Gestão de Projetos
- Gestão Empresarial
- Marketing Digital
- Marketing Management
- Pharmaceutical Marketing and Business Development
- Strategic HR Practices

# PROGRAMA DE ALTA DIREÇÃO

- Strategic Leadership Program **ISEG + Columbia**

Strategic Leadership Program

Columbia Business School Executive Education

# PROGRAMAS EXECUTIVOS

- Artificial Intelligence For Value Creation
- B2B Sales Performance
- eCommerce Management
- Economia de Defesa
- ESG Reporting Corporativo e Não Financeiro
- Finanças para Tomada de Decisão
- Gestão de Risco e Compliance
- Growth Mindset
- Healthcare Customer Experience
- Leading People & Change
- Leading HR Branding
- Luxury Brand Management
- Luxury Real Estate Sales Management Course
- Machine Learning for Decision-Making
- Real Estate Consulting
- Strategic Management & Innovation
- Sustainability A Corporate Journey
- Sustainable Finance
- Transforming Customer Experience

# SOLUÇÕES CUSTOMIZADAS

Uma solução customizada é uma **resposta ajustada às necessidades de formação específicas de uma empresa ou organização.**

# CONSULTORIA

Possibilidade de realização de projetos aplicados de consultoria. Estes **projetos respondem a necessidades específicas, tirando partido das valências do vasto corpo docente** do ISEG.

Legenda: BLENDED LEARNING

World Ranked Triple Accredited:

EQUIS ACCREDITED · AACSB ACCREDITED · ASSOCIATION AMBA ACCREDITED

Rankings:

FT Financial Times
**Top #59** Best European Business School
**Top #30** Masters in Finance
**Top #50** Executive Education

CEO TIER ONE GLOBAL · EDUNIVERSAL RANKING BUSINESS SCHOOLS

Memberships:

EFMD · PRME Principles for Responsible Management Education, an initiative of UN Global Compact · Aliança Objetivos de Desenvolvimento Sustentável Portugal · GRLI Partner

Other Accreditations and Partnerships:

RICS · A3ES Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior · University Affiliation Program CFA Institute · Institute and Faculty of Actuaries · Project Management Institute · GARP Global Association of Risk Professionals · CFA Institute ESG Certificate · CAIA Association

FOTO DAVID RAMOS/GETTY IMAGES

## Especial Suplemento 8 páginas

- Guia completo para seguir os JO
- As estrelas de Paris
- Fernando Pimenta, o primeiro português que pode ser medalhado em três Jogos Olímpicos
- Paris, uma cidade preocupada em passar boa imagem

# LUZES E SOMBRAS DOS JOGOS DO REGRESSO

Depois de 1900 e 1924, **Paris acolhe novamente o maior evento desportivo mundial**. O público voltou depois da interrupção de Tóquio, mas nem tudo são motivos de festa. Portugal assume a ambição de conquistar quatro medalhas

**PEDRO BARATA**
Enviado a **PARIS, FRANÇA**

Paris, *ville lumière*, a cidade luz, a capital que se iluminou no século XIX. Paris, cidade olímpica, palco dos Jogos de 1900 e 1924. Passado um século, o desporto invadirá cenários como a Praça da Concórdia, o Grand Palais ou o Palácio de Versalhes, com visíveis esforços de recuperar um certo espírito de celebração. "Queremos que seja uma grande festa", diz Étienne Thobois, diretor-executivo dos Jogos.

Esta é a competição do regresso. Do regresso a Paris 100 anos depois, do regresso à Europa após edições na América do Sul e Ásia, do regresso do público após a clausura existente em 2021 devido à pandemia. Depois das nuvens de corrupção e ultradespesismo do Rio e da incerteza sanitária e silêncio nas bancadas de Tóquio, Paris quer apresentar-se como os Jogos do retorno da normalidade, de uma pureza desportiva e, lá está, festiva.

Mas há, também, sombras nesta ideia de divertimento alegre e desprendido. Desde logo, os conflitos na Ucrânia e no Médio Oriente proporcionarão um pano de fundo geopolítico que, certamente, se fará notar, até pela forma como muitos participantes abordam o tema. Por muito que o Comité Olímpico Internacional tente ficar à margem da política, ela faz tão parte dos Jogos como os anéis olímpicos.

Outra nuvem é o escândalo de doping que, em abril, envolveu a natação chinesa, com uma investigação da televisão alemã ARD e do "New York Times" a revelar que 23 nadadores testaram positivo antes de Tóquio. Apesar disso, foram autorizados a participar e cinco venceriam medalhas.

A agência mundial antidopagem aceitou, então, as explicações da China, que disse que os nadadores foram contaminados pela comida que ingeriram no hotel. Com a promessa de que haverá um controlo mais apertado em Paris, 11 desses atletas estarão nestes Jogos. Antes de semanas em que a luta desportiva sino-americana volta a antever-se renhida — há três anos os chineses só ganharam menos um ouro que os seus rivais —, a questão do doping é, também, um (indesejado) regresso.

### Cerimónia de abertura única

Há uma novidade absoluta nestes Jogos. Pela primeira vez na história, a cerimónia de abertura não será dentro do estádio. Sexta-feira, a partir das 18h30 (RTP1/Eurosport), a parada das delegações decorrerá ao longo do rio Sena.

Num percurso de seis quilómetros pelo centro da capital francesa, os 10.500 participantes partirão da Ponte de Austerlitz e vão terminar em frente ao Trocadéro. Os porta-estandartes de Portugal serão Ana Cabecinha, a marchadora que vai para os quintos Jogos Olímpicos, e Fernando Pimenta.

Outro pano de fundo dos Jogos será a preocupação com a segurança. Com França a garantir estar pronta para as exigências da organização, o dispositivo policial será particularmente reforçado nesta cerimónia de abertura inédita, com 45 mil agentes destacados.

**PICHARDO E PIMENTA MANTÊM-SE COMO ESTRELAS PORTUGUESAS, MAS HÁ CANDIDATOS A NOVOS PROTAGONISTAS**

### As esperanças nacionais

Depois de, em Tóquio, a comitiva nacional ter conseguido a melhor participação de sempre, o contrato-programa assinado entre o Comité Olímpico de Portugal (COP) e o Governo estabelece como metas a presença em 17 modalidades, obtendo quatro pódios, 15 diplomas (quarto ao oitavo posto) e um total de 36 classificações até ao 16º lugar.

Estar em 17 modalidades foi um "objetivo falhado", assumiu Marco Alves, chefe da missão portuguesa, à Lusa. Teremos 73 atletas em 15 modalidades, havendo, pela primeira vez, mais mulheres que homens (37 face a 36). O COP garante que estes Jogos marcam "uma mudança de paradigma", com o foco não no número de participantes, mas na presença em eventos de medalha, onde Portugal disputará 67, mais uma do que o acordado no contrato-programa.

Em linha com a ideia global destes Jogos, também houve luzes e sombras na preparação nacional para Paris. A lesão de Auriol Dongmo, quarta no lançamento do peso em Tóquio, retirou logo uma opção clara de medalha, tal como a ausência de Patrícia Mamona, prata há três anos no triplo salto que, após uma série de problemas físicos, não conseguiu a qualificação.

Outra incerteza na antecâmara para Paris envolveu Pedro Pablo Pichardo, campeão olímpico que, entre polémicas e divergências com o Benfica, esteve quase um ano sem competir. No entanto, em junho, foi prata no triplo nos Europeus e, apesar do surgimento em força do espanhol Jordan Díaz, é claro candidato às medalhas.

Outro protagonista de 2021 é uma das maiores esperanças nacionais. Fernando Pimenta, na canoagem (K1 1000 metros), pode tornar-se no primeiro português com três subidas ao pódio, após a prata em Londres e o bronze de Tóquio. Ainda nas pagaiadas, João Ribeiro e Messias Baptista chegam a Paris depois do título mundial em K2 500 metros, obtido em 2023. Fechando o leque de medalhados de 2021, Jorge Fonseca, bronze em Tóquio, volta a ser candidato, numa equipa de judo que nos habituou ao êxito (há, também, esperanças em Catarina Costa).

Numa comitiva com 37 estreantes, quem gera maior curiosidade é Diogo Ribeiro, o nadador de 19 anos. No entanto, os 50 metros mariposa, um dos ouros que ganhou nos Mundiais de fevereiro, não são distância olímpica, havendo, além disso, concorrência de maior nível nestes Jogos. É preciso prudência, mas Diogo sabe surpreender.

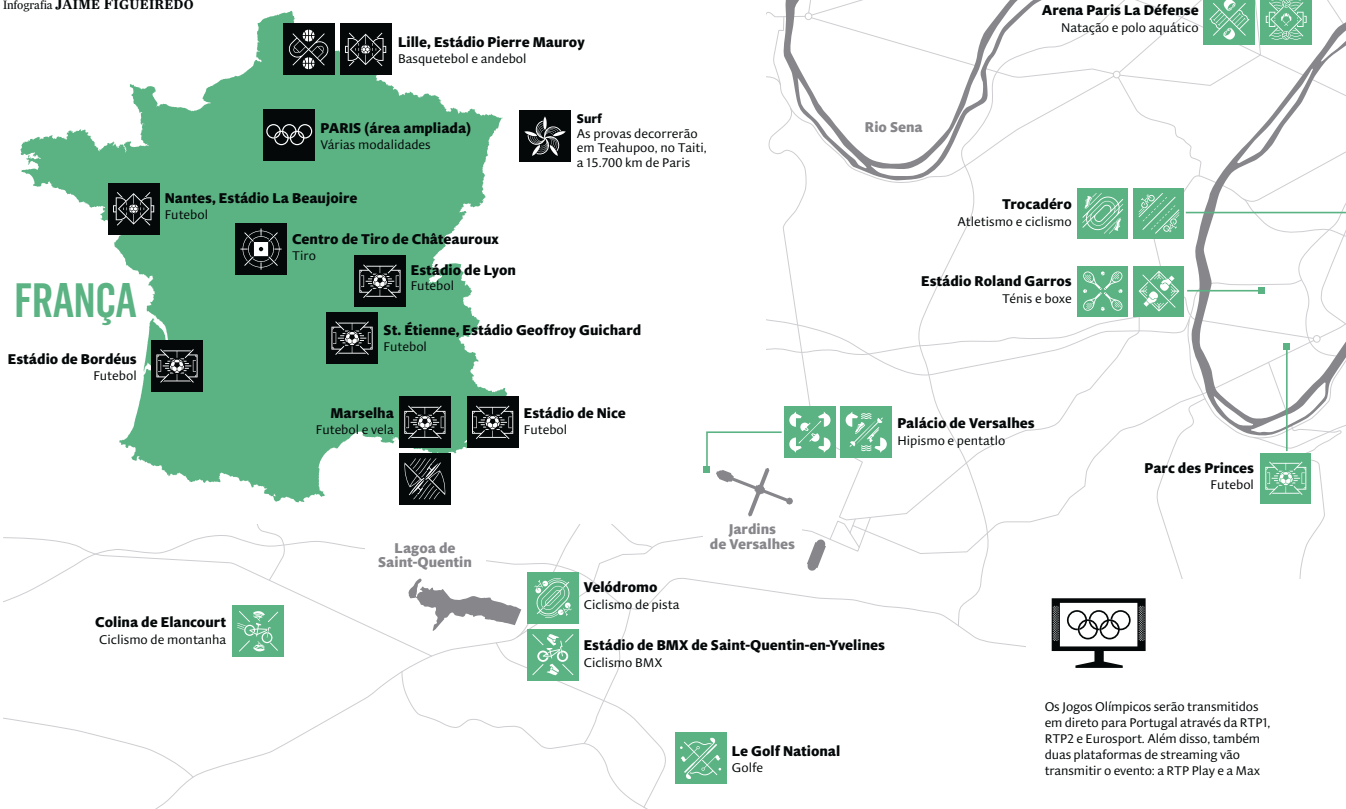
Ainda entre os debutantes, os olhares estão postos em Iuri Leitão, campeão do mundo em 2023 no omnium, no ciclismo de pista, ou em Maria Inês Barros, campeã europeia no tiro com armas de caça. No skate, Gustavo Ribeiro não se estreia, mas é outra hipótese de glória. Competirá na Praça da Concórdia, um dos locais icónicos de uma cidade que, até 11 de agosto, se esforçará, mais do que nunca, por ser de luz.

pmbarata@expresso.impresa.pt

# UM GUIA PARA SEGUIR OS JOGOS DE PARIS

Sabia que estes serão os primeiros Jogos Olímpicos que terão o mesmo número de atletas homens e mulheres? O calendário, os locais das provas e quais as novidades da edição deste ano

Infografia **JAIME FIGUEIREDO**




Os Jogos Olímpicos serão transmitidos em direto para Portugal através da RTP1, RTP2 e Eurosport. Além disso, também duas plataformas de streaming vão transmitir o evento: a RTP Play e a Max

## MODALIDADES OLÍMPICAS EM DESTAQUE

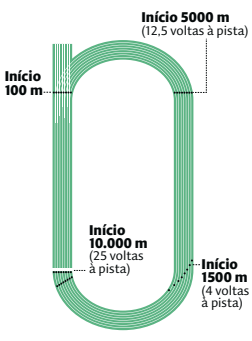
Haverá 32 modalidades nos Jogos da 33ª Olimpíada. A única em estreia será o breaking, na qual Portugal estará representado por Vanessa Marina. A comitiva nacional, a competir pela 26ª vez nos Jogos, engloba 73 atletas de 15 modalidades. Desde a estreia, em Estocolmo 1912, Portugal já somou 28 medalhas (cinco de ouro, nove de prata e 14 de bronze), conquistadas em hipismo, esgrima, vela, atletismo, tiro com armas de caça, judo, ciclismo, triatlo e canoagem. Só o atletismo deu campeões olímpicos, com os ouros de Carlos Lopes (Los Angeles 1984), Rosa Mota (Seul 1988), Fernanda Ribeiro (Atlanta 1996), Nelson Évora (Pequim 2008) e Pedro Pablo Pichardo (Tóquio 2020).

COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL

### ATLETISMO

Reza a lenda que, em 490 a.C., os atenienses avisaram as famílias para se suicidarem caso não recebessem notícias em 24 horas sobre o desenlace da batalha com os persas. A luta demorou mais e Filípedes correu os 42 km entre Maratona e Atenas para anunciar a vitória.

**Provas de velocidade**



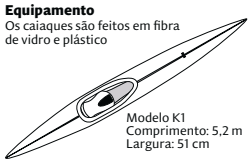

**3000 m obstáculos** (7,5 voltas)
Prova com 28 obstáculos, cada um com 91,4 cm de altura (76,2 cm para a prova feminina) e tendo um deles à frente um fosso de água

**110 m barreiras**
Percurso com 10 barreiras e com um *sprint* no final. As barreiras têm 91,44 cm de altura para a competição masculina e 76,2 cm para a feminina

### CANOAGEM

Antiguidade à parte, a canoagem teve forte impulso dos britânicos no século XIX, sobretudo pelo advogado John MacGregor, que criou o primeiro caiaque de competição. A primeira regata ocorreu na Bélgica (1877). Foi modalidade de demonstração em 1924, por influência dos EUA e do Canadá, e tornou-se olímpica a partir de 1936.

**Equipamento**
Os caiaques são feitos em fibra de vidro e plástico




**Catch**
Fase em que o atleta se prepara para pôr a pagaia na água

**Brace**
Determina a qualidade da pagaiada

**Stroke**
Com a pagaia em posição quase vertical, o barco vai para a frente

**Transition**
Com a pagaia fora da água, inicia-se o catch do outro lado

### GINÁSTICA

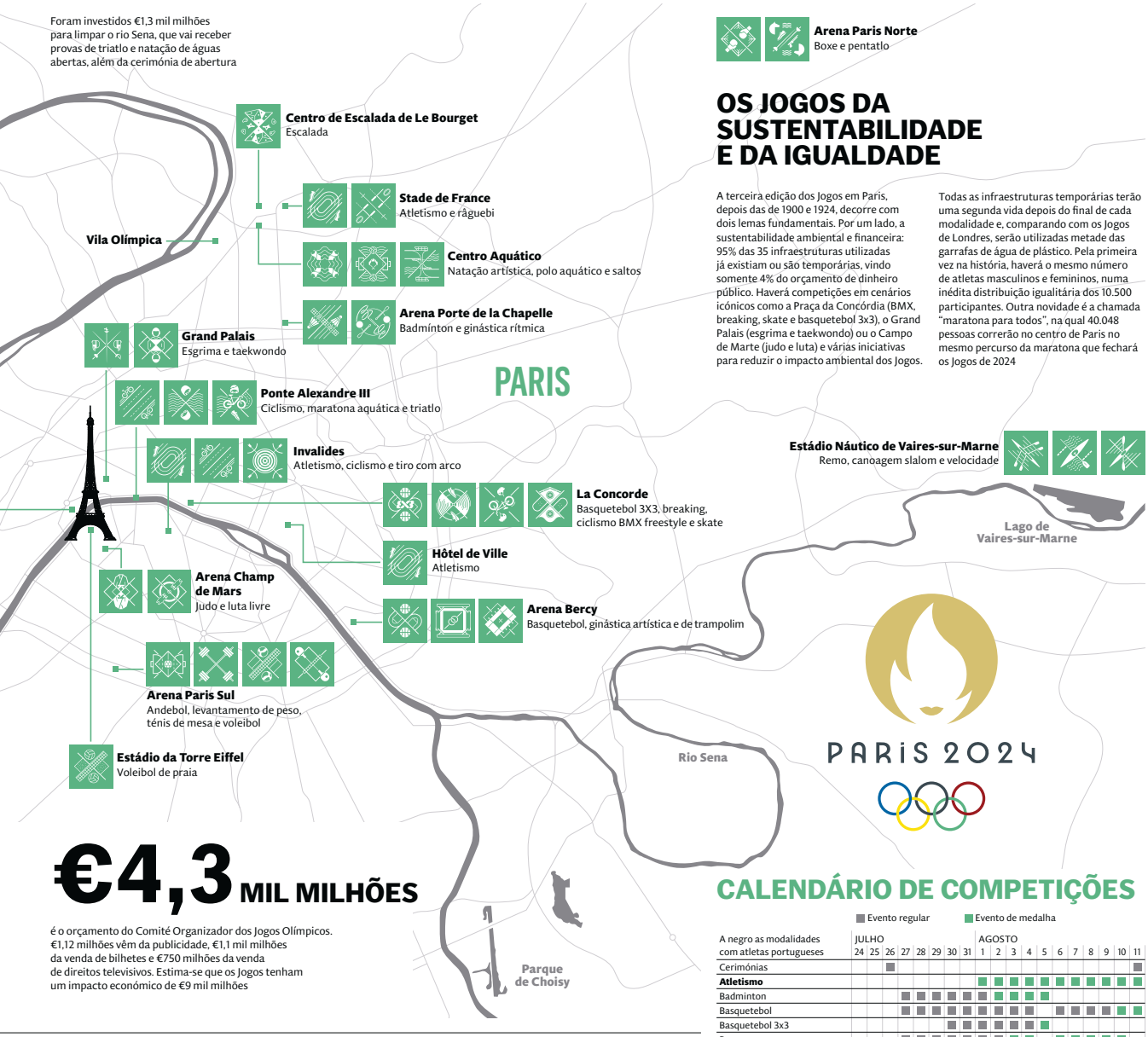
A ginástica, enquanto prática do exercício, vem da pré-história, mas oficialmente surge em 1811, quando o professor Friedrich Jahn funda o primeiro clube só de ginástica (masculino) com técnicas que seriam depois aproveitadas para os treinos militares. Faz parte dos eventos olímpicos desde 1896 mas só a partir de 1950 se realiza como se conhece hoje. O sector feminino foi introduzido em 1928.

**5084**

é o número de medalhas que foram fabricadas, um valor superior ao necessário para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. O formato será hexagonal, numa referência ao território francês, sendo as medalhas feitas de ferro polido retirado da Torre Eiffel. Na parte de trás estará representada a deusa grega da vitória, Nike, seguindo uma tradição em vigor desde 1928

| 1896 | 1900 | 1904 | 1908 | 1912 | 1920 | 1924 | 1928 | 1932 | 1936 | 1948 | 1952 | 1956 | 1960 | 1964 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Atenas Grécia | Paris França | Saint Louis EUA | Londres Reino Unido | Estocolmo Suécia | Antuérpia Bélgica | Paris França | Amesterdão Países Baixos | Los Angeles EUA | Berlim Alemanha | Londres Reino Unido | Helsínquia Finlândia | Melbourne Austrália | Roma Itália | Tóquio Japão |

Foram investidos €1,3 mil milhões para limpar o rio Sena, que vai receber provas de triatlo e natação de águas abertas, além da cerimónia de abertura




# OS JOGOS DA SUSTENTABILIDADE E DA IGUALDADE

A terceira edição dos Jogos em Paris, depois das de 1900 e 1924, decorre com dois lemas fundamentais. Por um lado, a sustentabilidade ambiental e financeira: 95% das 35 infraestruturas utilizadas já existiam ou são temporárias, vindo somente 4% do orçamento de dinheiro público. Haverá competições em cenários icónicos como a Praça da Concórdia (BMX, breaking, skate e basquetebol 3x3), o Grand Palais (esgrima e taekwondo) ou o Campo de Marte (judo e luta) e várias iniciativas para reduzir o impacto ambiental dos Jogos.

Todas as infraestruturas temporárias terão uma segunda vida depois do final de cada modalidade e, comparando com os Jogos de Londres, serão utilizadas metade das garrafas de água de plástico. Pela primeira vez na história, haverá o mesmo número de atletas masculinos e femininos, numa inédita distribuição igualitária dos 10.500 participantes. Outra novidade é a chamada "maratona para todos", na qual 40.048 pessoas correrão no centro de Paris no mesmo percurso da maratona que fechará os Jogos de 2024

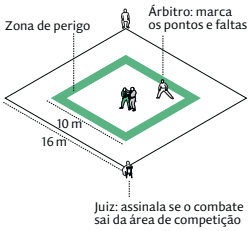
# €4,3 MIL MILHÕES

é o orçamento do Comité Organizador dos Jogos Olímpicos. €1,12 milhões vêm da publicidade, €1,1 mil milhões da venda de bilhetes e €750 milhões da venda de direitos televisivos. Estima-se que os Jogos tenham um impacto económico de €9 mil milhões

## JUDO

O judo nasceu no Japão, em 1882, criado por Jigoro Kano. O mestre nipónico, figura 'leve' para os desportos mais comuns (1,50 m, 48 kg), inspirou-se em três princípios: máxima eficiência com o mínimo de esforço, prosperidade e benefícios mútuos e melhor uso da energia. Objetivo: aproveitar os movimentos contrários para ganhar, privilegiando a técnica e a inteligência à força. Hirano foi o primeiro precursor da modalidade em Portugal, mas Kobayashi, que se radicou cá em 1958, é considerado o 'pai' do judo no nosso país. A modalidade tornou-se olímpica em 1964 (mulheres em 1992) e só teve um interregno em 1968

### Área de competição




### Categorias do judo (kg)

Femininos
-48 -52 -57 -63 -70 -78 +78

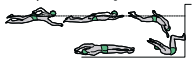
Masculinos
-60 -66 -73 -81 -90 -100 +100

## NATAÇÃO

A natação é uma das modalidades mais antigas, de tal forma que existem pinturas rupestres de 7000 a.C. Na Antiguidade, era vista como algo essencial para a preparação física e o culto da beleza. As primeiras provas datam de 1800 (bruços) e entrou nos Jogos Olímpicos em 1896 (em águas abertas ainda) apenas na variante livre, sendo depois acrescentados outros estilos. As mulheres só começaram a competir a partir de 1912

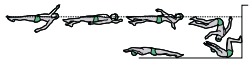
### Estilo Livre

O crawl é o melhor movimento para avançar com rapidez na natação



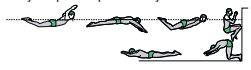
### Costas

Os atletas nadam de costas usando movimentos alternados de braços e pernas



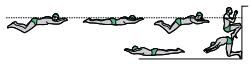
### Mariposa

Os nadadores usam em simultâneo braços e pernas para avançarem



### Bruços

Os atletas procuram a coordenação perfeita entre os movimentos de braços e pernas de forma simultânea



## AS NOVIDADES

Ainda que o breaking seja a única modalidade que faz a estreia em Paris, há outras alterações no programa olímpico nos Jogos da capital francesa: na canoagem de slalom, o caiaque cross, em que atletas competem uns contra os outros e não apenas por tempo, é novidade entre as disciplinas. No atletismo, assistiremos à estreia da estafeta mista da marcha e, no tiro, a disciplina de skeet terá também pela primeira vez uma equipa mista. Na vela estreia-se o kitesurf e na escalada haverá medalhas divididas entre a disciplina de velocidade e uma combinação de boulder e dificuldade - em Tóquio houve apenas uma única final que combinava as três disciplinas

Breaking

Canoagem slalom

Atletismo

Tiro

Vela

Escalada

# CALENDÁRIO DE COMPETIÇÕES

■ Evento regular ■ Evento de medalha

| A negro as modalidades com atletas portugueses | JULHO | | | | | | | AGOSTO | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| Cerimónias | | | ■ | | | | | | | | | | | | | | | | ■ |
| **Atletismo** | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| Badminton | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | |
| Basquetebol | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| Basquetebol 3x3 | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | |
| Boxe | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| **Breaking** | | | | | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | |
| Canoagem slalom | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | |
| **Canoagem de velocidade** | | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| Ciclismo BMX freestyle | | | | | | | ■ | ■ | | | | | | | | | | | |
| Ciclismo BMX racing | | | | | | | | | ■ | ■ | | | | | | | | | |
| **Ciclismo de estrada** | | | | | | | | | | | ■ | ■ | | | | | | | |
| **Ciclismo de montanha** | | | | | ■ | ■ | | | | | | | | | | | | | |
| **Ciclismo de pista** | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| Escalada | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | |
| Esgrima | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | | |
| Futebol | ■ | ■ | | ■ | ■ | | ■ | ■ | | ■ | ■ | | ■ | ■ | | ■ | ■ | ■ | |
| **Ginástica artística** | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | ■ | ■ | ■ | | | | | | |
| Ginástica rítmica | | | | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | |
| **Ginástica de trampolins** | | | | | | | | | ■ | | | | | | | | | | |
| Golfe | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | | | ■ | ■ | ■ | ■ | |
| Andebol | | ■ | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| **Equestre** | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | |
| Hóquei em campo | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | |
| **Judo** | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | | | |
| Halterofilismo | | | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| Luta | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| **Natação águas abertas** | | | | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | | |
| Natação artística | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | | ■ | ■ | |
| **Natação** | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | | |
| Pentatlo moderno | | | | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ |
| Polo aquático | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| Remo | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | | | |
| Râguebi | ■ | ■ | | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | | | | | | | |
| Saltos | | | | ■ | | ■ | | ■ | | ■ | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | |
| **Skate** | | | | ■ | ■ | | | | | | | | | ■ | ■ | | | | |
| **Surf** | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | | | | | | |
| Taekwondo | | | | | | | | | | | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | |
| **Ténis** | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | | |
| **Ténis de mesa** | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | |
| Tiro com arco | | ■ | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | | |
| **Tiro desportivo** | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | | | | | |
| **Triatlo** | | | | | | | ■ | ■ | | | | | ■ | | | | | | |
| **Vela** | | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | | ■ | ■ | ■ | | | |
| Voleibol | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| Voleibol de praia | | | | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | |

| 1968 | 1972 | 1976 | 1980 | 1984 | 1988 | 1992 | 1996 | 2000 | 2004 | 2008 | 2012 | 2016 | 2020 | 2024 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Cidade do México México | Munique Alemanha | Montreal Canadá | Moscovo União Soviética | Los Angeles EUA | Seul Coreia do Sul | Barcelona Espanha | Atlanta EUA | Sydney Austrália | Atenas Grécia | Pequim China | Londres Reino Unido | Rio de Janeiro Brasil | Tóquio Japão | Paris França |

# ESTRELAS ILUMINAM PARIS

Estas são **as principais figuras** dos Jogos Olímpicos, em busca de recordes e feitos históricos na capital francesa

TEXTOS **LÍDIA PARALTA GOMES**

**GINÁSTICA**

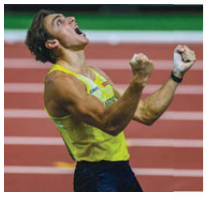
## SIMONE BILES

Com a reforma de Michael Phelps e Usain Bolt, Simone Biles tornou-se a mais que previsível cara dos Jogos Olímpicos de Tóquio. E ao abdicar de ser a estrela desportiva da competição, afastando-se de várias provas para dar prioridade à sua saúde mental, Biles transformou-se mesmo na figura maior de Tóquio 2020, abrindo como nunca a discussão sobre o bem-estar emocional dos atletas. Aos 27 anos, a ginasta mais medalhada da história regressa para uns terceiros Jogos à procura de se tornar, agora também em resultados, a grande estrela de Paris 2024. Depois de um hiato, Biles voltou à competição em 2023 e nos Mundiais de Antuérpia conquistou sete medalhas, quatro delas de ouro. Não há quem não antecipe com entusiasmo as piruetas e as impulsões impossíveis desta diminuta, mas gigante atleta.

**MARATONA**

## ELIUD KIPCHOGE

Aos 39 anos, Eliud Kipchoge já não é dono do recorde mundial da maratona, mas chega a Paris com um objetivo que o colocaria num Olimpo muito particular da história: tornar-se o primeiro atleta a vencer por três vezes a prova mais longa do programa olímpico, depois das vitórias no Rio 2016 e há três anos, em Tóquio, ultrapassando assim o etíope Abebe Bikila (campeão olímpico em 1960 e 64) e Waldemar Cierpinski, da Alemanha de Leste (em 1976 e 1980). A única maratona disputada este ano pelo queniano deixa, no entanto, algumas dúvidas: em março, foi apenas 10º na Maratona de Tóquio, o seu pior resultado na distância desde se dedicou à estrada, em 2012, depois de duas medalhas olímpicas nos 5000 m, em Atenas 2004 e Pequim 2008.



**SALTO COM VARA**

## ARMAND DUPLANTIS

O miúdo que aos três anos já treinava salto com vara no quintal da família em Lafayette, cidade no Luisiana, tornou-se uma superestrela do atletismo. Nascido nos Estados Unidos há 24 anos, mas a competir pela Suécia, país da sua mãe, Armand Duplantis habituou-se cedo a bater recordes do seu escalão e a não temer voar pelos céus. Vai tentar em Paris revalidar o título olímpico conquistado em Tóquio, ele que com 18 anos já era campeão europeu e aos 20 recordista mundial, registo que já melhorou sete vezes, até aos 6.24 m atuais, conseguidos em abril deste ano, numa competição *indoor* na China. A outrora barreira psicológica dos 6 m, que Sergey Bubka desbravou nos anos 80, é para Duplantis uma pequena brincadeira: já a ultrapassou mais de 60 vezes, mais do que qualquer atleta na história. A segunda medalha de ouro nos Jogos parece apenas uma formalidade.

**NATAÇÃO**

## KATIE LEDECKY

A candidatura de Katie Ledecky ao não oficial título de melhor nadadora da história poderia suster-se com apenas dois factos: 24 dos melhores 25 tempos de sempre nos 800 metros livres são dela e apenas dois entre os 25 melhores registos da história nos 1500 metros também são da norte-americana. Mas há muito mais: há os sete títulos olímpicos, o primeiro dos quais conquistado com apenas 15 anos nos Jogos de Londres, e as 21 medalhas de ouro em Mundiais, mais do qualquer outra nadadora. Ledecky chega a Paris 2024 com apenas 27 anos, mas como uma verdadeira veterana nestas andanças olímpicas. Mesmo com mais oposição de peso face a outros Jogos (Ariarne Titmus, Summer McIntosh), Ledecky poderá tornar-se a primeira nadadora a vencer por quatro vezes o mesmo evento em Jogos Olímpicos, caso triunfe nos 800 metros livres.

**1500 E 5000 METROS**

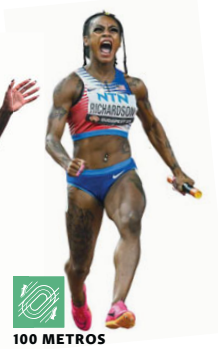
## FAITH KIPYEGON

Faith Kipyegon já sabe o que é ser feliz em Paris: nem há um mês, a atleta queniana de 30 anos bateu na capital francesa o seu próprio recorde mundial dos 1500 m, agora nos 3:49.04 s, deixando um claro sinal da vontade que tem em se tornar a primeira mulher a conquistar três vezes consecutivas a medalha de ouro olímpica na distância, depois de triunfos no Rio 2016 e Tóquio 2020. Longe vão os tempos em que uma ainda adolescente Kipyegon, a oitava de nove filhos e conhecida por "destruidora sorridente", corria descalça em provas de crosse na Europa, antes de se dedicar às pistas. Três vezes campeã mundial nos 1500 m, a sua distância predileta, a queniana vai também competir nos 5000 m nos Jogos Olímpicos de Paris, prova onde foi também campeã no Mundial de Budapeste, há um ano.

**NATAÇÃO**

## CAELEB DRESSEL

O grande dominador das piscinas nos Jogos de Tóquio no sector masculino, com cinco medalhas de ouro — para juntar às duas conquistadas no Rio 2016 — surge em Paris apenas em dois eventos individuais (50 m livres e 100 m mariposa) após falhar inesperadamente o apuramento nos 100 m livres. Dressel foi desde cedo comparado a Michael Phelps e não haverá ninguém que dele se tenha aproximado tanto — tal como o ídolo, venceu sete medalhas de ouro numa só edição de uns Mundiais —, mas sobre o nadador de 27 anos pouco se sabe depois de em 2022 ter abandonado os Mundiais a meio, por razões de saúde. Discreto, apesar das tatuagens gigantes que desenhou no corpo, voltou a competir em 2024, garantindo um lugar em Paris, onde pode aumentar um já impressionante pecúlio de medalhas olímpicas.



**100 METROS**

## SHA'CARRI RICHARDSON

Nas seletivas para os Jogos de Tóquio, há três anos, Sha'Carri Richardson apresentou-se ao mundo, tornando-se automaticamente candidata a primeira campeã olímpica norte-americana nos 100 m desde Gail Devers, em Atlanta 1996. Três meses depois, a Agência Norte-Americana Antidopagem, anunciava que a extravagante atleta, conhecida tanto pela sua velocidade como pelos longos cabelos coloridos e unhas quilométricas, havia testado positivo a THC, a substância ativa presente na canábis. Suspensa por um mês, apesar das críticas de desportistas e até políticos — Joe Biden foi um deles —, Richardson falhou Tóquio. Seguiram-se meses difíceis. Não esteve no Mundiais de 2022, mas as vitórias estavam, apenas, adiadas: nos Mundiais de 2023 foi ouro com 10.65 s, colocando-se no top 5 da história no hectómetro — o recorde mundial de 10.49 s de Florence Griffith-Joyner, que dura desde 1988, está no seu horizonte.

**100 E 200 METROS**

## NOAH LYLES

Com o adeus de Usain Bolt, parecia estar em Noah Lyles o ónus do epíteto de novo rei da velocidade, mas nem sempre o sucesso chega quando se espera. Depois de se sagrar campeão dos 200 m nos Mundiais de 2019, a pandemia foi pesada para a evolução do *sprinter* norte-americano, com prejuízo para a sua saúde mental. Em Tóquio desiludiu, ao ser apenas bronze nos 200 m, mas nos últimos Mundiais, em 2023, foi ouro nos 100 m, 200 m e 4x100 m, meta que leva para os Jogos Olímpicos de Paris. Em forma está: há menos de uma semana bateu o seu recorde pessoal nos 100 m em Londres (9.81 s). Aos 27 anos, parece ter chegado finalmente o momento do sempre atrevido e ousado — para alguns, arrogante — Lyles, o atleta que não tem medo de se autointitular o "homem mais rápido do mundo". Na capital francesa, terá oportunidade de o provar.

**SKATE**

## SKY BROWN

Tinha apenas 13 anos quando em Tóquio se tornou a mais jovem medalhada da história da Grã-Bretanha, na muito bem-sucedida estreia do skate nos Jogos Olímpicos. Um ano antes, uma queda tinha deixado Brown, filha de mãe japonesa e pai britânico, em risco de vida, os pais chegaram a pedir-lhe para parar, mas regressou para fazer história no país onde cresceu, conquistando o bronze. Tornou-se imensamente popular — tem até uma Barbie desenhada à sua imagem — num desporto que atrai os mais jovens e em Paris, agora com 16 anos, quer mais. Campeã mundial de park em 2023, Sky Brown deu os primeiros passos no skate aos três, foi aprendendo manobras no YouTube, e aos oito já competia. Ainda tentou uma inusitada dupla participação nos Jogos de Paris, ao estar presente na qualificação do surf, mas o objetivo não foi concretizado.

**400 METROS BARREIRAS**

## SYDNEY MCLAUGHLIN-LEVRON

Aos 17 anos, Sydney McLaughlin-Levron tornou-se uma das mais jovens norte-americanas a participar no atletismo nuns Jogos Olímpicos, no Rio 2016. Não passou das meias-finais, mas hoje, aos 24 anos, é a incontestada rainha dos 400 metros barreiras, a única atleta da pista a bater o recorde mundial da distância por quatro vezes, a última das quais há apenas um mês. McLaughlin, que vem de uma família de *sprinters* e que escreve poesia nos momentos em que não está na sua luta pessoal contra o relógio, foi também a primeira mulher a quebrar a barreira dos 52 s (em 2021) e dos 51 s (em 2022) na distância onde é mais do que favorita a defender o título conquistado há três anos em Tóquio.

### MENÇÕES HONROSAS

No atletismo, há mais história à espera de acontecer em Paris: a jamaicana **Shelly-Ann Fraser-Pryce**, na sua última participação olímpica, pode ser a primeira mulher a vencer por três vezes os 100 m e a neerlandesa **Sifan Hassan** vai, à partida, tentar um supereminente programa com quatro provas: 1500 m, 5000 m, 10.000 m e maratona, algo nunca visto em distâncias tão longas. Na natação, **Léon Marchand** candidata-se a figura francesa nos Jogos em casa, favorito a medalhas em quatro provas individuais. **Ariarne Titmus** e **Summer McIntosh** lutarão com Ledecky pela supremacia nas provas livres. No skate, a brasileira **Rayssa Leal**, de 16 anos, vai atrás do ouro, depois da prata em Tóquio, com apenas 13 anos. O andebolista francês **Nikola Karabatic** pode tornar-se o primeiro atleta no masculino a vencer quatro ouros numa modalidade coletiva. No basquetebol feminino, a norte-americana **Diana Taurasi** pode chegar às seis medalhas de ouro olímpicas.

Allianz
Worldwide Insurance Partner

# Seguradora Oficial dos Jogos Olímpicos

**Fernando Pimenta,**
Atleta Olímpico

Seguradora registada na ASF com o código 1028

# SE FOR PRECISO FAZER MAIS, EU FAÇO

**Fernando Pimenta** pode tornar-se o primeiro português com três medalhas olímpicas. Mas, se tal não acontecer, permanecerá "de consciência tranquila"

TEXTOS **PEDRO BARATA**
FOTOS **JOSÉ FERNANDES**

É quase como se houvesse dois Fernandos Pimenta. Um conhecido de todos, a lenda da canoagem, o homem das 145 medalhas internacionais, da prata no K2 de Londres, juntamente com Emanuel Silva, e do bronze no K1 de Tóquio, o múltiplo campeão europeu e mundial. E há o outro, mais oculto, longe da maioria dos olhares, que trabalha envolto em privacidade para que o Pimenta conhecido de todos, o Pimenta lendário, possa brilhar.

A melhor forma de conhecer o outro Fernando Pimenta é numa manhã no Centro de Alto Rendimento de Montemor-o-Velho. O dia acaba de raiar, o sol projeta uma luz clara sobre a água, e o canoísta de 34 anos chega a um hangar cheio de embarcações. A contar com este, faltam 14 dias de treino para participar no K1 1000 metros dos Jogos Olímpicos de Paris.

Duas semanas de afinações antes da possibilidade de tocar num feito inédito: tornar-se no primeiro português com três medalhas olímpicas. Se ganhar o ouro, tornar-se-á no primeiro campeão olímpico nacional fora do atletismo.

Paradoxalmente, esse pano de fundo que está ao virar da esquina, essa proximidade temporal, parece não influenciar o outro Fernando Pimenta. O cidadão preocupado que, enquanto se equipa, lamenta que Montemor-o-Velho seja, cada vez mais, uma "vila abandonada", com menos gente, mais casas vazias. O campeão atento a todos os detalhes que, quanto nota que uma pequena máquina que faz terapia de águas frias — um daqueles aparelhos nos quais os atletas entram e ajudam à recuperação — está ligeiramente ao sol, vai fechar mais uns centímetros as portas do hangar. Não há acasos quando se ganham 145 medalhas.

Não há poupanças quando se quer ganhar a 146ª. Os pormenores do dia de treinos são afinados em conversa com Hélio Lucas, o inseparável treinador, num diálogo a dois pontuado pelo cantar dos pássaros madrugadores. O técnico, de Ponte de Lima como Fernando, diz que "o viu crescer" e o tratou "quase como se fosse um filho". Teve propostas financeiramente mais apelativas para ir treinar outros canoístas, mas "isso não é tudo" e, portanto, foi-se mantendo com o conterrâneo.

## O foco

Depois de aquecer, Fernando Pimenta entra na canoa, pega nas pagaias e começa a fazer séries de percursos de dimensão variável. Ver um treino do canoísta estando na água é como observar um predador no topo da cadeia alimentar no seu ambiente natural, todo ele determinação e voracidade, concentração e fome. Enquanto parece deslizar pela água, Hélio Lucas acompanha na margem, de bicicleta.

"Saída mais limpa", "mais rápido", "atenção às costas". As indicações do técnico ecoam pela manhã de Montemor. Um pouco depois de Pimenta, entra na água um canoísta argentino e uma dupla polaca, todos com presença garantida em Paris. Fora do treino, Agustín Vernice, o argentino, oitavo no K1 1000 metros de Tóquio, é felicitado pelos companheiros pelo recente triunfo da sua seleção de futebol na Copa América.

No final do treino na água, depois de vários quilómetros percorridos, depois do aquecimento prévio, antes de ir correr mais oito quilómetros, de ir fazer trabalho de ginásio, de ir fazer exercícios de flexibilidade e prevenção, a meio do seu dia de treino intenso, tão intenso quanto é possível ser intenso, Fernando Pimenta vira-se para Hélio Lucas e diz: "Se for preciso fazer mais, eu faço."

Se for preciso perder mais um quilo para chegar perfeito a Paris, como Hélio acha que devia, então Pimenta acrescenta uma corrida matinal à sua rotina. Se for preciso passar parte do ano fora de casa, longe da mulher e dos dois filhos, então Pimenta passa. Se for para continuar além de Paris, como Pimenta acha que vai acontecer, então Pimenta continua. "Há quem acredite que me deveria retirar depois de Paris, mas isso, para já, está fora de questão. Ainda tenho um caminho para fazer e mais coisas para conquistar. Acredito que, com trabalho, resiliência e disciplina, posso conquistar mais coisas." Se for preciso um novo horizonte para pagaiar, Pimenta vai atrás dele.

## "Uma coisa normal"

Para Fernando Pimenta, o último inverno não foi fácil. "Ao estar tantos anos na alta competição", diz, cria-se "um desgaste maior", a "parte mental mexe connosco". As coisas "não fluíam" até abril.

"O grande desafio é psicológico, é ter este foco durante tanto tempo. Sei o que dói. No começo da época, sabia que tinha de sofrer muito, passar pelo inverno, pelo frio, depois passar pelo calor. Andei mais em baixo por causa disso", confessa o canoísta. Ajudado "pela família, pelo treinador e pelos amigos", Pimenta conseguiu "dar a volta". "Eu sabia o que tinha de fazer, era só voltar a esse caminho".

Nos três meses antes dos Jogos, os resultados reapareceram. Os pódios nos Europeus de junho — ouro no K1 5000 metros, prata no K1 500 metros e bronze no K1 1000 metros — permitiram perceber que estavam "a fazer bem o trabalho", explica.

Fernando Pimenta viaja para Paris no dia da cerimónia de abertura, onde fará, juntamente com Ana Cabecinha, de porta-estandarte. Diz que não é "pessoa de se enervar", mas confessa que é "uma das coisas mais bonitas" que lhe poderiam suceder.

No dia seguinte ao desfile no Sena, regressa a Portugal, voltando a vestir o fato do outro Pimenta, retomando o treino duro, austero, silencioso. Regressará a Paris dia 4 de agosto, instalando-se fora da aldeia olímpica, fora da confusão, no recato, sendo o outro Pimenta até chegar o momento de vestir o traje do super-herói, da lenda. As eliminatórias e os quartos de final são a 7 de agosto, as meias-finais e a final três dias depois.

**"O GRANDE DESAFIO É PSICOLÓGICO, É TER ESTE FOCO DURANTE TANTO TEMPO. SEI O QUE DÓI", DIZ PIMENTA, QUE ANDOU "MAIS EM BAIXO" NO COMEÇO DA ÉPOCA**

Num intervalo do treino, entre exercícios e exercícios, esforço e mais esforço, o limiano senta-se para discutir as perspetivas para os seus quartos Jogos. Fala com serenidade e admirável maturidade, um ganho de "experiência e conhecimento" destacado por Hélio Lucas, como se tudo isto fosse mais um bocado de rotina, de quotidiano, um acontecimento cosmicamente natural. Ou "normal".

Ganhar uma terceira medalha olímpica seria um feito brutal, certo, Fernando? "Não, é uma coisa normal. Se conquistar agora uma medalha, vejo-me a lutar por outra no futuro.". Mais, mais, mais.

Antevendo Paris, Hélio Lucas sublinha as diferenças face a Tóquio, acreditando que "os muitos portugueses presentes" irão ser "um fator mais a ajudar" a comitiva nacional. O técnico orienta também Teresa Portela, outra veterana, 36 anos e a caminho dos quintos Jogos, mulher que já conta com três diplomas olímpicos no palmarés. Competirá no K1 500 metros.

Pondo água na fervura da expectativa por um possível acontecimento histórico, Hélio avisa que, na prova de Pimenta, "do primeiro ao quinto ou sexto, qualquer um poderá ganhar, o nível é muito elevado. O primeiro objetivo é chegar à final. Na final, lutaremos pelo melhor resultado. Se vier uma carica associada, ficaremos muito contentes, o Fernando fará história. Mas ele foi sempre fazendo história ao longo dos anos", recorda o treinador.

A mesma linha de raciocínio é aplicada pelo homem habituado a morder as "caricas". "Se, a três dias dos Jogos, decidisse acabar a carreira, o brilho do meu currículo não seria apagado. Os Jogos não são uma prova em que tenha de me mostrar, são para desfru-

# OS AVISOS SOLITÁRIOS DO CAMPEÃO

"Em Portugal, temos de pensar em trabalhar o alto rendimento à séria, e não um pseudoalto rendimento", queixa-se Pimenta

tar, divertir-me e dar o máximo. Claro que ambiciono o melhor, mas, se tal não acontecer, estarei de consciência tranquila", garante Pimenta.

### As duas medalhas que valem mais do que 145

"Se o Fernando é muito exigente e teimoso, então eu sou ao quadrado", diz Hélio Lucas. A fasquia permanentemente alta colocada pelo treinador é apontada por Pimenta como uma "grande motivação" para continuar.

Mas há outro segredo. No centro do outro Fernando, na face menos visível da face menos visível do campeão, estão Margarida e Santiago, os filhos. Antes de uma sessão de flexibilidade, os dois juntam-se ao pai, brincando, rindo. São "uma grande fonte de energia", tal como a mulher, que "segura o barco", descreve Pimenta.

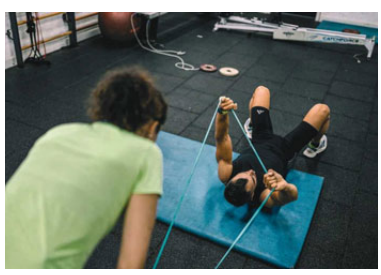
Se for preciso fazer mais, Fernando fará. Mais estágios, mais treinos, menos tempo de Margarida e Santiago. Mas fazer mais traz "responsabilidades", diz, porque se está "a abdicar de estar com eles, então é para aproveitar ao máximo, para dar tudo". "Quando terminar este ciclo, que saiba que fiz tudo para que tudo corresse bem e, se não correr, que eles se sintam orgulhosos do pai", diz Fernando, vendo como Margarida e Santiago vão brincando.

Na casa dos Pimenta, há um espaço reservado às medalhas do pai. A Margarida gosta de brincar com elas, grita pelo "papá campeão", talvez tenha mais uma com que brincar em breve, juntando-se a outras duas que pertencem a um grupo especial. Mas, para Fernando, toda esta história, toda esta glória, é inferior aos seres pequeninos que estão ali, à sua frente. "São as minhas maiores medalhas, mais do que as 145", diz antes de se voltar a despedir da família para concluir o dia de treino.

No dia seguinte, quando a madrugada raiar, a rotina recomeça. Hélio gritará da beira de água, os pássaros cantarão, Fernando dirá que, se for preciso fazer mais, ele fará.

pmbarata@expresso.impresa.pt

**Uma manhã de Fernando Pimenta em Montemor-o-Velho. O canoísta faz treinos na água, aquecimento numa máquina fixa e trabalho de ginásio, mantendo sempre o diálogo com Hélio Lucas, seu técnico de longa data**



Como uma voz da consciência não escutada. É assim que Fernando Pimenta se sente quando alerta para as carências do desporto de alto rendimento em Portugal, para a falta de condições, para o escasso investimento, para a desvantagem competitiva que quase todos os atletas nacionais têm quando entram em ação nos maiores palcos.

Antes de iniciarem os dias em que modalidades normalmente menos mediáticas saltam para o primeiro plano de relevância, sujeitas a avaliações que, sendo pouco informadas, são injustas, Pimenta puxa do estatuto de lenda para fazer avisos que, nele, são recorrentes. "Em Portugal, temos de trabalhar o alto rendimento à séria, e não um pseudoalto rendimento", é o resumo do pedido do canoísta.

O investimento de Portugal no desporto é, segundo o Instituto Nacional de Estatística, de cerca de €40 por habitante, quando a média europeia está nos €113. Nos 29 debates televisivos que antecederam as legislativas de março, o desporto foi zero vezes mencionado ao longo das 18 horas de discussão entre os líderes políticos.

Fernando Pimenta pede que se faça "uma avaliação" para que o desporto nacional "decida para onde quer ir". "Utilizamos demasiadas vezes a palavra impossível. Se quem rege o desporto tiver a palavra impossível na cabeça, nada vai acontecer. No vocabulário de um atleta, o impossível não existe", sublinha o atleta do Benfica.

### "Basta fazer um *copy paste*"

Em 2021, antes dos Jogos de Tóquio, já Pimenta avisava que os seus adversários estrangeiros tinham "a vida facilitada". Em 2023, em entrevista ao Expresso, repetiu, dizendo que os outros têm "melhores condições" e apontando exemplo de realidades diferentes: "Na Bulgária, um medalhado olímpico tem cinco vezes o ordenado mínimo como pensão vitalícia, acumulável com mais medalhas."

Sentado a olhar para a janela de um hotel de Montemor-o-Velho cheio de canoístas que ali se instalam enquanto se preparam no centro de alto rendimento, Fernando Pimenta pede que se "escutem os atletas" e "se criem as condições necessárias". Bastaria, opina, fazer "um *copy paste*" do que "é feito noutros países", adaptando-o à realidade nacional.

**"NÃO POSSO SER SÓ EU A FALAR, PORQUE DEPOIS ALGUMAS PESSOAS OU ENTIDADES ACHAM QUE EU É QUE SOU BIRRENTO", DIZ SOBRE A LUTA POR MELHORES CONDIÇÕES EM PORTUGAL**

A constante procura por novos êxitos desportivos não parece desfocar Pimenta da luta por um desporto português melhor. No entanto, confessa sentir-se "um bocadinho sozinho" nesta cruzada. "Não posso ser só eu a falar, porque depois algumas pessoas ou entidades acham que eu é que sou birrento. Mas é o que vejo noutros países, que depois não têm uma, duas ou três medalhas, têm dezenas, e não possuem uma população ou um PIB muito superior ao nosso."

Em Tóquio, Portugal conseguiu a melhor participação de sempre, com quatro medalhas. Mas a Nova Zelândia, com pouco mais do que cinco milhões de habitantes, teve 20 medalhas, o mesmo número da Hungria, que não chega aos 10 milhões. A Bulgária, com pouco mais do que 6 milhões de pessoas, teve seis medalhas, três delas de ouro, mais do que Portugal obteve na soma de todos os Jogos do século XXI.

"Tem de haver mais atletas portugueses a quererem mudar e melhorar as condições", apela Pimenta, terminando com um último alerta. "Há países que estão a apostar muito no desporto, contratando e naturalizando atletas. Acredito que, cada vez mais, vão chegar a um país como o nosso e perguntar 'o que é que tu queres para competir por nós'. Aí, teremos uma perda de talento grande e isso será irreversível."

# "É DIFÍCIL UM ATLETA SENTIR-SE NO SEU MELHOR"

**Ana Bispo Ramires** é psicóloga do desporto, esteve em Tóquio 2020 e lembra que num contexto olímpico há "centenas de fontes de pressão" para os atletas

TEXTO **LÍDIA PARALTA GOMES**
FOTO **NUNO BOTELHO**

**P Nos dias que antecedem uns Jogos Olímpicos, um atleta está mais entusiasmado ou mais ansioso?**

**R** Numa experiência como a dos Jogos é muito difícil que os atletas se possam sentir no seu melhor. Ou seja, vão com a expectativa de "vou estar no meu máximo, quero entrar em *flow*", que é um estado emocional onde tudo parece fluir, todos os sentidos estão afinados com a tarefa, tudo corre bem, dando origem a desempenhos extraordinários, mas a taxa de atletas que consegue fazer isso nuns Jogos é mínima. Há quase sempre ansiedade e perturbação de sono muito marcadas, o volume de pensamentos e de emoções fica acelerado. É a maior festa desportiva multimodalidade e, especialmente para os atletas que vão a primeira vez, importa ter a expectativa regulada, pois é difícil ter os melhores resultados na primeira visita.

**P De onde chega a pressão?**

**R** Uma das principais fontes de pressão são fontes externas — treinadores, *staff*, amigos, família. Porque os atletas levam quatro anos a preparar-se para aquele momento, mas o entorno não. O entorno está sempre focado no atleta, não se foca em si próprio, nas competências que tem de ter para poder ser apoio e não fonte de stresse. Às vezes, numa coisa tão simples como o dizer "boa campeão, vais sacar uma medalha" acabamos por estar a instalar ainda mais pressão numa fase em que o atleta precisa apenas de estar na bolha dele. É preciso dar-lhes espaço.

**P Há um momento em que esse período de ansiedade desaparece e se transforma em ação?**

**R** Claro que sim — e a esmagadora maioria dos atletas é o que faz, mesmo sem saber que o faz. Num palco como os Jogos, para o qual os atletas se preparam para aparecerem no seu melhor, na reta final o que vai fazer a diferença é a forma como vão conseguir, ou não, ativar o seu ponto ótimo em termos de recursos psico-emocionais. Neste tipo de experiência, não vence o atleta que se "sente melhor", vence o que, independentemente do que possa estar a sentir e pensar, consegue estar completamente focado na tarefa e fazer o que é preciso ser feito. Focar nas tarefas que potenciam o resultado que se quer e não no resultado *per se*. Querer uma medalha é pôr a atenção num futuro que não controlamos — temos de trazer os nossos atletas para o aqui e agora, sempre. Em competições desta natureza tende a ter melhores resultados o atleta que, independentemente do que sente ou pensa, no momento da competição põe tudo a zeros, mete a mudança e vai em frente.

**P Para lá do trabalho de preparação que se faz durante o ciclo olímpico, que atuação ainda é possível um psicólogo ter no terreno, já nos Jogos?**

**R** No terreno, quando um atleta 'bloqueia', a única ajuda de que ele precisa é como o distrair do que o perturba naquele momento, a fonte de preocupação, seja ela qual for, e redirecionar para a tarefa. Um psicólogo especialista poderá fazer pequenas intervenções em crise: identificar o que causa o bloqueio ou ansiedade e ajudar aquele atleta numa ou duas sessões a encontrar o ponto certo para refocar a atenção nas tarefas importantes. Até porque eles já têm a competência instalada. Porque há todo um trabalho que pode ser feito com atletas ao longo do tempo — e muitos já o fazem. Quando trabalhamos com atletas olímpicos cujo trabalho tem regras restritas de confidencialidade, cada competição que ocorre no período de preparação é usada para treinar, testar e aferir a evolução nas competências-alvo a trabalhar, como é o caso da capacidade de entrar voluntariamente em *flow*, porque apesar de sabermos que nos Jogos Olímpicos é reduzida a hipótese de eles atuarem nesse tipo de estado emocional, nós queremos aumentar essa probabilidade. No terreno há algo muito importante, que é estarmos presentes de forma transparente. Fazer-mo-nos sentir presentes interferir com o espaço do atleta. A intervenção tem de ser muito cirúrgica, dentro do espaço de respeito com o atleta e fazendo a menor perturbação possível.

**P Fazia falta ao público, que por esta altura gosta sempre de pedir medalhas, às vezes sem conhecer a realidade dos atletas, também fazer este trabalho de psicologia, de saber gerir as expectativas e emoções?**

**R** Eu acho que aí entramos numa questão de saúde pública. As pessoas não são capazes de se regular do ponto de vista emocional e isso resulta muitas vezes em comportamentos em massa completamente desajustados e que não fazem sentido absolutamente nenhum. Os casos do António Silva e do João Félix agora no Euro, por exemplo: de repente, dois miúdos que têm a idade que têm, obrigados a arcar com o orgulho nacional e com a felicidade de um país inteiro. Isto é completamente irreal e até um bocadinho assustador. As pessoas que estão do lado de cá têm de começar a saber estar, no sentido de saberem apoiar alguém que representa Portugal. Aqui é preciso responsabilizar os media: aquilo que foi feito com o António Silva e com o João Félix não deixa de ser uma forma de *bullying*. Eu vi um título a dizer "Infélix", que é um disparate autêntico, eu fiquei a pensar: o senhor que teve esta ideia brilhante, se isto fosse feito com o filho dele numa escola qual seria a sua resposta emocional? Nos Jogos não é só o resultado, são anos de dedicação, de sacrifício, de dor, de escolher não estar com a família, de optar muitas vezes por não ter vida pessoal, e o cidadão comum não sabe o que isto é.

**P Os atletas sentem essa pressão que vem da opinião pública ou conseguem abstrair-se?**

**R** Sim, sentem. Há um momento em particular no Europeu que espelha isso — quando Cristiano Ronaldo pede desculpa ao público. Falhou o penálti, pediu desculpa quando voltou a marcar. É a imagem máxima da responsabilidade que um atleta traz para cima de si. Muito frequentemente tomam para si este lado de super-herói, de "eu devia ter sido capaz de fazer melhor". Quando na realidade não devem nada, são de carne e osso. Só para termos noção, numa situação de competição como a dos Jogos, podem estar ao mesmo tempo em ação mais de 600 possíveis fontes de pressão. No nosso dia a dia, nenhum de nós sabe o que é isso. Um Europeu de Futebol, um Mundial, uns Jogos Olímpicos são extraordinárias oportunidades para o povo português treinar-se a apoiar de forma incondicional quem se propõe a lá estar e a defender uma marca que é de todos nós — Portugal.

lpgomes@expresso.impresa.pt

# COMO PARIS SE ESFORÇA POR PASSAR UMA "BOA IMAGEM"

Dezenas de milhares de polícias, seguranças privados e militares mobilizados na capital francesa

TEXTO **MARIANA ABREU** EM PARIS

Na capital francesa, o acesso ao rio Sena onde decorre a cerimónia de abertura está fechado há vários dias. Estações de metro encerraram. Por toda a cidade, milhares de militares e unidades policiais, francesas e estrangeiras, patrulham as ruas. Objetivo das autoridades? O "risco zero". Segundo Guillaume Farde, professor de economia da segurança e da defesa no Instituto de Estudos Políticos de Paris, existem vários tipos de ameaças a ter em conta: "Há a possibilidade de um aumento da delinquência, que se adapta ao afluxo de turistas durante os Jogos", explicou ao Expresso. "Contamos, nomeadamente, com o aumento de fraudes, dos táxis falsos, ou dos AirBnb falsos." Também se antecipam possíveis ingerências estrangeiras, "dos ataques cibernéticos ao simples *trolling* político, como a disseminação de notícias falsas sobre infestações de percevejos em Paris", explicou.

"O que mais tememos é a ação de ataques terroristas em massa", acrescentou. Para conter estas ameaças, 100% dos efetivos policiais estarão de serviço durante os Jogos no país inteiro. Darmanin garante que foram feitos um milhão de inquéritos administrativos. Estes controlos de segurança foram destinados a toda a gente que participará: atletas, treinadores, jornalistas, voluntários, seguranças privados ou mesmo pessoas que vivam perto do local onde se organiza a cerimónia. Foram afastadas 4355 pessoas que poderiam representar uma ameaça.

"A cerimónia de abertura é um desafio considerável, porque é a primeira vez na história dos Jogos que se realiza num local aberto e, por isso, o desafio é encontrar maneiras de o fechar", disse Farde ao Expresso. Em vez de decorrer num estádio, é espalhada por zonas centrais da capital. "É um paradoxo. França ganhou o direito de acolher os Jogos, mas a abertura significa vulnerabilidade. Por isso é que o número de espetadores autorizados a assistir à abertura foi reduzido para metade."

Conta-se ainda com a "ameaça da contestação", como "manifestações e ativistas que possam querer perturbar os eventos", explicou o professor, insistindo que "não se trata de uma ameaça perigosa, mas de uma ameaça incómoda, que pode prejudicar a imagem da competição". O sucesso dos Jogos não é apenas questão de antecipação do risco de terrorismo ou de controlo da criminalidade, como referiu o Presidente, Emmanuel Macron, em julho de 2023, perante o Comité Olímpico e Paralímpico: tudo tem a ver com a "imagem" do país.

Para os residentes de Paris, a luta pela preservação da imagem tem ares de circo. Quem vive ou trabalha nas zonas onde o acesso é restrito precisa de um código QR para circular e poucos foram distribuídos. Lojas e negócios perto das ruas bloqueadas têm acolhido cada vez menos clientes. E, para quem não se lembrou de comprar passes de metro com antecedência, o preço do bilhete duplicou.

A imagem que Macron quer dar da capital francesa é também de prosperidade. Como tal, foi adotada uma estratégia para expulsar os sem-abrigo. Em janeiro, eram mais de 4200 os que viviam nas ruas da capital, segundo as estimativas da Noite de Solidariedade, organizada pela Câmara de Paris. Durante os últimos três anos, o número de despejos ligados a ordens de evacuação na região de Île-de-France triplicou. "É, realmente, uma vontade de querer fazer de Paris um postal e de fazer desaparecer do espaço público todas estas pessoas em situação precária, que ofuscam essa imagem", afirmou Aurélia Huot, responsável da associação Ordem dos Advogados de Paris Solidariedade. "As evacuações decorriam sem aviso prévio. A polícia vinha desalojar os acampamentos entre as 6 e as 7 da manhã, e em menos de uma hora todos tinham de subir para um autocarro em direção aos subúrbios. Portanto, era completamente aleatório", explicou ao Expresso Charlotte Kwantes, representante da associação Utopia 56.

"É sempre assim, sejam os Jogos Olímpicos, o Mundial... nunca nada é pensado de antemão", disse a ativista ao Expresso. "As autoridades congratulam-se por conseguirem receber o mundo inteiro para celebrar o desporto, a união dos povos, etc. É tudo ótimo, mas por trás disso o impacto não é pequeno para quem vai ter de pagar 4 euros por bilhete de transporte nem para as pessoas na rua a quem as autoridades dão a entender que deviam deixar de existir."

tribuna@expresso.impresa.pt

BOA CAMA BOA MESA
JÁ NAS BANCAS TAMBÉM *ONLINE* EM EXPRESSO.PT/BCBM

EXPRESSINHO HOJE GRÁTIS
NA REVISTA DO EXPRESSO

idealista
A app imobiliária líder em Portugal

Expresso
26 de julho de 2024
2700 • • Semanário
www.expresso.pt

PUBLICIDADE

Propina zero para alunos de licenciatura de 2024/2025.

Todos os alunos que entrem no ISEG em 1.ª opção, com média igual ou superior a 17,50 nas licenciaturas em Economia, Gestão, Economics, Management e Finance, e 18,50 na licenciatura em MAEG não pagam o 1.º ano de propinas.

iseg.ulisboa.pt

O ISEG é Triple Crown!

Menos de 1% das business schools em todo o mundo têm esta distinção!

EQUIS ACCREDITED
AACSB ACCREDITED
ASSOCIATION OF MBAS

ISEG
Lisbon School of Economics & Management
Universidade de Lisboa

# OPEN MINDS. GRAB THE FUTURE.

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

## Zoom Out

Estamos uma vez mais a dar conta do muito que estamos a fazer no "universo ISEG". Através de notícias mais desenvolvidas podem tomar conhecimento de muitos aspetos que mostram como esta Escola centenária de economia e gestão sabe manter uma dinâmica, inovadora e marcante, distintiva na sociedade portuguesa, podendo ver-se esta peça de comunicação como uma forma diferente de "prestação de contas" à sociedade que a suporta, em parte, através dos impostos.

Começo por destacar a acreditação EQUIS, um selo de qualidade que a EFMD – European Foundation for Management Development atribui a escolas que demonstrem um patamar de elevada qualidade no cumprimento de standards de vários tipos que vão da avaliação dos programas oferecidos, à qualidade dos estudantes admitidos, passando pela qualificação do seu corpo docente. Esta acreditação preocupa-se também com a qualidade e impacto da investigação desenvolvida, com o desenvolvimento e qualidade da formação executiva disponibilizada ao mercado, com os recursos humanos e financeiros disponíveis, com o compromisso da Escola perante o processo de internacionalização, com as exigências de natureza ética, de responsabilidade social e sustentabilidade, assim como a sua ligação à vida organizacional que a rodeia (das orientadas ou não orientadas para o lucro) quer de âmbito local quer nacional. Enfim, uma avaliação muito exigente e que se consubstanciou em mais uma que, juntando-se às duas outras acreditações internacionais que o ISEG já tinha (AMBA e AACSB), nos dão a classificação conhecida como a "triple crown". **De entre as mais de 13.000 escolas da gestão no mundo, menos de 1% têm esta tripla acreditação agora obtida pelo ISEG, um reconhecimento notável que resulta de uma contribuição de múltiplos *players* que vêm na oferta formativa e no modelo de ensino aqui perseguido uma vantagem distintiva e competitiva.**

Nestas páginas damos conta da empregabilidade dos nossos estudantes graduados, ou do nível de satisfação das empresas que os recrutam ou mesmo dos pais dos jovens que ingressam na nossa Escola e que beneficiam do ambiente plural, multidisciplinar e de formação humanista e solidária em que se educa no sentido do sucesso coletivo das organizações em que nos inserimos e que abrange correntes de natureza quantitativa e qualitativa. Pensamos que as soluções para problemas complexos exigem respostas de multivariada perspetiva. Por isso a Escola acolhe e estimula a diversidade de escolas de pensamento e de metodologias, o que é uma clara vantagem no mundo de hoje. Ao contrário do que nos possam querer vender as soluções populistas simples e acantonadas em maniqueísmos populistas não garantem organizações sustentáveis.

Por fim uma palavra sobre o nosso programa de atração de talento que, a par de outras iniciativas de apoio a alunos carenciados, continuamos a possibilitar que os excelentes alunos candidatos às licenciaturas do ISEG sejam apoiados por empresas que lhes providenciam bolsas de estudo que compensam o valor das propinas.

Enfim, podem ler aqui as últimas notícias de uma escola centenária que se orgulha do seu passado, mas que continua a orgulhar-se do presente, com uma marca distintiva na sociedade portuguesa.

**João Duque**
*Presidente do ISEG*

## 17,38 em 20

Média de pais felizes com o ISEG

**Ninguém tem os números do ISEG**

ISEG | U LISBOA

*Desde o início, o ISEG promoveu uma excelente adaptação para os novos alunos através de diversos programas, como o mentorado, os buddy's e os welcome days. Essas iniciativas foram cruciais para que a Vera se sentisse completamente integrada e ambientada poucos dias após o início das aulas.* ***A licenciatura em Finance traz ótimas oportunidades e abriu um vasto leque de opções para o futuro da Vera. Uma das grandes vantagens é a possibilidade de realizar um Dual-Degree em parceria com a Kozminski University****."*

**Sofia Lopes**, mãe da Vera Nunes, aluna de Finance.
Entrou no ISEG em 2022 com 15,90 valores.

*O ISEG representa a tradição.* ***A história e reputação da Faculdade, revelada pelo elevado número de figuras públicas, significa mérito.*** *Espero que a minha filha entre no mercado de trabalho e contribua para a produção de riqueza nacional."*

**João Ferreira**, Pai da Anita Ferreira, aluna de Economia.
Entrou no ISEG em 2021 com 17,30 valores.

*A conciliação entre as exigências do estudo e a intervenção cívica, entre a disciplina imposta pelos desafios pessoais e a aprendizagem em cuidar do coletivo.* ***No tempo que durou esta licenciatura, vi um filho feliz – e não há nada melhor que um pai possa desejar da escola que ele decide frequentar.*** *Obrigado ISEG pelo que fica naquilo que passa, obrigado por ter sido preservado o essencial em tudo o que mudou nos últimos trinta e cinco anos."*

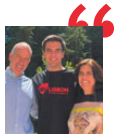
**Sérgio Figueiredo**, pai do Manuel Ribeiro, aluno de Management.
Entrou no ISEG em 2024 com 17 valores.

*No ISEG identifico valores como a preocupação com os alunos, exigência de ensino e claro, a insistência numa formação completa e diferenciada no que toca a atividades extracurriculares.* ***O ISEG sabe como cativar e motivar os seus futuros e atuais alunos bem como a integração destes no mercado de trabalho através de um excelente "career services."***

**João Outão**, pai do Ricardo Outão, aluno de Gestão.
Entrou no ISEG em 2022 com 17,40 valores.

***O ISEG prepara os alunos para os desafios profissionais através de estágios e parcerias com empresas, promovendo o espírito de equipa e empreendedorismo****, o que fomenta a capacidade de adaptação a uma sociedade em mudança. Acredito que, após concluir o curso, toda essa experiência formativa contribuirá significativamente para seu crescimento pessoal, profissional e social, sustentado pelos valores que ele adquiriu ao longo de sua jornada."*

**Maria Fernanda Jacinto**, mãe do Nelson Duarte, aluno de Economics.
Entrou no ISEG em 2021 com 16 valores.



*Excelência académica e a inclusão são dois dos valores que mais destacamos no ISEG e que consideramos fundamentais para os sucessos passados, presentes e futuros do João.* ***O associativismo e a dinamização de atividades e participação dos estudantes em programas organizados pelos próprios, como é o caso da JBC, incute aos estudantes um grande sentido de responsabilidade e ao mesmo tempo de companheirismo e solidariedade.****"*

**Maria de Fátima e Vítor Roque**, pais do João Roque, aluno de MAEG.
Entrou no ISEG em 2022 com 19,70 valores.

## ISEG em números #lifeatiseg

**1911**
Desde

**#1**
Faz parte da Universidade de Lisboa - a Universidade nº 1 em Portugal

**+7000**
Estudantes

**+50.000**
Ofertas de Emprego, nacionais e internacionais, por ano

**1%**
No topo 1% das melhores escolas de economia e gestão do mundo

**70**
Nacionalidades

**+230**
Docentes

**20%+**
Estudantes Internacionais

**96.7%**
Empregabilidade até 6 meses ao término dos cursos

**+190 Doutorados Integragos no ISEG Research**
A maior unidade de investigação na área de Economia e Gestão em Portugal